

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - IFCH**

SILVIO ROGÉRIO DOS SANTOS

O SISTEMA É A BOMBA E O PAVIO:

O Projeto da Literatura Marginal/Periférica revisto à partir dos Coletivos Poesia na
Brasa e Perifatividade em São Paulo

Campinas
2019

SILVIO ROGÉRIO DOS SANTOS

O SISTEMA É A BOMBA E O PAVIO:

O Projeto da Literatura Marginal/Periférica revisto à partir dos Coletivos Poesia na Brasa e Perifatividade em São Paulo

Monografia apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, orientada pelo Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva.

Campinas
2019

SILVIO ROGÉRIO DOS SANTOS

O SISTEMA É A BOMBA E O PAVIO:

O Projeto da Literatura Marginal/Periférica revisto a partir dos Coletivos Poesia na Brasa e Perifatividade em São Paulo

Monografia apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, orientada pelo Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva.

Campinas, 09 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva - Orientador
Universidade Estadual de Campinas

Prof^a. Dr^a. Érica Peçanha do Nascimento – Membro da Banca
Universidade de São Paulo

Prof^a. Dr^a. Mariana Miggiolaro Chaguri – Membro da Banca
Universidade Estadual de Campinas

Dedico essa monografia, primeiramente à meu irmão, Jean Marin dos Santos, por cumprir tão bem o papel do pai que me faltou, e por ser o primeiro a me apresentar a potência da combinação entre cultura e política. Também dedico este trabalho a minha mãe, eterna vendedora de “Tapauér” que cuidou sozinha de seus cinco rebentos, do melhor jeito que pode. Dedico ainda aos meus familiares de sangue e aos da rua, tão fundamentais na minha formação como animal político como em minha vida. Desde abajo y a La izquierda, siempre.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, irmãos, amigas e amigos por terem me dado apoio e força para superar as dificuldades. Sem vocês, eu não estaria aqui.

A minhas irmãs de leitura, com quem participei do primeiro coletivo na vida, sem me dar conta, que era nosso “circulo do livro”: Cida, Erika e as Adrianas. Amo vocês!

A todos e todas condenados/as da terra, que se recusam aceitar as regras do jogo sujo como ele se apresenta e que deram e dão suas vidas, não para se sentar à mesa do opressor, mas para virá-la, para pô-la abaixo.

A todos e todas que vieram antes de mim, que lutaram por uma sociedade mais justa e livre.

A todos e todas que ainda virão, com calos nas mãos, idéias na cabeça e brilho nos olhos, buscando transformar a realidade desigual que nos é imposta.

Aos Coletivos interlocutores, co-autores desta pesquisa e sua gente: Paulo, Ruivo, Ana, Vinão, Diego, Jotacê, Vagnão, Chellmí, Sônia, Sidney e Samantha. Não só por me aceitarem e me receberem em seu cotidiano e em suas casas, mas também pela irmandade na conspiração por dias melhores nas periferias.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros, pela enorme paciência, dedicação e apoio ao longo desses anos, por me instigar e me transformar num cientista social de fato. Ou pelo menos, em algo que o valha.

À minha co-orientadora, Prof. Dra. Taniele Rui, também pela paciência, parceria e dedicação ao longo desses anos, assim como também me instigar e me transformar num cientista social, ou algo bem próximo disso.

À banca de defesa desta monografia, composta pela Prof^a Dr^a Érica Peçanha e pela Prof^a Dr^a Mariana Chaguri, pela leitura atenta e detalhada deste trabalho, além das pontuações e importantes contribuições para o mesmo.

Aos trabalhadores e trabalhadoras da Unicamp, em especial os e as terceirizados/as dos restaurantes universitários da Unicamp, que são o pilar da

universidade e os que mais têm seus direitos tolhidos na mesma. Muito obrigado por prepararem minha alimentação ao longo destes anos. E que o valor de seu trabalho tenha o devido reconhecimento o mais breve possível!

Aos funcionários da biblioteca do IFCH, onde fui bolsista por dois anos, por toda atenção e paciência comigo, tanto como bolsista trabalho, como aluno. Em especial ao Cláudio, a Helena, ao Roberto, à Júlia, à Ciça, ao Sandro, à Marta, ao Marcos, ao Santos, à Sandra. Muito obrigado!

Aos inestimáveis Sr. Luiz, Benê e Morceção (RIP) da Xerox do IFCH, pelas conversas, apoio e grande amizade. Vocês sempre fizeram com que eu me sentisse em casa!

À assistente Social Cibele Papa Palmeira, por sempre me tratar com o respeito e estar sempre disposta a me atender para resolver as burocracias do Sae.

À Moradia Estudantil da Unicamp, aos estudantes que se organizaram e se organizam para receber os ingressantes, aos RD's da moradia que doaram seu tempo e esforço para fazer com ela realmente funcionasse como uma comunidade, apesar dos contratemplos. Ao Movimento Taba e todos e todas que lutaram para a conquista da moradia.

À Maíra Pradelli, pessoal fundamental em minha vida, pelos anos de companheirismo, amor, dedicação, apoio e muita paciência, além da parceria intelectual inestimável durante os anos em que me acompanhou nesta pesquisa e na vida.

À minha família de rua, que ao longo desses anos de exílio, me acompanhou e apoiou como pode, mesmo distante: Alex Pantoja, Ruivo Lopes, Elaine Campos, Luiz Claudio, Douglas Fusco, Alan Zas, Fernando Oliveira, Kleber e Lili. Vocês são minha bússola.

À família que constituí aqui no exílio, que sempre esteve lado a lado, apoiando, me agüentado, se preocupando e cuidando de mim e vice versa: João Loshas (O eterno boy magia da P6), Nathália Barros (O homem da minha vida), Amanda Gonçalves, Gabriela Goulart, Marina Padilha, Beatriz Laiate, Marco Tobón, Pedro Fermin, Fernando Matias, Rafael Monpean, Ianca Almeida, Gustavo

Reis, Giorgia Carolina, Rodrigo Ribeiro, Diogo Valmor, Angélica Brotto, David Menezes, Marília Marques, Frantz Johnny, Matheus Lopes, Agnus Lauriano, Mateus Oliveira, Mauricio Moysés, Ingrid Possari. Sem vocês, nada disso teria o sabor que tem.

Aos Coletivos dos quais fiz parte na universidade, O Núcleo de Consciência Negra e a Frente Pró Cotas, por todo o aprendizado.

A todos e todas que tiveram o prazer e o desprazer de conviver comigo na famigerada P6. Peço desculpas pelos excessos e agradeço pelo aprendizado.

À minha família animal; ao Zeca que ainda está aqui e a todos e todas que já se foram, e que sempre me ensinaram o valor das coisas simples e da empatia com o próximo.

Aos meus filhos postíços, que deixei no Jardim Eliana: Erick Chucky, Bruno Moraes, Marcelo e Magno Cunha, Crislan e Antônio Paiva. Vocês me dão muitas saudades.

Aos/às Peds que se tornaram amigos/as e referências, por todas as idéias e conspirações partilhadas: Ernenek Mejía, Mariana Petroni, Carla Craice e Kati Shishito.

Aos/às Camaradas que me ajudaram não só durante a construção da monografia, mas também durante a elaboração do projeto de mestrado, resultante desta, quebrando a cabeça e refletindo sobre questões importantes: Mariana Shironcato, Christian Ribeiro, Katiuscia Galhera, Camila Vedovello, Marco Tobón, Frantz Johnny, Gustavo Reis, Daniela Vieira, Danielle Motta, Márcia Cunha e Lívia De Tommasi.

Aos/às professores/as Christiano Tambascia, Antônio Guerreiro, Fernando Lourenço, Andréia Galvão, John Monteiro (RIP), Sávio Cavalcante, Mariana Chaguri, Alfredo César Melo, Carol Catini, Márcia Cunha, Daniela Motta e Daniela Vieira, pela dedicação e inspiração, além da amizade.

À Érica Peçanha, pela inspiração e referência, como uma intelectual periférica, pioneira em desvendar os meandros da produção cultural nas periferias.

Ao Movimento Anarcopunk e a Cena Straight Edge Política dos Anos 90. Ao Coletivo Altruísta, à Juventude Libertária, ao Coletivo Anarquistas contra o Racismo, ao Coletivo Vermelho e Negro, ao Fanzine Sonidos Ruidos y Ideas e ao Punto de Vista Positivo Zine, assim como ao Rap Nacional da mesma década, especialmente ao GOG, por ajudarem a moldar meu caráter e a me instruir politicamente.

Às/aos professores/as da rede pública e dos cursinhos populares, companheiros e companheiras valorosos/as na luta pela educação e por novos dias.

A turma da Educafro do Jardim Eliana, por me possibilitarem a voltar a estudar e transformarem a possibilidade de entrar na universidade pública, algo mais palpável. Julio, Cebola, Pipoca, Homero, Cláudia, Adriana, Ana. E como não poderia faltar, muito obrigado pelas longas conversas e tudo mais na famigerada sala quatro!

A meus professores na EEPSP Clarina Amaral Gurgel, em especial aos/as do ginásio e ensino médio, por me estimularem a pensar e por acolherem e ajudarem a canalizar minha rebeldia, ainda juvenil e bruta. À turma de desajustados do ensino médio dessa mesma escola, que descobriram comigo as glórias e as desventuras da rebeldia de jovens anarquistas no extremo sul da zona sul: Alan, Sérgio, Serginho, Frander, Rogério, William, Fábio, Cristiano e Luciano. Jaybow's Forever!

Ao Pibic/CNPq Unicamp e a Faepex Unicamp pelos anos de concessão das bolsas em Iniciação Científica, fundamental para os jovens pesquisadores, pelo apoio e financiamento.

A todos os desafetos também, pois ninguém vive só de afagos. De perto ou de longe, direta ou indiretamente, vocês também me ensinaram e ensinam muito.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha vida e formação, o meu muito obrigado.

Resumo

Esta monografia busca discutir como são interpretadas e mobilizadas as proposições levantadas pelos coletivos literários da periferia nos tempos atuais, comparando-as com as propostas de seu surgimento, no começo dos anos 2000. Para realizar esta empreitada, foram pesquisadas e acompanhadas as atividades de dois coletivos periféricos de São Paulo: o Coletivo Poesia na Brasa, que atua na Vila Brasilândia e o Coletivo Perifatividade, que atua na região do Fundão do Ipiranga. Objetivou-se reconstituir analiticamente aspectos das histórias e formas de organização, como também realizar uma observação participante das ações desenvolvidas por estes grupos, no intuito de conseguir uma compreensão mais substancial desse fenômeno. A pesquisa se deu dentre os anos de 2016 a 2018, num primeiro momento, fazendo um levantamento bibliográfico e depois realizando um trabalho de campo e entrevistas, onde novas problemáticas surgiram, para além da produção literário-cultural destes coletivos assim como suas relações e embates com o poder público, o financiamento de suas atividades, sua sobrevivência material e o surgimento do empreendedorismo cultural-periférico.

Palavras-chave: Periferias, Produção Cultural, Movimentos Culturais, Movimentos Sociais, Política, Cidades, Transformações, Conflitos.

Resumen

Esta monografía busca discutir cómo las proposiciones planteadas por los colectivos literarios de las periferias son interpretadas y movilizadas en los tiempos actuales, comparándolas con las propuestas de su surgimiento, a principios de la década de 2000. Para llevar a cabo esta tarea, se investigaron y monitorearon las actividades de dos colectivos periféricos de São Paulo: el colectivo *Poesia na Brasa*, que opera en Vila Brasilândia y el colectivo *Perifatividade*, que opera en la región de Fundão do Ipiranga. El objetivo era reconstituir analíticamente aspectos de sus historias y formas de organización, así como hacer observación

participante de las acciones desarrolladas por estos grupos, para lograr una comprensión más sustancial de este fenómeno. La investigación se llevó a cabo entre los años 2016 y 2018, al principio, haciendo una encuesta bibliográfica y luego realizando trabajo de campo y entrevistas, donde surgieron nuevos problemas, además de la producción literario-cultural de estos colectivos, así como sus relaciones y conflictos, con el gobierno, la financiación de sus actividades, su supervivencia material y el surgimiento del emprendimiento cultural periférico.

Palabras-clave: Periferia, Producción Cultural, Movimientos Culturales, Movimientos Sociales, Política, Ciudades, Transformaciones, Conflictos.

Abstract

This monograph seeks to discuss the way in which propositions raised by peripheral literary collectives are interpreted and mobilized at present, by comparison to those proposed at the time of their emergence, in the early 2000s. To carry out this undertaking, the activities of two peripheral collectives from São Paulo have been researched and monitored: the Poesia na Brasa Collective, which operates in Vila Brasilândia and the Perifividade Collective, which operates in the Fundão do Ipiranga region. The objective has been to analytically reconstitute aspects of their stories and forms of organization, as well as to carry out participant observation of the actions developed by these groups, in order to achieve a more substantial understanding of this phenomenon. The research took place between the years 2016 to 2018, at first, through bibliographic survey and then by conducting fieldwork and interviews, where new issues arose, in addition to the literary-cultural production of these collectives. Their relationships and conflicts with the government, the financing of their activities, their material survival and the emergence of cultural-peripheral entrepreneurship have also emerged in the course of this study.

Keywords: Peripheries, Cultural Production, Cultural Movements, Social Movements, Politics, Cities, Transformations, Conflicts.

Lista de Tabelas

Tabela 01 - Entrevistados/as durante a pesquisa (Coletivo Perifatividade).....	44
Tabela 02 - Entrevistados/as durante a pesquisa (Coletivo Cultural Poesia na Brasa).....	77

Lista de Imagens

As imagens fotográficas que compõem este trabalho foram tiradas por Elaine Campos, Sônia Bischain, Fernando Bischain e Coletivo Di Campana que as cederam gentilmente. Outras poucas foram tiradas pelo autor desta monografia. A Imagem 32 foi retirada da capa de uma revista de circulação nacional e está devidamente referenciada. Todas estão listadas aqui por capítulos, número, legenda, autoras/es e páginas.

Introdução

Imagem 01: Vista do Parque Residencial Cocaia, na região do Grajaú. Foto por Silvio Rogério.....	19
Imagem 02: Vista do Jardim Prainha, na região do Grajaú, zona sul de São Paulo. Foto por Silvio Rogério.....	32

Capítulo 2

Imagem 03: Parque Bristol, um dos bairros de atuação do Coletivo Perifatividade. Foto por Sílvio Rogério.....	34
Imagem 04: Frente do Espaço Perifatividade Círculo de Cultura. Foto por Elaine Campos.....	37
Imagem 05: Público visitando a biblioteca do Círculo de cultura Perifatividade; Foto por Elaine Campos.....	39

Imagem 06: Público presente em noite de sarau no Círculo de Cultura Perifatividade. Foto por João Claudio.....	41
Imagem 07: Perifatividade em ação: Da esquerda para a direita: Paulo Rams, Diego Soares e Ana Fonseca. Foto por João Claudio.....	43
Imagem 08: Da esquerda para a direita: JC, Paulo, Ana, Diogo, Beto, Ruivo e Vinão, com o Rapper Thaíde, na festa de encerramento do aniversário de seis anos do Coletivo Perifatividade. Foto por Elaine Campos.....	50
Imagem 09: Coletivo Perifatividade na ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes. Foto por João Claudio.....	51
Imagem 10: Da esquerda para a direita: Diego, Ana, Teresa (CMP), Paulo, Juliana (Vereadora/PT) e João, no palco da festa de seis anos do Coletivo Perifatividade. Foto por Elaine Campos.....	54
Imagem 11: Vista da Vila Brasilândia. Foto por Sônia Bischain.....	59
Imagem 12: Da esquerda pra direita: Sidnei, Stephânia, Rael, Samantha, Vagner e Chellmí, iniciando o sarau com os tambores de abertura. Foto por Sônia Bischain.....	63
Imagem 13: Público presente no Goiabeira's Bar, em noite de Sarau da Brasa. Foto por Fernando Bischain.....	66
Imagem 14: Alan da Rosa lançando o Livro "Zumbi Assombra Quem?" No Sarau da Brasa. Foto por Sônia Bischain.....	69
Imagem 15: O poeta Carlos de Assumpção, que veio de Franca/SP para participar da festa de 9 anos do Coletivo Cultural Poesia na Brasa. Foto por Sônia Bischain.....	70
Imagem 16: Vagner Souza com seu pai, no lançamento de seu livro no Sarau da Brasa. Foto por Sônia Bischain.....	74

Imagem 17: Chellmí e seus educandos/as da Fábrica de Cultura e frequentadores/as do Sarau da Brasa. Foto por Sônia Bischain.....79

Imagem 18: Sônia sendo homenageada no Sarau da Brasa pelo lançamento de seu mais recente livro e seu aniversário. Foto por Fernando Bischain.....84

Imagem 19: Fernando Ripol (ao centro) e o Samba do Congo, lançando o Cd no Sarau da Brasa. Foto por Sônia Bischain.....85

Imagem 20: Flávia Bischain e outros dois militantes do PSTU, em noite de Sarau da Brasa. Foto por Sônia Bischain.....89

Capítulo 3

Imagem 21: Os livros publicados por Sônia Bischain, durante evento no CCJ Ruth Cardoso. Foto por Sônia Bischain.....92

Imagem 22: Maria Helena e Waldir Dicá, da Rosas de Ouro, no Sarau da Brasa. Foto por Sônia Bischain.....97

Imagem 23: Dito, da CMP, na inauguração do Círculo de Cultura Perifatividade. Foto por Elaine Campos.....98

Imagem 24: Em pé, alguns dos livros já publicados pelo Coletivo Perifatividade. Foto por João Claudio.....102

Capítulo 4

Imagem 25: Gerô Barbosa, Rodrigo Bastos e Luana Hansen, participando da atividade sobre identidade de gênero durante o Perifatividade nas Escolas. Foto por João Claudio.....106

Imagem 26: Silvana e Carolina, da Coletiva Fala Guerreira!, no Sarau da Brasa. Foto por Sônia Bischain.....109

Imagem 27: Samantha, Raquel e Mariana, integrantes da Coletiva Esperança Garcia. Foto por Sônia Bischain.....111

Capítulo 5

Imagem 28: Frequentador do Sarau da Brasa, se embriagando de literatura, em noite de sarau. Foto por Sônia Bischain.....112

Imagem 29: O Vereador Antônio Donato e Ruivo Lopes, no Círculo de Cultura Perifatividade. Foto por Elaine Campos.....115

Imagem 30: Sarau da Brasa abrindo os trabalhos da noite com os tambores, no Goiabeira's Bar. Foto por Sonia Bischain.....117

Imagem 31: Perifatividade nas Favelas, acontecendo em noite de fluxo no Parque Bristol. Foto por Silvio Rogério.....120

Imagem 32: Capa da Revista Veja São Paulo, de Julho de 2018, sobre empreendedorismo cultural no Grajaú.....127

Imagem 33: Encontro “Insurgências Periféricas: A cidade que queremos”, organizado pelo Movimento Cultural das periferias, em março de 2017. Foto por Coletivo Di Campana.....129

SUMÁRIO

Sumário.....	16
Introdução.....	17
A. Encontros e desencontros: Como cheguei até aqui.....	19
B. Temas, problemáticas e dilemas.....	25
Capítulo 1 - Apresentando o problema de pesquisa.....	32
Capítulo 2 - Apresentando os Interlocutores da Pesquisa.....	34
2.1 - A Perifa em Atividade.....	34
2.2 As trajetórias e as histórias.....	41
2.3 Um Churrasco de Poesia.....	59
2.4 - As trajetórias e histórias.....	67
Capítulo 3 - Dia a dia da Periferia: A organização, produção cultural e outras perspectivas.....	90
Capítulo 4 - Gênero, Raça e Classe no contexto da produção cultural das periferias: Um olhar.....	103
Capítulo 5 - O Projeto da Literatura Marginal/Periférica, Cidadania e Democracia: Algumas considerações.....	112
Bibliografia.....	130

Introdução

Essa monografia é o resultado, um tanto mais apurado, de um projeto de pesquisa de Iniciação Científica que teve por orientador o Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros da Silva e como coorientadora, a Prof^a Dr^a. Taniele Cristina Rui. Este, no que lhe concerne, foi realizado durante os anos de 2016 e 2018, em duas periferias de São Paulo - *Fundão do Ipiranga* e *Vila Brasilândia*. Tal pesquisa teve como interlocutores dois coletivos literários culturais: o *Coletivo Perifatividade* e o *Coletiva Cultural Poesia na Brasa*. Buscou-se nesse ínterim, entender as proposições, ações e reverberações desses coletivos dentro da cidade de São Paulo, em especial nas periferias, no que tange sua relação - na atualidade - com o que se pode entender como o sistema, já que um dos motes dessa literatura em seu início era de ser *contra o sistema*¹. Sistema esse que, por sua vez, é representado nas diferentes forma em que o Estado e o poder econômico atuam nas periferias, seja na presença ou na ausência. Daí vem o título da pesquisa e monografia que é uma referência à primeira frase da música *Tira a Bala*, do Rapper GOG. A frase completa é “O Sistema é a bomba e o pavio, só que o preto aqui é o estopim em vinil!” (GOG, 2010). O uso se justifica como uma metáfora entre a relação dos coletivos com aquilo que é entendido como “sistema” neste projeto.

Para melhor sistematização, a monografia em questão está dividida em cinco capítulos (estes com alguns subcapítulos) nos quais discorro sobre alguns aspectos da pesquisa efetuada. Nesta introdução - mais especificamente em seus subcapítulos - busco retratar minha trajetória com a pesquisa, seu tema, seus

¹ Embora a ideia de ser contra o sistema por vezes possa soar de maneira um tanto quanto abstrata, o sistema aqui pode ser entendido como a marginalização, a negligência social, o não acesso a políticas públicas, a violência policial, o extermínio da população negra e periférica e as demais mazelas que ainda permeiam a sociabilidade nas periferias de São Paulo. Enfim, sistema aqui é entendido não só como o capitalismo e o governo, mas como toda organização social baseada na exploração, na exclusão racial, social e na desigualdade a que estão sujeitos os habitantes das periferias, como se pode perceber no discurso de vários desses autores, presentes tanto na dissertação de mestrado de Érica Peçanha, que virou um livro em 2009, *Vozes Marginais na Literatura*, quanto no livro de entrevistas elaborado e lançado por ela, juntamente com Mário Medeiros, Lucia Tennina e Ingrid Hapke, em 2016, intitulado *Polifonias Marginais*.

interlocutores, questões, problemáticas e a metodologia aplicada. O primeiro capítulo aborda o problema de pesquisa, introduzindo seus motivos, questões e objetivos. No segundo capítulo, subdividido em quatro partes, são apresentados os interlocutores da pesquisa, suas trajetórias, histórias e anseios, assim como o que os motivou a participarem de tais coletivos, a partir de uma breve narrativa de dois momentos em campo.

No terceiro capítulo, discorro sobre a organização interna de cada coletivo, apontando o papel de cada integrante dentro dos grupos, assim como a gestão, as proposições e ações de cada um deles. Também abordo a relação destes grupos com as formas de financiamento de suas atividades e o olhar de cada um para a própria produção. Apesar de não ser o foco desta pesquisa, no quarto capítulo discorro de maneira sucinta, sobre como percebi a imbricação entre gênero, raça e classe e seus desdobramentos dentro do contexto dos coletivos pesquisados e em suas ações.

Por fim, no quinto capítulo, discuto o projeto estético, político e ideológico da produção cultural das periferias, sua relação com cidadania e democracia, a partir de questões apresentadas pelos interlocutores desta pesquisa, como também por outras reverberações envolvendo outros agentes da produção cultural das periferias, fazendo algumas considerações sobre as proposições gerais dos coletivos e seus desdobramentos, como a relação política dos coletivos com o poder público e privado, representado pelo embate entre os diferentes grupos dentro da produção cultural das periferias e a prefeitura de São Paulo durante a gestão de João Dória e a nova modalidade de produção cultural das periferias, que se apresenta na face do empreendedorismo cultural periférico.

A. Encontros e desencontros: Como cheguei até aqui.

*É lá que moram meus irmãos, meus amigos
E a maioria por aqui se parece comigo.*
(Fim de Semana no Parque, Racionais Mc's, 1993)



01 - Vista do Parque Residencial Cocaia, na região do Grajaú. Foto: Silvio Rogério

Meu primeiro contato com a produção da assim chamada *Literatura Marginal/Periférica*², se deu em 2001, com a primeira edição do projeto *Caros*

² Embora não haja uma unanimidade na definição da literatura produzida hoje nas periferias, optei por usar o termo *Literatura Marginal/Periférica* usado por Érica Peçanha, por entender que essa definição é a mais comum e a mais conhecida tradicionalmente não só pela academia, mas também pelos próprios agentes dessa produção. Porém cabe apontar que alguns autores como Nelson Maca, propõem nomenclaturas diferentes, como *Literatura Divergente*, *Literatura das Periferias* e etc. Para uma maior compreensão desta discussão, ver os capítulos 2 e 3 do livro “*Vozes Marginais na Literatura*” (2009) de Érica Peçanha.

*Amigos - Literatura Marginal: A Cultura da Periferia*³ organizada pelo escritor e ativista *Reginaldo Ferreira da Silva*, mais conhecido como *Ferréz*⁴. Na época, eu ainda não estava na universidade e muito menos imaginava que voltaria a estudar, depois de dez anos completados do ensino médio. Estava trabalhando e assinava a revista *Caros Amigos*. Mais adiante, por volta de 2004, tomei conhecimento da existência do *Sarau do Binho*⁵ e da *Cooperifa*⁶, pois havia vários amigos do meu bairro que freqüentavam os tais e me diziam: “Mano, você tem que colar lá! Ainda mais você que gosta de ler!” Porém, à época, a somatória das necessidades familiares com o tempo só me resultava em uma coisa: *tripalium*⁷. No entanto, mesmo de longe, buscava acompanhar, de alguma maneira, o andar das coisas dessa literatura.

³ Projeto esse que foi idealizado e realizado pelo escritor Ferréz, em parceria com a revista *Caros Amigos*, e que foi o pontapé inicial para o que viria ser chamado mais adiante de “*Literatura Marginal da Periferia*” ou de “*Literatura Periférica*” (NASCIMENTO, 2009)..

⁴ Nascido em 1975 no bairro do Capão Redondo, Reginaldo Ferreira da Silva resolveu forjar seu nome literário como uma síntese de suas origens sociais, semelhantes às dos moradores de seu bairro, além de evidenciar seus modelos de vida: negros e nordestinos, condensados no Ferre (Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião) e o Z, de Zumbi dos Palmares (MEDEIROS, 2013).

⁵ O *Sarau do Binho* é um Coletivo Cultural da Região do Taboão da Serra, na zona Sul de São Paulo, fundado oficialmente em 2004. Maiores informações em: <http://saraudobinho.blogspot.com.br/>, <http://outraspalavras.net/posts/o-sarau-do-binho-e-a-resistencia-cultural-pos-mitos/> e <https://www.facebook.com/SarauDoBinho>.

⁶ A *Cooperifa* (Cooperação Cultural da Periferia) é um Coletivo Cultural idealizado por Sérgio Vaz, fundado em 2001 na Zona Sul de São Paulo. Para maiores informações ver os trabalhos de Érica Peçanha (2009; 2011) e Sérgio Vaz (2008).

⁷ Palavra do latim, é termo formado pela junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”. Refere-se a tal palavra como a origem da palavra “trabalho”. *Tripalium* era o nome de um instrumento de tortura constituído de três estacas de madeira bastante afiadas e que era comum em tempos remotos na região européia. Desse modo, originalmente, “trabalhar” significava “ser torturado”. No sentido original, os escravos e os pobres que não podiam pagar os impostos eram os que sofriam as torturas no *tripalium*. Assim, quem “trabalhava”, naquele tempo, eram as pessoas destituídas de posses. A idéia de trabalhar como ser torturado passou a dar entendimento não só ao fato de tortura em si, mas também, por extensão, às atividades físicas produtivas realizadas pelos trabalhadores em geral: camponeses, artesãos, agricultores, pedreiros etc. A partir do latim, o termo passou para o francês *travailler*, que significa “sentir dor” ou “sofrer”. Com o passar do tempo, o sentido da palavra passou a significar “fazer uma atividade exaustiva” ou “fazer uma atividade difícil, dura”. Só no século XIV começou a ter o sentido genérico que hoje lhe atribuímos, qual seja, o de “aplicação das forças e faculdades (talentos, habilidades) humanas para alcançar um determinado fim”. Com a especialização das atividades humanas, imposta pela evolução cultural (especialmente a Revolução Industrial) da humanidade, a palavra trabalho tem hoje uma série de diferentes significados, de tal modo que o verbete, no Dicionário do “Aurélio”, lhe dedica vinte acepções básicas e diversas expressões idiomáticas. Maiores informações em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/trabalho/>.

Em 2006, fui presenteado com a segunda edição do *Colecionador de Pedras* de Sérgio Vaz⁸, lançado pela Editora Global. Foi com carinho que aceitei mais essa pedra das ruas de terra e dos córregos a céu aberto em minha coleção. Entretanto, o que me fez começar a pensar, pela primeira vez, no potencial da escrita de uma população marginalizada não só na literatura, mas em diversos âmbitos da sociedade brasileira, foi o documentário *Vaguei os livros e me sujei com a merda toda*⁹. Documentário que me foi apresentado em 2009, no cursinho popular *Educafro*¹⁰, na sede do Jardim Eliana (Zona Sul de São Paulo) quando já estudava para prestar o vestibular.

De lá pra cá *mundão girô* - como muitos da minha laia costumam dizer pelos becos e vielas dessa terra regada a sangue negro e indígena. Vim parar na Universidade e só comecei a frequentar os saraus no final de 2011, levado por um amigo de longa data. E nessas andanças pela cena literária das periferias foi que conheci três saraus que me marcaram: O finado *Sarau da Ocupa*¹¹, o *Sarau da Brasa*¹² e o *Sarau Perifatividade*¹³. Foi então que *a onda bateu forte* e os olhinhos brilharam. Ver, finalmente, a produção cultural das periferias acontecendo, já galgando diferentes espaços, se estabelecendo como parte importante da produção cultural na cidade de São Paulo, me arrebatou. Acompanhar os

⁸ Sérgio Vaz é poeta, autor de diversos livros como *Colecionador de Pedras* (Global, 2007), *Literatura, pão e poesia* (Global, 2011) e *Flores de Alvenaria* (2016), além de um dos idealizadores da Cooperifa (Cooperação Cultural da Periferia). Para maiores informações, ver os trabalhos de Nascimento (2009; 2011) e Vaz (2008).

⁹ *Vaguei os Livros...* é um curta produzido por Akins Kintê, Allan da Rosa e Mateus Subverso. Maiores informações em: <https://moinhocoletivo.wordpress.com/2015/11/18/filme-vaguei-os-livros-me-sujei-com-a-merda-toda/>.

¹⁰ “A Educafro tem a missão de promover a inclusão da população negra (em especial) e pobre (em geral), nas universidades públicas e particulares com bolsa de estudos, através do serviço de seus voluntários/as nos núcleos de pré-vestibular comunitários e setores da sua Sede Nacional, em forma de mutirão”. Maiores informações em: <http://www.educafro.org.br/site/conheca-educafro/>.

¹¹ O *Sarau da Ocupa* foi um projeto que acontecia dentro de uma ocupação no centro de São Paulo, a Ocupação São João, situada na Avenida São João, 588 em São Paulo. Maiores informações em: <http://projetocupacaocultural.blogspot.com.br/2011/11/sarau-da-ocupa.html>.

¹² “O *Sarau Poesia na Brasa*, criado em 05/07/2008, é um movimento cultural de periferia para a periferia. Tem o objetivo de produzir e divulgar a arte dentro da periferia e demais espaços onde se encontram os nossos irmãos e irmãs. Espaço de expressão dos periféricos. Discussão e reflexão sobre a periferia, porém é aberto a todos que queiram comungar da palavra”. Maiores informações em: <http://brasasarau.blogspot.com.br/p/fotos.html>.

¹³ O Coletivo *Perifatividade* é um grupo de poetas, educadores, produtores culturais, músicos oriundos da região do Fundão do Ipiranga, especialmente dos bairros que o compõe: (Jardim Clímax, Parque Bristol, Jardim São Savério, Jardim Maristela, Boqueirão, Heliópolis, entre outros). Maiores informações em: <https://perifatividade.com/quem-somos/>.

indivíduos desses grupos não só nos saraus, mas nas diversas outras atividades que promoviam ou participavam pelas periferias, me deixava além de extasiado, extremamente curioso com os desdobramentos daquilo tudo. Eu queria mais. E sempre que me era possível, nos intervalos entre os semestres da graduação em ciências sociais, estava circulando pelos saraus. Em especial, nos três citados acima.

O impacto causado pelo contato mais direto com essa produção foi tão grande em mim, que ao final de uma disciplina em antropologia (com o então Pós Doutorando Christiano Tambascia, hoje professor do Departamento de Antropologia na Unicamp), no primeiro semestre de 2012, resolvi dar meus primeiros passos na investigação dessa movimentação, relatando meu contato e impressões sobre a mesma. Essa reaproximação, um pouco mais profunda, com a Literatura Marginal/Periférica - após dez anos depois de meu primeiro contato e do surgimento da mesma - começou a me trazer diversas questões e expectativas, principalmente sobre a potencialidade dessa movimentação periférica. Se tratava de uma organização política? Um grupo autônomo que buscava retomar o que outrora foi chamado de trabalho de base? Ou seria um movimento de caráter popular que buscava circunscrever o espaço e as idéias de uma subjetividade, de uma epistemologia da periferia? O que queriam, de fato, essas pessoas? Ingenuidade ou não, tais questões me afetaram tanto como um *Sujeito Periférico*¹⁴ e, principalmente, como um sujeito periférico e pesquisador. Um sujeito periférico que agora acessava a universidade e estava engatinhando rumo à formação de Cientista Social.

Poder presenciar uma massa de pessoas que cresceram num espaço social geográfico onde seus direitos mais básicos eram raros ou negados; uma população que teve sua subjetividade e dignidade subtraídas pela desigualdade racial, social e pela má distribuição de renda; indivíduos esses, cujos meios de socialização se limitavam às escolas públicas (que em sua maioria, ainda são de

¹⁴ Faço uso aqui do conceito cunhado por Tiarajú Pablo D'andrea, onde este define o sujeito periférico a partir de três características: a) Assumir sua condição de periférico; b) Ter orgulho de sua condição de periférico; c) Agir politicamente a partir dessa condição. Para maiores detalhes ver D'ANDREA, 2013, Pág. 170.

má qualidade), às igrejas, aos bares, ao subemprego, ao crime e outros tipos de violência, e que agora buscavam ressignificar, redefinir o que era ser morador das periferias, me soava profundamente desafiador. Algo de uma ousadia sublime. E não conseguia parar de pensar nisso tudo como uma possibilidade de revide aos quinhentos anos de Brasil.

Com o tempo, tais proposições - as de ressignificar a periferia através da cultura, de trazer cultura para as quebradas, de mostrar que as periferias também produzem cultura e não só violência, de alinhar a produção cultural das periferias com demandas políticas (inclusive, criando novas demandas) - levantadas, apoiadas, discutidas e defendidas por diversos coletivos culturais das periferias, atiçava ainda mais minha curiosidade. Em especial no que dizia respeito ao modo como essa produção cultural era absorvida nas periferias e aos diversos tipos de financiamento que eram granjeados para manter tais produções. Fossem esses financiamentos públicos, privados, em parcerias com Ongs ou até mesmo autofinanciamentos e financiamentos coletivos.

Entender como tudo isso funcionava, como eram essas relações, como elas impactavam, não só sobre a produção cultural como um todo, mas especialmente nas periferias, era algo que mexia com meu brio de *Pesquisador Periférico*. Ainda mais num contexto, diferentemente do início dessa movimentação, onde já estavam estabelecidas algumas formas de financiamento público voltadas para esse tipo de produção cultural, como o VAI¹⁵ e o PROAC¹⁶, dentre outros. Estes, ainda que na forma de editais, fomentaram e ampliaram ainda mais o fazer cultural nas periferias. Vale citar, ainda, que o financiamento privado - seja através de

¹⁵ “O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13540 e regulamentado pelo decreto 43823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais”. Maiores informações em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/fomentos/index.php?p=7276>.

¹⁶ “Criado em 2006 o Proac - Programa de Apoio à Cultura na modalidade "Concurso/Editais" caracteriza-se como um dos mais significativos mecanismos públicos de financiamento direto para a produção artística no Estado de São Paulo. Desde o início foram mais de 270 milhões investidos em cerca de 5 mil prêmios que colaborou com a produção artística de grupos, coletivos e com o desenvolvimento cultural dos amantes das artes nos municípios Paulistas”. Maiores informações em:

<http://premiogovernador.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.426e45d805808ce06dd32b43a8638ca0/?vgnnextoid=cf78ac36e651410VgnVCM1000008936c80aRCRD&vgnnextchannel=cf78ac36e651410VgnVCM1000008936c80aRCRD>.

Ongs como a *Ação Educativa*¹⁷ e a *Oxfam Internacional*¹⁸, ou de instituições financeiras como o *Itaú Cultural*¹⁹ - nesse momento, já se tornavam também uma realidade para alguns desses grupos.

Eram diversos os desdobramentos que essa produção cultural trazia, a partir do seu fazer literário. As possibilidades de pesquisa eram inúmeras. Tanto que tive certa dificuldade em decidir por onde entrar nessa discussão. Mesmo assim, após realizar outros trabalhos sobre o tema, já havia me decidido por realizar uma pesquisa de iniciação científica sobre a então chamada *Literatura Marginal/Periférica*.

A produção acadêmica sobre o assunto também já começava a despontar. Muito já se havia dito, escrito e falado sobre essa *primavera periférica*²⁰ em revistas como a *Veja* e afins. Porém, ao ler os trabalhos de pesquisadores como *Érica Peçanha* (2009; 2011; 2015 e 2016), *Mário Medeiros* (2013 e 2016); *Lucia Tennina* (2010; 2013; 2015 e 2016), desbravadores dessa seara no campo da pesquisa acadêmica, me atentei para o fato de que alguns dos desdobramentos

¹⁷ “Fundada em 1994, a *Ação Educativa* é uma associação civil sem fins lucrativos que atua nos campos da educação, da cultura e da juventude, na perspectiva dos direitos humanos”. Maiores informações em: <http://acaoeducativa.org.br/>.

¹⁸ “A *Oxfam* foi fundada em 1942, quando um grupo de pessoas se reuniu para uma campanha de arrecadação de alimentos com o objetivo de diminuir a fome e amenizar os danos causados pela Segunda Guerra Mundial. A *Oxfam* chegou ao Brasil nos anos 1950 e iniciou seus trabalhos de forma mais estruturada e contínua em 1965. (...) Em 1968, a *Oxfam Grã-Bretanha* inaugurou em Recife (PE) o primeiro escritório no Brasil, passando então a desenvolver ações em parcerias com movimentos sociais, organizações não governamentais, sindicatos e associações comprometidas em trabalhar pela redução da pobreza, por justiça social e pela democracia”. Mas só em 2014 foi criada a *Oxfam Brasil*, “com o objetivo de contribuir para o enfrentamento das desigualdades e redução da pobreza no país”. A Missão da *Oxfam* é “Contribuir para a construção de um Brasil justo, sustentável e solidário que elimine as causas da pobreza e da desigualdade. Trabalhamos com parceiros e aliados como parte de um movimento nacional e global pela transformação social”. Maiores informações em: <https://www.oxfam.org.br/quem-somos/oxfam-brasil>.

¹⁹ O *Itaú Cultural* - fundado pelo empresário Olavo Setúbal em 1987 - localizado à Avenida Paulista, 149 na região central de São Paulo “é um instituto voltado para a pesquisa e a produção de conteúdo e para o mapeamento, o incentivo e a difusão de manifestações artístico-intelectuais. Dessa maneira, contribui para a valorização da cultura de uma sociedade tão complexa e heterogênea como a brasileira”. Maiores informações em: <http://www.itaucultural.org.br/quem-somos>.

²⁰ “*Primavera Periférica*” é um termo cunhado por Sérgio Vaz que retrata a movimentação cultural da periferia, fazendo uma alusão à Primavera de Praga. O termo apareceu pela primeira vez em um texto escrito por Vaz para o jornal *Brasil de Fato*, em 2007, intitulado de *Periferia Moderna*, onde explicava o porquê da Cooperifa ter criado a *Semana de Arte Moderna da Periferia* (VAZ, 2008)

da atuação dos coletivos literários das periferias ainda restavam por discutir e/ou apontavam novas questões.

B. Temas, problemáticas e dilemas.

Em meio a tantas reverberações, a discussão sobre a atual relação entre esses coletivos com aquilo que - tanto dentro do Rap como na Literatura Marginal/Periférica - aparece de maneira negativa sob o nome de *sistema*, ainda era muito incipiente. Tal relação, entre os coletivos literários e culturais das periferias e o *sistema*, nos idos de 2001 era pautada pelo descaso do Estado e da elite econômica seja na educação, na saúde, na violência econômica, policial, racial e social. Agora, porém, era definida também pelo acesso ao ensino superior, aos editais de financiamento, pelo acesso a espaços culturais hegemônicos como livrarias, centros culturais, instituições particulares com inserção na área cultural e social, e ainda nas demais relações com o poder público e privado.

Desta feita, após quase dois anos de discussões com os orientadores *Mário Medeiros* e *Taniele Rui*, me surgiu a idéia de investigar essa relação, na busca de entendê-la um pouco mais a fundo. O problema central deste trabalho está, portanto, em entender, averiguar e discutir como estão sendo interpretadas e mobilizadas as proposições levantadas pelos coletivos literários das periferias atualmente, comparando-as com as propostas de seu surgimento, no começo dos anos 2000. Em especial, sob o prisma do projeto político, estético e pedagógico, apontado por *Érica Peçanha*, em seu livro *Vozes Marginais na Literatura*. Em linhas gerais, através dessa pesquisa, busquei esmiuçar - ainda que de maneira inicial - como se dá a relação desses coletivos com o *sistema* hoje em dia, após quase vinte anos de seu surgimento. Para tanto, levei em consideração o princípio aventado por Ferréz durante as três edições do projeto *Caros Amigos - Literatura Marginal: A Cultura da Periferia*, assim como em seus primeiros trabalhos, que era de ser um escritor *contra o sistema*; De se fazer uma *Literatura contra o sistema*.

Tal premissa foi uma das bases, um dos pilares que consolidou tanto os saraus como os mais diversos coletivos periféricos. Estes, que por sua vez, pipocavam de norte a sul, de leste a oeste e até mesmo no centro da cidade de São Paulo. A denúncia ao *sistema* cruel, injusto, desumano, racista e desigual, que permeava as obras da literatura das periferias deu a tônica não só para a identidade dessa movimentação, como também para diversas produções para além da literatura. Seja no audiovisual, no teatro, na dança e nas artes plásticas. Pode se dizer que a crítica ao *sistema* foi um dos principais elementos que moldou a estética das mais diversas produções culturais das periferias. Definida a questão do projeto, optei por ter como interlocutores dessa pesquisa, o *Coletivo Cultural Poesia na Brasa* e o *Coletivo Perifatividade*.

Com a aprovação do projeto de pesquisa, aprofundi e fui atualizando com frequência, uma bibliografia referente ao tema, a qual já estava se constituindo ao longo da elaboração do projeto. Também busquei artigos, teses e dissertações que trabalhassem diretamente com os coletivos interlocutores. Para além do levantamento bibliográfico, comecei a acompanhar regularmente as redes sociais tanto dos coletivos como de seus integrantes, assim como de grupos de discussão, divulgação e de notícias sobre as periferias e sua produção cultural e política. Ainda no que tange à mídia virtual, fiz um apanhado de matérias cuja temática era a produção cultural das periferias. Paralelamente busquei, do mesmo modo, ter contato com as diversas produções culturais de cada coletivo, como livros e documentários. Somando se a tudo isso realizei também, pequenas incursões em campo. Por fim, ainda entrevistei todos os onze integrantes de ambos os coletivos, em diferentes momentos da pesquisa.

Tanto o campo como as entrevistas deram outra dinâmica à pesquisa. Foi através do campo, acompanhando os coletivos, seus integrantes e o público destes - ainda que em atividades pontuais - que fui absorvido por outras problemáticas. Estar em campo me fez repensar e compreender muitos dos pressupostos que encontrava tanto nos trabalhos acadêmicos como nos materiais produzidos pelos próprios coletivos. Acompanhar os grupos *in loco* também me fez refinar e complexificar meus pressupostos de pesquisa. As entrevistas, por sua

vez, me proporcionaram uma entrada mais intimista dentro do universo dos coletivos e de seus agentes. Pude adentrar um pouco mais na produção intelectual, política e cultural por trás das identidades de cada coletivo e seus indivíduos. Tal quais as complexidades que também constituíam todas essas relações.

Os desafios também se fizeram presentes. No que diz respeito ao trabalho de campo, de uma maneira geral, não tive problemas em apresentar o projeto aos interlocutores. Minha proposta foi aceita sem maiores dificuldades e diria que até muito rápido pude me colocar no campo. Mas isso não significou exatamente que não houve resistências, ainda que sutis. Alguns integrantes do Coletivo Perifatividade, por exemplo, me questionaram sobre algumas coisas, como o porquê da pesquisa, qual propósito da mesma, se eu iria comparar os dois grupos e etc. Durante esses questionamentos, os integrantes que o fizeram, colocaram de maneira categórica suas opiniões acerca das pesquisas realizadas pela academia. Em especial, suas experiências com tais pesquisas, que remontavam ao fato de que alguns pesquisadores apareciam apenas durante o tempo de duração da pesquisa e depois sumiam, sem nem ao menos deixar um retorno sobre a pesquisa realizada ou apresentar os resultados das mesmas. Feitas essas ressalvas, ouvi deles que *“sabiam que eu não ia fazer isso, pois eu também era de quebrada”*. Mas ainda assim, disseram que iriam conversar com os demais integrantes e me dariam um retorno. Demoraram quase dois meses para me dar uma resposta definitiva, para qual tive que os inquirir por duas vezes antes de seu veredito final. Nesse meio tempo também não me disseram que eu não poderia os acompanhar.

De outra feita, no Coletivo Cultural Poesia na Brasa - com fama de mais duro em relação às pesquisas acadêmicas - assim que apresentei a proposta a dois de seus integrantes (sendo que um deles era conhecido por não ter *papas na língua*), ambos aceitaram com prontidão, afirmando, inclusive, que a pesquisa seria boa para eles. Porém, de maneira que julguei curiosa, alguns dos frequentadores do sarau (que já possuíam certa proximidade com minha pessoa), com o tempo, eventualmente me perguntavam sobre o propósito da minha

pesquisa. Vale citar ainda, que no campo realizado com este coletivo, fui interrogado sobre o curso que fazia, em que ano estava, qual minha impressão sobre a universidade pública e sobre qual área das Ciências Sociais eu queria me especializar. Neste coletivo, inclusive, descobri que havia um dos integrantes que chegou a cursar Ciências Sociais - mas sem concluir - em duas universidades públicas.

Mesmo com as situações relatadas sobre a aparente apreensão com minha pessoa realizando uma pesquisa com esses coletivos, não penso que tive maiores problemas em iniciar e prosseguir com a investigação. Não encontrei exatamente alguma resistência à pesquisa. Porém, penso que a crítica à pesquisa acadêmica por parte desses grupos é reflexo de um estranhamento - infelizmente comum - que é resultado de certa tradição de pesquisadores que mantém contato com os interlocutores apenas quando estes lhes são interessantes. Pesquisadores, geralmente de uma classe social mais privilegiada, que (n)os tratam apenas como instrumentos para um fim.

Associo tal fato a experiências semelhantes já acontecidas comigo e outros companheiros e companheiras no espaço universitário, onde fomos um tanto quanto “objetificados” por colegas de curso, outros estudantes universitários e até mesmo por professores, por sermos *da periferia*. Estes nos tratavam como uma espécie de avatar, de totem, de endosso para suas performances de *pessoas progressistas, democráticas e descoladas*. Algo do tipo “*Olha, eu sou branco e rico, mas tenho amigos pretos e pobres!*” Ou ainda “*Eu tenho uma origem pequeno burguesa, mas fiz uma escolha revolucionária: a de defender os excluídos*”. Penso que este tipo de relação - não só a vivida por mim e meus pares na universidade - mas a relação comum entre pesquisadores das classes médias e altas, que fazem campo com populações pretas, pobres e periféricas, é um genuíno reflexo de nossa organização social. Daria uma pesquisa deveras interessante.

Elucubrações à parte, entendo ainda que minha entrada em campo também se deu por uma visão - ainda que hipotética - sobre minha pessoa e minha trajetória; por um compartilhamento de experiências comum aos moradores das

periferias. Algo que poderíamos chamar de *solidariedade entre pares*. Em outras palavras, ser também um sujeito periférico me abriu portas, facilitou a construção de laços e de confiança. O fato de ter tido algum contato, ainda que de maneira prévia, com alguns integrantes desses coletivos e de circular eventualmente pelos saraus e demais atividades organizadas por esses grupos, também foi outro elemento importante para a realização do trabalho de campo. Ser um sujeito periférico, que havia acessado uma das maiores universidades públicas do país, de certo modo, também era visto como algo positivo.

Tal fato me atribuía o status de *guerreiro*, além de um exemplo a ser seguido. Mas não só. Esse fato ainda me colocava na responsabilidade de fazer um trabalho *firmeza*. Responsabilidade essa que, em alguns momentos, parecia ser a realização de um trabalho onde eu exaltasse as qualidades dos agentes culturais das periferias. Em específico, dos coletivos participantes da pesquisa. Penso que esse tenha sido um dos maiores desconfortos do campo. Mas o entendo como algo extremamente positivo e essencial dentro do processo de construção da pesquisa. Pois creio ser fundamental como pesquisador, discutir e se posicionar perante tais assuntos, como também compartilhar com os interlocutores, as problemáticas, questões, ponderamentos e resultados da pesquisa. Penso que isso é o que torna uma investigação científica interessante: a sua reverberação fora da universidade. Acredito que se trata de uma oportunidade de dar maior efetividade ao conhecimento produzido nas universidades. Um conhecimento com possibilidade de se transformar em algo maior do que uma tese ou dissertação dentro de uma biblioteca universitária de acesso restrito, apesar de pública.

Adentrar nesse espectro mais delicado dos coletivos, para além das problemáticas já colocadas acima, com suas contradições, certezas, ambiguidades, inseguranças e até mesmo ratificações sobre algumas hipóteses - tanto da pesquisa como pessoais - também trouxeram dúvidas, indagações e questionamentos. Não só sobre os pressupostos da pesquisa, mas também sobre os pressupostos do pesquisador, enquanto pesquisador acadêmico, sujeito periférico e pesquisador periférico. Era como se eu andasse num caminho fluido,

onde ao menos essas três identidades que me compunham em campo, se desmembrassem, se isolassem e se fundissem a todo instante. Pessoalmente, tais experiências me fizeram repensar mais uma vez, sobre meu papel como pesquisador, como alguém oriundo das periferias e como um homem com mais de 40 anos. Em suma, ao revisitar criticamente as trajetórias desses dois coletivos e de seus membros, como também de seus locais de atuação, me encontrei também retomando minha própria trajetória, através de questionamentos, proposições e identificações. Estas, proporcionadas especialmente pelo campo e as entrevistas.

As entrevistas, por sua vez, elaboradas de maneira semi-estruturadas, além de me conduzirem pelos fazeres miúdos e iniciais dos coletivos e seus interlocutores, de me apresentarem os motores e os planos destes, assim como suas angústias, alegrias, hesitações, contrastes e distinções, me conduziram também pelas histórias de seus bairros, famílias, amigos e lares. Durante as entrevistas, pude compartilhar dias, noites, refeições, garrafas de cerveja, salgadinhos, amendoins, conversas de boteco, lugares onde pernoitar, perspectivas, origens e experiências em comum, olhares, sorrisos, lágrimas e outros pequenos milagres. Também acompanhei os dias de mal humor, de impaciência, de pressa. Os dias onde tudo parece dar errado, mas que também são parte das vidas. Ainda mais daquelas que se propõem agir coletivamente. Em minha opinião, sentar nas diferentes salas em que estive, passando duas e, até mesmo, três horas conversando, perguntando, instigando o pensamento com essas pessoas, mais do que enriquecer a pesquisa, me enriqueceram pessoalmente. Fortaleceram laços, idéias, desobediências e ações. Se estabeleceram vínculos cujos desdobramentos possuem muita potência e ainda estão por vir.

Uma das curiosidades das entrevistas foram também, além do rico conteúdo coletado, as diferentes relações com o momento das mesmas por parte dos entrevistados de ambos os coletivos. Alguns dos entrevistados pareciam ponderar bastante sobre o que estavam falando. Outros falavam quase tudo o que lhes vinham à mente. Ainda houve entrevistados que, no momento da entrevista,

ao reconstituir alguns fatos, se puseram a refletir sobre eles de outra maneira. Para além daqueles que enxergaram a entrevista como algo importante, também houve quem a tratou como apenas mais uma coisa que tivesse que fazer. Não que a pessoa não estava se importando com a entrevista, mas que ela estava um tanto quanto preocupada com o tempo que ela iria durar, já antes de começar, mesmo eu tendo lhe avisado no momento em que combinamos a data, que a duração em média seria de duas horas.

Dessa forma, para além de repensar questões sociológicas e antropológicas - sobre cultura, produção cultural das periferias, conexões entre cultura, política, identidade e organização popular - discutir sobre essa produção cultural, mais diretamente sobre os coletivos literários interlocutores dessa pesquisa, me aproximou da discussão sobre o papel das camadas periféricas subalternizadas tanto no contexto das grandes cidades, como também no contexto da luta por emancipação e justiça social; na luta por igualdade e por uma democracia mais efetiva. Ideais esses que, atualmente, andam cada vez mais sendo solapados, dissipados na névoa do que se convencionou a chamar de política oficial. Principalmente nos últimos anos, onde um golpe político-jurídico se instalou e se converteu na eleição de um candidato fascista à presidência da república.

Repensar a produção cultural das periferias, seus agentes, suas perspectivas, intenções e tensões é repensar também nossa sociedade, nossa gente, nossas cidades. É repensar quem foi excluído, suas estratégias para existir e resistir e sua inferência no mundo. É repensar o todo, a partir de suas margens, de suas periferias. E assim, atentar e entender o porquê, de que mesmo em meio a tanto descaso, *no lixão, as flores seguem nascendo*²¹. Flores essas, que embora tenham sido pintadas de feias ao longo dos anos, ainda assim, seguem sendo flores. Tais flores têm dado seu próprio sentido para a flor daquele famoso poeta.

²¹ Faço aqui uma referência ao trecho da letra da música "Vida Loka Pt. I" dos Racionais MC's que diz o seguinte: "Onde estiver, seja lá como for, Tenha fé porque, até no lixão nasce flor!". Ainda, tomei a liberdade de fazer uma analogia com o trecho da poesia "A Flor e a Náusea", de Carlos Drummond de Andrade, que diz "É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio".

Elas têm rasgado o asfalto, roubado o tédio, batido de frente com o nojo e sentado o dedo no ódio.



02 - Vista do Jardim Prainha, na região do Grajaú, zona sul de São Paulo. Foto: Silvio Rogério

Capítulo 1 - Apresentando o problema de pesquisa

Nas últimas duas décadas a periferia vem ocupando certo destaque na área cultural da cidade de São Paulo. Se antes tal região era conhecida - de maneira pejorativa - por ser um reduto da criminalidade e da violência, com a proliferação dos saraus promovidos pelos coletivos literários da periferia a história é outra. A produção literária da periferia, mais conhecida por “Literatura Marginal” ou “Literatura Periférica”, ao pôr em evidência o cotidiano dos moradores das regiões mais afastadas da cidade e carentes tanto de políticas públicas como de direitos sociais, têm conduzido as interpretações sobre as periferias e seus habitantes a outros patamares. Ao aliar a apropriação da leitura e da escrita com a identidade cultural e política das periferias, ativistas culturais estão transformando aquilo que significa “ser da periferia”. Para além de sua produção cultural, esses atores sociais também estão impactando o próprio fazer político da cidade, mobilizando conhecimentos, direitos e agências através de sua *“insurgência*

cidadã” (HOLSTON, 2013), causando reflexões e ações que colocam em pauta a efetividade da democracia brasileira, na busca de uma maior ampliação desta.

A presente monografia buscou, ao longo destes anos, averiguar e discutir como são interpretadas e mobilizadas as proposições levantadas pelos coletivos literários das periferias atualmente, comparando-as com as propostas de seu surgimento, no começo dos anos 2000. Em especial, sob o prisma do projeto político, estético e pedagógico de cada grupo com relação ao pressuposto - enunciado por Ferréz e compartilhada por vários coletivos periféricos ligados à Literatura Marginal/Periférica - de ser *“contra o sistema”*. Em linhas gerais, o objetivo desta pesquisa foi o de examinar como a máxima *“de ser contra o sistema”* é entendida nos tempos atuais, depois de passados quase vinte anos de existência dessa movimentação nas periferias.

Tendo em vista alcançar tais propósitos, foram acompanhadas e analisadas as atividades de dois coletivos periféricos de São Paulo: o Coletivo Poesia na Brasa, que atua na Vila Brasilândia; e o Coletivo Perifatividade, que atua na região do Fundão do Ipiranga (que compreende os bairros Jardim Clímax, Parque Bristol, Jardim São Savério, Jardim Maristela, Boqueirão e Heliópolis). Objetivou-se reconstituir analiticamente aspectos históricos e organizacionais de cada grupo, como também realizar uma observação participante das ações desenvolvidas por estes grupos, a fim de conseguir uma abrangência mais significativa desse fenômeno. Além das incursões em campo, foram realizadas entrevistas com todos os integrantes do coletivos interlocutores desta pesquisa. Apareceu como um fato adicional, a discussão feita por estes saraus acerca das políticas públicas para cultura, algo que já foi apontado como importante por Nascimento (2011) e se constituiu como um aspecto a se ater nesses dois casos.

A escolha desses dois coletivos como ponto de partida dessa pesquisa se deu - para além de meu prévio contato com ambos os grupos - por se localizarem num marco temporal diferenciado entre si; pelo fato de terem repercussão e visibilidade distintas de seus antecessores (Ferréz, Cooperifa e Sarau do Binho); pelo fato de focarem suas atividades preferencialmente na região em que estão

inseridos - em particular, nos equipamentos públicos destas; e também por seu aparente interesse pela discussão sobre políticas públicas para a periferia, como se pode depreender previamente das discussões contidas nos blogs e nas páginas do facebook de ambos os coletivos; assim como também, pelo modo de atuação específico de cada grupo.

Capítulo 2 - Apresentando os Interlocutores da Pesquisa

2.1 - A Perifa em Atividade

*(...) Dos quadros e telas,
Paredes sem reboque
Grafites, stencil e frases soltas
Que a elite entra em choque.
É o movimento da coletividade
No Sarau Perifatividade!
(Hino Perifatividade -
Coletivo Perifatividade, 2010)*



03 - Parque Bristol, um dos bairros de atuação do Coletivo Perifatividade. Foto: Sílvio Rogério.

É sábado. Por volta das 16h00min, na altura do número 729 da Rua Benedito Tolosa (que de tão estreita, parece mais uma viela) no Parque Bristol, começa uma movimentação. Um casal chega de carro e descarrega na garagem, caixas de som, pedestais, pick ups, mesas, jogo de luz e mais alguma parafernália

sonora. Eles estão com pressa, pois não podem demorar muito. Ali passam ônibus e mal dá pra estacionar sem jogar o carro na calçada. Os ônibus literalmente carregam os passageiros para o metrô Santa Cruz, Terminal Sacomã e Parque Dom Pedro. Assim que acabam, Ana Fonseca e Paulo Rams saem para estacionar o carro numa esquina. Paulo é fundador do Coletivo Perifatividade. Ana, sua esposa, entrou no coletivo em 2012. Logo mais chega Diego Soares - que além do Perifatividade, integra o grupo de rap Pânico Brutal - e já vai montando a mesa e as pick ups, para o responsável pela trilha sonora da noite, o “DJ Ruivo Lopes”, que o aguardava ansioso, reclamando do atraso. Ruivo, além de estar enveredando pela arte dos toca discos, é militante da cultura e dos direitos humanos e está no Perifatividade a quase cinco anos.

João Cláudio, que foi o último a entrar para o coletivo - em 2014 - chega na sequência. Engatilha a sua arma e começa a registrar a toda a cena. Com o “dedo mole”, sai pra rua e começa a dar alguns cliques externos sobre a sede do Coletivo, o recém inaugurado “Espaço Perifatividade Círculo de Cultura”. Ao fundo sobrado de dois andares, se vê diversas casas humildes e algumas com um pouco mais de pompa. A rua é uma ladeira asphaltada. As calçadas são íngremes, desniveladas. Assim como as casas, onde cada cômodo parece ter sido emendado no outro.

Algumas ruas abaixo, próximas ao ponto final do ônibus se encontram outros sobrados, que elevam o conceito dos “puxadinhos” a outro nível. São bem mais altos que os tradicionais. Ainda era visível que se tratava de uma construção desordenada e irregular, não no sentido de “infringir a lei”, mas no sentido de não ser planejada. Eram altos, com uns quatro, ou cinco andares. Algo como um cortiço vertical. Remeteu-me a favela da maré no Rio de Janeiro, de tão altos. E é curioso, como ao mesmo tempo, o bairro mostra mudanças estruturais nítidas, mesclando conjuntos habitacionais mais caros, com populares e moradias precárias, típicas de periferia. E, como é comum nas periferias um pouco mais estruturadas, quanto mais se adentra nas profundezas do bairro, mais simples são as moradias.

Nesse meio tempo, o público e os artistas que vão se apresentar, começam a chegar. Na rua, de tempo em tempo, os buzões sobem e descem, desviando das pessoas e dos carros espremidos entre a rua e a calçada. Diego já tinha montado as pick ups e Ruivo Lopes já estava arranhando uns discos quando Claudio Laureatti²², o Poeta da noite, chegou. Cláudio, que faz da sua declamação de poesias uma performance teatral, ia lançar seu mais novo livro, o “Luz e Tom”, no sarau daquela tarde/noite. Seguindo as pisadas de Cláudio, o pessoal do “Avante o Coletivo”²³ já encostava na casa. Junto, eles trouxeram a “banca”²⁴ de rap deles. O pessoal que os acompanha nas apresentações. Com essa banca, também veio o “Malokero Anônimo”²⁵, que também ia mandar os seus versos em cima das batidas, no sarau. Como o rap é prata e prato da casa, mais a noite ainda se apresentaria o “Pânico Brutal”²⁶ e o “D’Grand Stillo”²⁷, que é um grupo de

²² Cláudio Laureatti é Poeta, ator (DRT- 25598 SATED) e cidadão nascido em São Paulo em 1974. É educador (bacharel licenciado em Letras pela FFLCH-USP), performático e artista teatral paulistano. Participante de saraus desde o final da década de 90. Participou ativamente da Cooperifa (Cooperativa dos Poetas de Periferia/ Prêmio Dom Quixote de la Perifa 2007/2008) em Chácara Santana, zona sul paulistana. Poeta Homenageado pelo Sarau Sopa de Letrinhas 2010. Trabalhou enquanto ator no Projeto “Peabiru, o caminho suave” financiado pelo FEMA (Fundo Especial do Meio Ambiente – Prefeitura de São Paulo) pela Associação Cultural Morro do Querosene e no espetáculo “Carlos, não se mate!” em 2012 no Auditório da Biblioteca Alceu Amoroso Lima, além, é claro da peça “Fragmentos de um poeta” na ONG Ação Educativa e Casa Mário de Andrade. É proponente do Sarau da Cesta. Maiores informações em: <https://www.clubedeautores.com.br/authors/75289>.

²³ Avante o Coletivo, é um coletivo de Hip-Hop de São Paulo que desde 2007 expressam suas mensagens através do Rap. Com versos criativos, rimas inteligentes, ritmos marcantes, e estilo autêntico, unindo ao Rap estilos musicais diversificados como (reggae/ragga, samba e a MPB), características que diferenciam o trabalho do Avante o Coletivo, um coletivo que integra os elementos do Hip-Hop em performance simultânea, uma das grandes surpresas do rap nacional dos últimos anos. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/avanteocoletivo/about/?ref=page_internal.

²⁴ Banca é a gíria usada comumente nas periferias e no Hip Hop para designar um grupo de pessoas. É similar a galera, crew, rapa ou bonde. Maiores informações em: <http://pt.gurias.wikia.com/wiki/Banca>.

²⁵ André Luis Rodrigues do Nascimento, mais conhecido como Malokero Anônimo nas ruas da Vila Arapuã, São João Clímaco e Heliópolis é Integrante do grupo Mandamentos. Anônimo começou sua caminhada em meados dos anos 90 quando escreveu sua primeira rima, influenciado pelas amizades e som de Fuá, Rappin Hood, Sabotage, entre outros. Tatuador, marido, pai de três filhos, carrega em seu cotidiano a maior inspiração para suas composições. Integrante do núcleo Estrondo, realiza trabalhos também com a grupo de rap Avante o Coletivo. Maiores informações em: <http://soulart.org/musica/malokeroanonimo/>.

²⁶ O Pânico Brutal é um grupo de Rap formado em 1993 no Fundão do Ipiranga/SP. Atualmente o grupo é composto por Diego Soares e Terno Maciel + Dj. As letras politizadas são tática combate e o grupo se define como Rap de Esquerda. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/P%C3%A2nico-Brutal-538662829587501/about/?ref=page_internal.

rap de Heliópolis, os quais eu já vi algumas vezes se apresentando no sarau do Perifatividade.



04 - Frente do Espaço Perifatividade Círculo de Cultura. Foto: Elaine Campos.

Na garagem já havia um fluxo de pessoas circulando. No primeiro cômodo inferior da sede, fica a lojinha do coletivo, onde livros, camisetas, uma geladeira com cerveja, refrigerantes e lanches e a mesa com as pick ups, se espremiavam num cômodo pequeno. Da janela, onde estavam instaladas as pick ups, Ruivo Lopes seguia embalando a festa. Nisso, chega Gláucia, com seus dois filhos e a irmã. Traziam bolos e lanches naturais para vender durante o sarau. “Dinheiro sempre falta”, disse ela, “e preciso complementar em casa com algum”. Gláucia acompanha o coletivo já tem um tempo, e sempre que pode, leva seus filhos nas atividades que o Perifatividade organiza. Por fim, Vinão Alôbrasil, Mc oficial do Perifatividade, chega. A escalação dos “Perifativos”, como os integrantes do

²⁷ Grupo de Rap originário da cidade de São Paulo, mais precisamente dos bairros de Heliópolis e Vila Carioca. Formado por Mano OD, Fanti, Dog Dee e Dj Wyll. Maiores informações em: <https://www.dgs1.com.br/>.

coletivo se chamam, está completa. Já passa um pouco das 17h00min e o sarau começa.

Ana Fonseca então, pega um dos microfones e começa convida o pessoal que já circula pelo espaço pra cantarem o “Hino Perifativo”, composto por Vinão Alôbrasil. Vinão, além de ser cofundador do coletivo, já tem uma “caminhada” de quinze anos dentro do rap. Também comanda uma produtora musical e trabalha como assistente social. Eis que Ruivo solta a base, e o pessoal que estava na rua, entra. Alguns se sentam nas cadeiras de plástico dispostas pela garagem. Outros preferem ficar em pé, olhando, dançando e cantando:

“- É o Sarau do Perifa em atividade! Seja bem vindo e fique muito à vontade!”

Na rua, olhares curiosos, buscam entender o que acontece ali. Uns com mais curiosidade; outros com timidez. Os jovens são os maestros dessa curiosidade. Passam, sorriem, cumprimentam e vão embora. Alguns, seduzidos logo de cara pelas batidas, permanecem. Outros voltam, com amigos, amigas e/ou namoradas(os). Na garagem, Paulo Rams fala sobre o coletivo e sobre a conquista do Espaço Perifatividade Círculo de Cultura, que é financiado por um edital de política pública, com o qual o grupo foi contemplado. Logo mais, Claudio Laureatti é chamado. Cláudio faz uma roda de poesia, onde distribui livros e pede, para cada uma das pessoas ali sentadas, abrir numa página e ler um trecho. Assim começa uma de suas intervenções: “A Poesia Coletiva”. A surpresa com o fato de, na maioria das vezes, as poesias terem sentido, cativa os participantes. Ao final, Laureatti diz: “Viram? Fizemos um poema juntos! Fazer poesia não é tão difícil assim!”

No interior do espaço, as crianças se divertem com o Abu Jamal. Jamal, como é popularmente conhecido, é um cachorro resgatado da rua. Seu nome, que foi dado pelo casal Paulo e Ana, é em homenagem ao Preso Político *Mumia Abu*

*Jama*²⁸. As crianças sobem e descem as escadas, numa bateção só, que dão para o escritório e a sala de projeção, onde acontecem exposições de obras audiovisuais, aulas de dança, idiomas, oficinas de grafite, de Mc, de defesa pessoal e de direitos humanos. As mães, como medo de seus filhos se machucarem, os mandam descer. Eles correm para o espaço da biblioteca/sala de leitura, em construção, ao lado da cozinha. Lá se deparam com livros e mais livros: alguns nas estantes e outros guardados em caixas abertas, que são um convite à curiosidade da molecada. Elas fuçam, tiram da ordem, bagunçam as caixas a procura de algo que prendam sua atenção. E agem dentro da expectativa: Um livro pra colorir é escolhido. Na sequência vem toda a aceleração, numa correria só, cheia de gritos e olhos brilhando, num grito empolgado e estridente, direcionado a todo e qualquer adulto pelo caminho: “Tio/Tia, onde é que tem lápis de cor?”

²⁸ Jornalista e militante negro anti-racista, antigo membro dos Panteras Negras, Mumia Abu-Jamal foi preso a 9 de Dezembro de 1981, sob a acusação de ter assassinado o oficial de polícia Daniel Faulkner, em Filadélfia, nos Estados Unidos, e condenado á pena de morte. Ao longo de 20 anos de uma incessante batalha judicial, repleta de apelos a um julgamento justo por parte de inúmeras personalidades e de milhares de manifestantes, e apesar da constatação de inúmeras irregularidades no processo, a data da sua execução foi várias vezes marcada e depois suspensa. Ao todo, Abu Jamal esteve quase 30 anos no corredor da morte. Maiores informações em: <https://colectivolibertarioevora.wordpress.com/2016/12/09/eua-pela-liberdade-de-mumia-abu-jamal-doente-e-presos-ha-35-anos/>.



05 - Público visitando a biblioteca do Circulo de cultura Perifatividade; Foto: Elaine Campos

Já são um pouco mais de 20h00min quando os manos do Avante, o Coletivo começam a se apresentar. O público, que havia aumentado, se entoca na frente da garagem. De primeiro, ficam alí sapeando, ganhando o ambiente. Depois, já se enturmam, dançam e se soltam um pouco mais. Eventualmente alguém vai até a loja pegar uma latinha de cerveja e volta. Do lado de fora, na rua, os buzões continuam seu ciclo, passando pra lá e pra cá, tirando uma fina da galera na calçada, que entre uma batida e outra, um gole de cerveja ou um trago, divide a atenção e a empolgação entre as apresentações do dia alí na garagem e o cuidado pra não se “enganchar” na roda do buzão e ser arrastado.

Termina a apresentação do Avante. Paulo pega o microfone e pergunta se alguém quer falar alguma coisa ou recitar uma poesia. Os olhos tímidos, mas sérios do público presente - na maioria fãs de rap - se desviam. Paulo então fala do Sarau, do trabalho cultural que o Perifatividade realiza a quase sete anos na região e sobre os novos planos e desafios com a aquisição do novo espaço, principalmente no contexto atual gestão municipal de São Paulo. Na sequência, manda uma poesia, *“Tomemos o poder de Assalto”*, com a qual foi ovacionado pelas pessoas alí presentes. Então, chama o Malokero Anônimo para começar

sua apresentação, que dura por volta de 00h40min e conta com a participação do Avante, O Coletivo e outros rappers. Eis que finalizando, chegam os manos do D'Grand Stillo. O grupo já é relativamente conhecido dos presentes. Um de seus integrantes, Fanti Manumilde é professor da rede pública na região e já foi Conselheiro Tutelar. O grupo faz um pocket show na garagem, embalando o público local. Esse por sua vez, não deixa por menos e canta junto, as músicas que já lhes são conhecidas.

São um pouco mais de 23h00min quando o sarau acaba. Os Perifativos agradecem a todos, reforçam o convite para participar do espaço, falando sobre os cursos que acontecem no mesmo e sobre a importância de se envolver politicamente e culturalmente na quebrada, principalmente no momento atual. Logo após, como de praxe, Ana chama todos os presentes para a foto final do dia, a fim de registrar e celebrar o momento. Todos vão pro fundo da garagem, onde se espremem alí, para o click final do dia. João Cláudio encosta, enquadra a cena e dá seu disparo final. As pessoas vão se despedindo e em meia hora, o pessoal do Perifatividade, entre comentários sobre o dia e risadas, desmonta tudo e fecha a sede. É quase 00h00min, quando todos vão embora.



06 - Público presente em noite de sarau no Círculo de Cultura Perifatividade. Foto: João Claudio.

2.2 As trajetórias e as histórias

O Coletivo Perifatividade surgiu no ano de 2010, no “Fundão do Ipiranga”²⁹, região sudeste de São Paulo, fundado por Paulo Rams, Fabner Camilo e Vinão Alôbrasil e mais alguns amigos. Alguns integrantes do coletivo - como Rodrigo Dimenor, Dinha e Terno Maciel - na verdade, já atuavam na região desde 2008, pois faziam parte do Núcleo Poder e Revolução³⁰, uma Posse³¹ de Hip Hop da região. Porém, com o tempo, o pessoal da Núcleo e Revolução foi se afastando do Coletivo. Segundo informações encontradas no blogue³² do coletivo, tal qual no trabalho de Simone Freire (Freire, 2012), o primeiro sarau organizado sob o nome Perifatividade se deu em julho de 2010, no Bar da Dona Maria, localizado no Jardim Clímax. Atualmente, o Coletivo é formado por Paulo Rams, Vinão Alôbrasil, Diego Soares, Ana Fonseca, Ruivo Lopes e João Cláudio.

Paulo Rams (Paulo Sérgio Rodrigues), o idealizador do Coletivo, tinha interesse pela literatura desde jovem. Na adolescência sempre estava rabiscando pelo caderno algumas poesias e pensamentos. Mas foi com um grupo de amigos que se reunia na casa de um deles, o Cássio - para praticar exercícios físicos e ler a revista Caros Amigos, dentre outras coisas, é que surgiu a primeira idéia de montar um grupo na região. Uma espécie de coletivo. Assim surgiu o RAMS - Revolucionários Anarquistas Mudando o Sistema. Daí vem o apelido de Paulo. Com o passar do tempo, o grupo se dispersa e Paulo ingressa na Universidade

²⁹ O “Fundão do Ipiranga” é como os moradores da região do Ipiranga nomeiam a mesma. Ela compreende os bairros Jardim Clímax, Parque Bristol, Jardim São Savério, Jardim Maristela, Boqueirão, Heliópolis e Vila das Mercês.

³⁰ Segundo consta no blog do grupo “O Coletivo Poder e Revolução nasceu em 1999 no Fundão do Ipiranga. Nascido como uma posse de Hip Hop, a PPR – ou Posse Poder e Revolução – tornou-se mais tarde Núcleo Cultural e de Ações Políticas, expandindo suas manifestações para além do âmbito do movimento Hip Hop, propondo políticas públicas e realizando intervenções nos bairros.” Maiores informações em: <https://nucleopodererevolucao.wordpress.com/sobre/>.

³¹ Posse: É a união de dois ou mais elementos com número de pessoas indeterminado, com interesse comum, podendo ser a dança com principal característica primordial o break, bem como o grafite, o rap, a atuação de M.C, D.J. além do 5º elemento que é o conhecimento que têm como importância o desenvolvimento da cultura Hip Hop. Maiores informações em: <http://possehausa.blogspot.com.br/2006/01/0-que-posse-hausa.html>.

³² Maiores informações em: <https://perifatividade.com/>.

Nove de Julho³³ (Uninove), no curso de História. Como trabalhava de Cobrador de ônibus na época, o sindicato da categoria pagava 50% do curso e Paulo arcava com o restante. Trabalhava como cobrador durante o dia e estudava a noite. No ofício de cobrador, seguia com o hábito da leitura. Porém, passado um ano e meio, Paulo sai do emprego e acaba por conseguir uma bolsa do PROUNI, com a qual, termina a graduação em História. E foi no curso de História que conheceu um amigo da Vila Brasilândia que o leva no Sarau da Brasa. A partir de então, Paulo começa a frequentar os Saraus pelas periferias de São Paulo.

Extremamente empolgado com a energia do Sarau, Paulo decide fazer algo do tipo na sua região. Para tanto, convida alguns amigos. Dentre eles, Vinão Alôbrasil - e organiza um Sarau no CEU Parque Bristol sob o nome de *"Tudo Junto e Mixturado"*. Esse sarau contou com apresentações musicais, declamações de poesia e afins, além da presença do Coletivo Poesia na Brasa.



³³ A Universidade Nove de Julho (UNINOVE) é uma instituição de ensino superior privada brasileira, sediada em São Paulo, com campus localizados nos bairros paulistanos da Vila Maria, Barra Funda, Liberdade, Santo Amaro e Vila Prudente, polos situados nos municípios de Bauru, Botucatu, São Roque e São Manuel, além de convênios acadêmicos com a Faculdade Marechal Rondon (FMR) e a Faculdade de Administração e Ciência Contábeis de São Roque (FAC). Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Nove_de_Julho.

No mesmo mês, segundo a sugestão de Vander, um dos integrantes à época, mudam o nome para “*Perifatividade*”. Com esse nome se apresentam - no mesmo ano - no Bar da Dona Maria, no Jardim Clímax. O nome Perifatividade, segundo Simone Freire (Freire, 2012), é em função do fato do grupo desenvolver suas atividades nas periferias do Ipiranga. Da Periferia em atividade. Logo, Perifatividade.

Nesse momento, o grupo já contava com a participação de Vinão Alôbrasil. Ele juntamente com Paulo são, atualmente, os integrantes mais velhos no grupo. Rodrigo Souza (que é o nome de batismo de Vinão), é nascido e criado no Jardim Clímax. Tanto o apelido - Vinão , como a influência musical, veio de seu pai, que foi Dj de bailes black, o que fez Rodrigo se interessar pela música negra desde cedo. Como também possuía parentes inseridos na cultura Hip Hop, o gênero escolhido por Vinão foi o Rap, no qual já possui uma caminhada de 15 anos, como afirmou em entrevista para esta pesquisa. Já o “Alôbrasil” vem de seu primeiro grupo de rap, de mesmo nome. Segundo Vinão, o Alôbrasil vem da idéia de dar um “salve” sobre as coisas que estão acontecendo no Brasil: as desigualdades, a violência, o racismo. Nas palavras do mesmo, é algo como “Alôbrasil, vamos acordar!”. Além ser MC, Vinão é o responsável pela produtora cultural “*Okmestre Entretenimento*”³⁴, especializada em artistas do Rap/Hip Hop. Também é bacharel em Assistente Social, área na qual se graduou em 2017, pela Uninove, com desconto de 30%, proporcionado pela Ong na qual trabalhava como mediador

³⁴ “OkMestre é um Selo musical independente, com sede no Ipiranga, Zona Sul de São Paulo, idealizado em pelo MC Vinão alobrasil . Maiores informações em: <https://www.okmestre.com/quem>.

sócio educativo na época, a APOIO³⁵. Atualmente Vinão trabalha como orientador sócio educativo no projeto “*Família em Foco*”³⁶.

Tabela 01: Entrevistados/as durante a pesquisa (Coletivo Perifaticidade)

Entrevistado/a	Idade	Raça/Etnia	Gênero	Profissão	Ensino Superior	Tempo de Participação	Reside no local que atua
Ana Fonseca	37	Afro Indígena	Fem.	Educadora	Sim	2012 - Atualmente	Não
Paulo Rams	33	Negro	Masc.	Desempregado	Sim	Fundador	Não
Vinão Alôbrasil	28	Negro	Masc.	Assistente Social	Sim	Fundador	Sim
Diego Soares	27	Branco	Masc.	Editor de Imagens	Sim	2011 - Atualmente	Sim
João Claudio	34	Branco	Masc.	Desempregado	Não	2014 - Atualmente	Sim
Ruivo Lopes	38	Branco	Masc.	Desempregado	Sim	2013 - Atualmente	Sim

Em 2011, após um ano de existência do coletivo, junta-se ao grupo o Mc Diego Soares. Diego, nas palavras do próprio, é “fruto do movimento de moradia da região”. Quando criança, morou numa ocupação do Jardim São Savério, com seus familiares. E essa experiência o fez sempre buscar estar envolvido em causas sociais e culturais na região. Especialmente com o Rap/Hip Hop. Diego é graduado em Rádio & Televisão na Faculdade São Judas Tadeu³⁷ e trabalha

³⁵ “APOIO – Associação de Auxílio Mútuo da Região Leste, iniciou suas atividade em 1992 e foi fundada em 18/12/1993, organização civil sem fins lucrativos, reconhecida de Utilidade Pública Federal, resultou de um grupo formado por pessoas de vários segmentos sociais preocupados com a pobreza de amplas camadas populares. Maiores informações em: <https://www.apoio-sp.org.br/quem-somos>.”

³⁶ “Com o objetivo de atender às demandas específicas e garantir a inclusão da população em situação de rua, principalmente às famílias com alta vulnerabilidade, a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) criou o Projeto Família em Foco. (...) A missão é a reinserção delas na sociedade, desenvolvendo a autonomia por meio de um trabalho integrado das Secretarias de Assistência Social, Direitos Humanos e Cidadania, Habitação, Saúde, Educação e Trabalho”.
Maiores informações em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=145008.

³⁷ A Universidade São Judas Tadeu foi oficialmente reconhecida pela Portaria Ministerial nº 264, de 4 de maio de 1989. A Universidade possui como missão “contribuir para a formação integral do

como editor de imagens e cinegrafista. Além do Perifatividade, Diego também integra o já citado grupo de Rap “*Pânico Brutal*” e o Projeto “*Crack Zero*”³⁸

Já Ana Fonseca, companheira de Paulo, entrou para o coletivo em 2012. Formada em biologia pelo Centro Universitário São Camilo³⁹, Ana teve experiência como professora de ensino médio e educação infantil, mas foi através de seu envolvimento com a dança, a qual pratica desde a adolescência - que descobriu seu gosto pela cultura. Com a dança, circulou por diversas companhias e chegou a se apresentar artisticamente, além de dar aulas. Mas foi organizando eventos de Hip Hop e trabalhando como assessora e produtora, que se envolveu definitivamente com a cultura das periferias. E foi numa reunião sobre o Projeto VAI, que Ana conheceu Paulo e mais tarde, acabou entrando para o Coletivo Perifatividade, cuidando principalmente da assessoria de imprensa do grupo.

ser humano por meio da excelência no Ensino, na Pesquisa e na Extensão. Além dos princípios estabelecidos na Constituição Federal, a USJT norteia sua ação educativa em princípios humanísticos e princípios organizacionais”. Maiores informações em: <http://www.usjt.br/a-sao-judas/>.

³⁸ “O Projeto Crack Zero abriga cerca de 100 pessoas em recuperação devido ao uso de drogas. Sem ajuda de governo ou outro órgão”. “(...) O programa Crack Zero proporciona além do apoio psicológico e da presença de amigos e família, ele oferece também um tratamento diferente, com café e limão”. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/projetocrackzeroSP/about/?ref=page_internal e <http://www.ebc.com.br/cidadania/2015/07/projeto-crack-zero-ajuda-dependentes-com-apoio-psicologico-e-ingredientes-curiosos>.

³⁹ Centro Universitário São Camilo é uma instituição privada brasileira de ensino superior mantida pela União Social Camiliana pertencente à Ordem dos padres Camilianos. O Centro Universitário mantém um colégio de ensino fundamental e médio, na Zona Sudeste de São Paulo no bairro do Ipiranga). Oferece cursos de graduação e em pós-graduação em diversas áreas, mas é reconhecida por sua grande ênfase no setor de saúde, sobretudo cursos de enfermagem, nutrição e Medicina. Segundo a página da instituição, sua missão é de “Promover o desenvolvimento do ser humano por meio da educação e da saúde, segundo os valores camilianos” com a visão de “Ser uma organização de referência nas áreas da educação e da saúde, com ações que promovam a melhoria da qualidade de vida na sociedade”. Maiores informações em: https://saocamilo-sp.br/institucional/quem_somos/nossos_valores.

Atualmente Ana Trabalha como educadora infantil no projeto Curumim⁴⁰, numa unidade do Sesc⁴¹ em São Paulo.

Por sua vez, em 2013, Fernando Lopes (ou Ruivo Lopes, como é conhecido), também entra para o time. Ruivo, que tem uma longa trajetória com movimentos sociais, culturais e de direitos humanos, foi fundador do já citado Sarau da Ocupa. Este que aconteceu durante dois anos numa ocupação na Avenida São João, no centro de São Paulo. Nascido em São Vicente, litoral de São Paulo, veio a residir na capital no final da década de 90. Ainda na baixada, se envolveu com grupos anarquistas e outros movimentos sociais. Foi fanzineiro⁴² e participou de diversas atividades culturais e políticas. Trabalhou com o grupo “Tortura Nunca Mais”⁴³, com o “Observatório de Violências Policiais - SP”⁴⁴ e

⁴⁰ Com mais de 25 anos de existência, o Curumim é um programa de educação não formal do Sesc em São Paulo. Direcionado para crianças de 7 a 12 anos, que através de encontros semanais – e por meio de brincadeiras, passeios, atividades culturais e esportivas – visa contribuir para o desenvolvimento da autonomia, afetividade, cooperação, senso crítico, cidadania e o respeito pelo próximo. Maiores informações em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/9676_APRENDER+E+BRINCAR+O+QUE+E+O+CURUMI+M.

⁴¹ A ação do Sesc - Serviço Social do Comércio - é fruto de um sólido projeto cultural e educativo que trouxe, desde sua criação pelo empresariado do comércio e serviços em 1946, a marca da inovação e da transformação social. Ao longo dos anos, o Sesc inovou ao introduzir novos modelos de ação cultural e sublinhou, na década de 1980, a educação como pressuposto para a transformação social. A concretização desse propósito se deu por uma intensa atuação no campo da cultura e suas diferentes manifestações, destinadas a todos os públicos, em diversas faixas etárias e estratos sociais. Isso não significa apenas oferecer uma grande diversidade de eventos, mas efetivamente contribuir para experiências mais duradouras e significativas. Maiores informações em: <https://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/quem-somos/>.

⁴² Fanzineiro é aquele que faz, que edita seus próprios fanzines (Fanatic Magazines). Para maior compreensão do tema, Indico o documentário “Fanzineiros do Século Passado”, de Márcio Sno, disponível em três partes no Vimeo. Maiores informações em: <https://vimeo.com/19998552>.

⁴³ O Grupo Tortura Nunca Mais SP surgiu como um instrumento de luta dos familiares dos mortos, desaparecidos e dos torturados políticos do regime militar implantado no país em 1964. As atividades começaram em 1976, ainda como grupo clandestino, com a busca de esclarecimentos das mortes e desaparecimentos dos militantes engajados na resistência, insistindo que o Estado assumisse a responsabilidade pelos crimes cometidos. O Grupo Tortura Nunca Mais SP tem como objetivo a defesa dos direitos humanos, civis, econômicos, sociais, culturais e ambientais com ênfase na luta contra todas as formas de agressão e tortura praticados em relação à pessoa humana, pelo poder público e por seus agentes oficiais ou paralelos, em qualquer esfera e instância. Maiores informações em: <http://www.torredasdonzelas.com.br/grupo-tortura-nunca-mais-sp/>.

⁴⁴ O Observatório das Violências Policiais é um site que cumpre duas funções sociais. É um arquivo de notícias e textos selecionados como marcantes e emblemáticos na evolução da conjuntura de direitos humanos, bem como de análises estruturais dessa violência, vinculadas de um lado à impunidade dos crimes cometidos durante a ditadura e de outro à violência institucional cotidiana. Maiores informações em: <http://www.ovp-sp.org/apresentacao1.htm>.

diversas vezes na Ação Educativa, dentre outros. Formado em Pedagogia, Ruivo é o responsável pela discotecagem nos saraus do Perifaticidade, além de escritor e educador social. Atualmente se encontra desempregado e morando no Parque Bristol, para onde se mudou há um ano.

Completando a escalação dos “*Perifáticos*”, chega João Cláudio, ou “Jotacê” como é chamado pelos companheiros. João, que é nascido e criado no Ipiranga (mais especificamente, no Jardim Maristela) entrou para o coletivo em 2014. A entrada de João se deu após acompanhar algumas atividades do grupo, em especial, após ver uma apresentação do Rapper Gog, num evento organizado pelo Perifaticidade. Segundo o próprio, em entrevista cedida para esta pesquisa, ao ouvir o rapper cantar a música “Assassinos Sociais”⁴⁵, sentiu que era aquilo que ele queria fazer. Ainda segundo JC, Paulo Rams já o havia convidado outras vezes, mas foi nesse momento que decidiu entrar para o grupo. João foi envolvido com o Movimento Punk e dentro do movimento, segundo o mesmo, afinou o gosto e a percepção pela importância da leitura. Nessa época, recebeu a alcunha de “monstro” por que era uma pessoa que lia demais e de tudo. Porém, por achar que o nome “monstro” tem um carga negativa, optou por ser chamado de Jotacê. Com sua participação no Coletivo, João se sentiu motivado a retomar os estudos e atualmente faz supletivo e pensa em prestar vestibular numa universidade pública, no curso de História. Além do Perifaticidade, João faz parte do Fórum de Hip Hop do Ipiranga⁴⁶.

⁴⁵ “Assassinos Sociais” é uma canção do Rapper Gog, que compõe seu terceiro disco, intitulado “Dia a Dia da Periferia”, lançado em 1994. Parte da letra diz o seguinte: “E enquanto isso o que eles fazem?/ Começam em Brasília a semana na quarta e encerram na quinta/Matam a segunda, a terça, a sexta/Mal político em qualquer canto do planeta/É um Anticristo, um cisto, a besta/A atração principal/do telejornal/ A procura de status/investe no visual/Realmente eu sou um marginal/E quero ver sua cabeça seu oco seu mal/Bicho mesquinho/Vejo em seus olhos tochas de fogo luzindo/Nas suas costas asas vermelhas se abrindo/É só olhar pra eles e verá que não estou mentindo/Que não é vacilo, delírio, nem sonho/Mau político pra mim: o pior dos demônios/Junta logo suas malas e vai!/ Assassinos Sociais/ É, os poderosos são demais!”. Para maiores informações ver o livro *A Rima Denuncia* (2010), do rapper Gog.

⁴⁶ Segundo consta na página do facebook do grupo, o Fórum do Hip Hop do Ipiranga “Resgata e preserva a cultura da região, que historicamente contribuiu para manter viva a juventude e os 4 elementos da cultura Hip Hop. Contra a opressão”. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/F%C3%B3rum-De-Hip-Hop-Do-Ipiranga-Sudeste-1422040834754827/about/?ref=page_internal.

Depois de ter mudado de bar algumas vezes, hoje o coletivo realiza mensalmente seu tradicional sarau, assim como suas demais atividades em equipamentos públicos da região (como CEUS⁴⁷, Escolas e Bibliotecas Públicas, Centros Comunitários e afins). O Perifatividade, segundo uma análise feita em seu blogue como também no campo realizado para esta pesquisa, demonstra estar mais engajado, nos últimos anos, na promoção não só da leitura, mas também da cultura como um todo na região, estreitando laços com outros coletivos literários e culturais das periferias. E mais que isso, o Coletivo tem levado adiante a questão dos direitos humanos nas periferias. Algo um tanto inusitado no contexto dos coletivos culturais das periferias. Não que essa discussão seja nova no contexto desses grupos, mas sim, pelo fato de que os integrantes do Perifatividade fazem formações internas e externas, buscando se apropriar com qualidade da discussão, e puxarem debates sobre o tema dos direitos humanos para a população nos locais onde atuam.

Além disso, o grupo tem atuado junto a movimentos sociais como as *Mães de Maio*⁴⁸, a *Central de Movimentos Populares*⁴⁹, a *ENFF*⁵⁰ e afins. O

⁴⁷ Os Centros Educacionais Unificados (CEU) são equipamentos públicos voltados à educação criados pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e localizados nas áreas periféricas da Grande São Paulo, no Brasil. Foram concebidos pelo EDIF - Departamento de Edificações/PMSP como um centro local da vida urbana. Seu programa articula os equipamentos urbanos públicos dedicados à educação infantil e fundamental aos dedicados às práticas esportivas, recreativas e culturais cotidianas. O município de São Paulo conta atualmente com 46 CEUs onde estudam mais de 120 mil alunos. Tal projeto foi inaugurado na gestão da então prefeita Marta Suplicy (2001-2004), na época filiada ao PT (Partido dos Trabalhadores). O projeto ainda passou por reformulações durante a prefeitura de José Serra (2006-2006) do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), que cancelou a entrega das 24 estruturas previstas; depois pela gestão do Prefeito Gilberto Kassab à época, filiado ao DEM (Democratas), que entregou 24 novos centros; e finalmente na gestão de Fernando Haddad, prefeito pelo PT, que prometeu mais 20 novas unidades, com um novo formato, mas só entregou uma: a do CEU Heliópolis. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_Educacional_Unificado.

⁴⁸ O Movimento Mães de Maio foi formado pelas mães e familiares das vítimas de violência policial, em maio de 2006. Mais informações em: <http://www.maesdemaio.com/>.

⁴⁹ A CMP (Central de Movimentos Populares) é fruto de um processo histórico de resistência e dos movimentos sociais populares, em especial das lutas sociais dos anos 1980. Foi fundada no I Congresso Nacional de Movimentos Populares, realizado de 28 a 31 de outubro de 1993, em Belo Horizonte/MG. No encontro de fundação, estiveram presentes 950 pessoas oriundas de 22 Estados do País e representando vários movimentos, tais quais os de prostitutas, negros, mulheres, crianças e adolescentes, homossexuais, moradores de rua, portadores de deficiência, índios, movimento por transporte, moradia, saúde, saneamento, direitos humanos, entre outros, demonstrando a amplitude e a diversidade ali representadas. Seu eixo central de atuação é as Políticas Públicas com Participação Popular, um instrumento de articulação dos movimentos populares. Maiores informações em: <http://cmp-sp.blogspot.com.br/p/historia.html>.

Perifatividade também tem atuado junto ao *Movimento Cultural das Periferias*⁵¹, que foi responsável pela criação e ratificação da *Lei de Fomento às Periferias*⁵² (Lei nº 16.496/2016). Participou também da mobilização dos coletivos culturais das periferias, intitulada *Periferias contra o Golpe*⁵³. da Ocupação da Câmara dos Vereadores de SP⁵⁴ e da Ocupação Cultural da Secretaria Municipal da Cultura⁵⁵ (SMC/SP). O Coletivo ainda atua nas discussões sobre o PMLLLB-SP⁵⁶, onde Paulo Rams foi eleito como Conselheiro em 2016, sendo o candidato mais votado em eleição aberta aos munícipes.

⁵⁰ A ENFF (Escola Nacional Florestan Fernandes) é resultado de um acúmulo de experiência que propõe o desafio de aprofundamento de questões políticas, econômicas e sociais referentes às práticas das organizações de trabalhadores do campo e da cidade comprometidas com a superação das injustiças sociais e a solidariedade entre povos. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/ENFFOficial/about/?ref=page_internal.

⁵¹ Segundo consta na página do Facebook do grupo, “O Movimento Cultural das Periferias é composto por diversas coletividades, grupos, artistas, cidadãos e movimentos periféricos. é nós por nós!”. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/MovimentoCulturaldasPeriferias/about/?ref=page_internal.

⁵² Coletivos se mobilizam para desenrolar lei de incentivo à cultura da periferia. Maiores informações em: <http://mural.blogfolha.uol.com.br/2016/04/28/coletivos-se-mobilizam-para-desenrolar-lei-de-incentivo-a-cultura-da-periferia/>.

⁵³ Movimentos sociais e coletivos ligados a periferias lançam campanha contra o golpe. Maiores informações em: <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2016/03/movimentos-sociais-e-coletivos-ligados-a-periferia-lancam-campanha-contra-o-golpe-4660.html>.

⁵⁴ Movimento Cultural das Periferias ocupa presidência da Câmara dos Vereadores de SP. Maiores informações em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/21/movimento-cultural-das-periferias-ocupa-presidencia-da-camara-dos-vereadores-de-sp/>.

⁵⁵ Não vão quebrar nossa cara: 30 horas de uma ocupação histórica pela cultura. Maiores informações em: <http://periferiaemmovimento.com.br/nao-va-quebrar-nossa-cara-30-horas-de-uma-ocupacao-historica-pela-cultura/>.

⁵⁶ O Plano Municipal do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (PMLLLB) de São Paulo é uma lei (16.333) instituída no município dia 18 de dezembro de 2015. Trata-se de uma enorme conquista para a cidade no que diz respeito às políticas públicas relacionadas ao livro e à leitura. Tem como princípios “o reconhecimento à literatura como direito humano, a compreensão de sua natureza formativa e o incentivo à imaginação, à criação e à educação literária” e “a defesa e a promoção da diversidade cultural, de gênero, étnico-racial, política e de pensamento”. Maiores informações em: <http://biblioo.cartacapital.com.br/voce-conhece-o-pmlllb-sp/>.



08 - Da esquerda para a direita: JC, Paulo, Ana, Diogo, Beto, Ruivo e Vinão, com o Rapper Thaíde, na festa de encerramento do aniversário de seis anos do Coletivo Perifatividade. Foto: Elaine Campos.

Ainda no que diz respeito à articulação política do coletivo, em diversas entrevistas ficou evidente que o grupo se posiciona dentro do espectro da esquerda, mas de maneira autônoma. Apesar de fazer certa referência ao anarquismo, o coletivo possui proximidade com figuras e grupos ligados a partidos políticos dentro do espectro daquilo que se entende por esquerda no Brasil. Principalmente o PT (Partido dos Trabalhadores). Durante o campo não só presenciei claras referências de apoio ao então Prefeito Fernando Haddad⁵⁷, como

⁵⁷ Fernando Haddad (São Paulo, 25 de janeiro de 1963) é um acadêmico e político brasileiro, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Foi prefeito da cidade de São Paulo entre 2013 e 2016. Professor de Ciência Política da Universidade de São Paulo, instituição onde graduou-se em direito, fez mestrado em Economia e doutorou-se em Filosofia, foi ministro da Educação entre julho de 2005 e janeiro de 2012, nos governos Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Haddad.

também a outras figuras políticas como Nabil Bonduki⁵⁸, Juliana Cardoso⁵⁹, Antônio Donato Madormo⁶⁰, Douglas Belchior⁶¹(filiado ao PSOL - Partido Socialismo e Liberdade) e Giva Manoel⁶² (também do PSOL).



09 - Coletivo Perifatividade na ENFF - Escola Nacional Florestan Fernandes. Foto: João Claudio.

⁵⁸ Nabil Bonduki além de candidato a Vereador, tem uma extensa carreira política e foi o Idealizador do Projeto VAI. Maiores informações em: <http://www.nabil.org.br/> e https://pt.wikipedia.org/wiki/Nabil_Bonduki.

⁵⁹ Juliana Cardoso foi eleita vereadora pelo PT em 2017. Maiores informações em: <http://julianacardosopt.com.br/>.

⁶⁰ Antonio Donato Madormo nasceu em São Paulo e é administrador de empresas. Elegeu-se vereador pela primeira vez em 2004. Filiado ao PT, ingressou no partido na década de 1980, quando militava no movimento estudantil na Universidade de São Paulo – foi membro do Diretório Central dos Estudantes Alexandre Vannucchi Leme. Como vereador, Donato tem marcado sua atuação pela melhoria do transporte público e na luta por outras conquistas da população da periferia de São Paulo, como a construção de equipamentos para o combate às enchentes na região do córrego do Pirajussara, na Zona Sul. Maiores informações em: <http://www.camara.sp.gov.br/vereador/donato/>. Acesso em 15/02/2018.

⁶¹ Douglas Belchior, além de vereador pelo PSOL, é colunista na Revista Carta Capital. Maiores informações em: <https://www.eleicoes2016.com.br/douglas-belchior/> e <http://negobelchior.cartacapital.com.br/author/negobelchior/>.

⁶² Giva Manoel saiu candidato pelo Psol em 2016. É Militante dos direitos humanos e envolvido com o movimentação cultural das periferias na zona sul. Maiores informações em: <https://www.eleicoes2016.com.br/giva-psol/>.

No caso de Juliana Cardoso e Antonio Donato, presenciei os integrantes fazerem referências aos mesmos como importantes lideranças políticas para a periferia durante dois saraus onde os citados estiveram presentes. Vale mencionar ainda, que lideranças históricas da luta por moradia na região, como Teresa Lara, ligada à supracitada Central de Movimentos Populares (CMP) e a Associação Estrela Guia dos Movimentos de Moradia da Região Sudeste⁶³, também é uma pessoa próxima do grupo. Outra liderança local próxima ao grupo é o advogado Benedito Barbosa, o “Dito”, que também é ligado a CMP e integra o *Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos*⁶⁴

No que tange a produção literária, o coletivo já lançou três antologias poéticas⁶⁵, assim como três edições de seu projeto com alunos das escolas públicas da região, intitulado *“Perifatividade nas Escolas”*⁶⁶. Neste projeto, cada edição resultou em antologias poéticas tendo os alunos como autores. A última edição desse projeto, cuja a temática era a *“Poética dos Direitos Humanos”*, resultou ainda num documentário sobre as oficinas e debates feitos nas escolas e sobre as ocupações estudantis contra a reforma do ensino médio⁶⁷, que estavam acontecendo no momento do projeto, em algumas escolas.

⁶³ “Após décadas, comunidades da Região Sudeste terão concluídos seus processos de regularização fundiária”. Maiores informações em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/habitacao/noticias/?p=218555>.

⁶⁴ O Centro Gaspar Garcia nasceu da iniciativa de agentes das Pastorais Sociais da Região da Sé e militantes populares que atuavam com a população em situação de rua, com catadores de materiais recicláveis e com moradores de cortiços nas áreas centrais de São Paulo. Em 1984, essas pessoas iniciaram a articulação para construir uma organização empenhada nas lutas pelos direitos humanos, com o objetivo de estruturar e fortalecer os vários trabalhos pontuais já existentes, com base na educação popular. Essa iniciativa culminou na fundação, em 1988, do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, cujo nome foi escolhido em homenagem ao padre espanhol Gaspar Garcia Laviana. Maiores informações em: <http://gaspargarcia.org.br/institucional/>.

⁶⁵ As duas primeiras antologias (Volumes I e II) foram lançadas respectivamente em 2011 e em 2012. A terceira foi lançada. A terceira antologia foi lançada em 07 de julho de 2017. Maiores informações em: <https://perifatividade.com/quem-somos/> e <https://www.facebook.com/SarauDoBinho/posts/1393158064093554>.

⁶⁶ O “Perifatividade nas Escolas”, é um projeto contemplado pelo Programa de Ação Cultural (PROAC) Saraus Culturais, da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, onde além de Saraus, são realizadas oficinas de estímulo à criação literária dentro das escolas da região onde o coletivo atua. Maiores informações em: <https://perifatividade.com/quem-somos/>.

⁶⁷ “Estudantes ocupam escolas de SP contra a reestruturação do sistema”. Maiores informações em: <http://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2015/11/estudantes-ocupam-escolas-de-sp-contra-reestruturacao-do-sistema.html>.

O Coletivo ainda desenvolve uma atividade chamada de “*Perifatividade nas Favelas*”, onde os mesmos organizam nas ruas das favelas da região do Fundão Ipiranga, um sarau a céu aberto. Essa iniciativa tem como principal alvo, os moradores que não vão até os espaços tradicionais onde o coletivo realiza suas atividades. Junto às atividades que compõem o sarau, como shows, peças de teatro e poesia, os livros também se fazem presentes e circulam, minimamente, entre os presentes. Segundo se pode depreender dos relatos contidos no blogue do grupo, o principal público dessas atividades, são as crianças e os adolescentes. Nessa atividade, o grupo tem como principais parceiros os grupos e coletivos de Rap/Hip Hop que geralmente se oferecem para participar dessa atividade.

Ainda em 2017, o Coletivo Perifatividade inaugurou um espaço próprio, o *Espaço Perifatividade Círculo de Cultura*, usando o financiamento do edital da Lei de Fomento às Periferias, com o qual foram contemplados. Este espaço, que se trata de um sobrado no Parque Bristol, funciona como a sede do Coletivo. Além de acolher o tradicional sarau do Perifatividade, o espaço conta ainda com uma biblioteca comunitária, uma sala de vídeo, um escritório, uma cozinha e a loja física do coletivo, onde se encontram livros, camisetas, bonés, discos e afins. Nos dias de evento, também se vendem bebidas e alimentos.

Em entrevista cedida a essa pesquisa, tanto Paulo Rams, como Ruivo Lopes, afirmam que a idéia do nome *Círculo de Cultura*, dado à sede do grupo, é uma clara referência dos Círculos de Cultura criados nos anos 60 pelo pedagogo Paulo Freire⁶⁸. Dessa forma o Perifatividade funcionaria como o *animador* das discussões e problemáticas levantadas naquele espaço. Nas entrevistas realizadas, também foi unânime a ideia, o entendimento de que o Círculo de Cultura Perifatividade funcione como uma espécie de local de formação dentro da periferia.

⁶⁸ Paulo Reglus Neves Freire (Recife, 19 de setembro de 1921 — São Paulo, 2 de maio de 1997) foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica. Maiores informações em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/paulo_freire.



10 - Da esquerda para a direita: Diego, Ana, Teresa (CMP), Paulo, Juliana (Vereadora/PT) e João, no palco da festa de seis anos do Coletivo Perifatividade. Foto: Elaine Campos.

Nesse sentido, de oferecer opções que associam cultura, lazer e uma formação político-social, os integrantes do coletivo já trataram de anunciar, nos primeiros meses após a inauguração do espaço, os cursos que seriam ministrados ali. Todos os cursos são gratuitos e acontecem de segunda a sábado, que são os dias de funcionamento do Círculo de Cultura Perifatividade. Os cursos são abertos a todas as idades e atualmente são oito: Inglês, Espanhol, Dança do Ventre, MC, Direitos Humanos, Graffiti, Audiovisual e Defesa Pessoal. Os cursos, são na maioria, ministrados por integrantes do coletivo. Quando não, são ministrados por apoiadores locais, inclusive, frequentadores do sarau e outros artistas/ativistas locais.

Porém, uma das problemáticas que se coloca diante da realização desse sonho, de ter um local próprio na comunidade para desenvolver suas atividades,

diz respeito ao tempo que dura o financiamento pelo edital da Lei de Fomento às Periferias, que é de dois anos. Nas entrevistas realizadas, além da evidente felicidade pela conquista, apareceu também a preocupação em manter o espaço mesmo depois do fim do financiamento pelo edital. E tal preocupação não é à toa, já que a frequência do público nas atividades do coletivo ainda parece ser algo em construção. Ainda mais agora, com o novo espaço. O que se quer dizer, é que o público que frequenta as atividades do coletivo não parece ser fixo, salvo raras exceções, que são a presença de outros ativistas locais que acompanham o sarau a algum tempo. Dito de outra forma, nesse quesito, o coletivo parece não ter ainda um público local cativo, que frequente com certa assiduidade, suas atividades. Sobre isso e o desafio de manter o novo espaço Vinão diz o seguinte:

“(…) A relação do Perifatividade com o Bairro é das melhores. Agora a relação do bairro com o Perifatividade já não é muito legal, tá ligado? Hahahahaha Assim: a gente atua aqui. Nosso bairro de atuação é aqui, onde a gente reside. Só que as pessoas, eu não sei se elas não dão tanta importância para o que a gente faz, tá ligado, que não comparece a uma atividade pontual que a gente exerce. Então é nesse sentido que eu digo que a nossa relação com eles é bacana, mas a relação deles com a gente já não é legal. Porque eles não vem espontaneamente, tá ligado? Então, sendo mais claro, a gente tem que fazer um Perifatividade nas Favelas, tá ligado? E aí pontualmente... “Pô, é na porta da sua casa, você não vai, caraio?” E aí, se você não bater lá, a pessoa não vai. Se não aumentar o som... Entendeu, tii? Aí você fala, porra mano, o que é que tá faltando? A gente aparecer na Globo? Tá ligado? Acho que tá faltando isso. É isso que falta, a gente aparecer na Globo e aí o pessoal vai falar assim: “Porra mano, aqueles maluco lá, ó! Aqui da quebrada, mano! A gente cola lá, ó! Mas num dá pra ficar comparando, tá ligado? “Ah, porque tal não aparece e tem um público e tal”, cê tá ligado? A relação é diferente mano! É diferente, tá ligado? E outra aqui (O Círculo de Cultura) ainda é novo, tá ligado? Então, a gente não pode ter tanta expectativa em sete anos. Sete anos é a nossa caminhada. Não é o espaço. O espaço é novo. Pra ser mais real, eu acho que a gente tem que esquecer toda essa frustração de sete anos que a gente teve, tá ligado, mano? E dar um novo olhar pra esse projeto aqui. Aqui que a gente tem que falar assim: “Não, daqui um ano isso aqui tem que estar bombado! Daqui um ano, todo mundo tem que conhecer!” Porque a gente tá amarrando! Tá amarrando com escola de samba, tá amarrando com o CEU... tá ligado? Então mano, aqui, aqui eu acho que é o nosso espaço. A gente não tinha o nosso espaço ainda. Então, fazer as pessoas se locomoverem lá pro Bar do Boné, pro Bar da Dona Maria, pro Telecentro, era um pouco mais difícil, tá ligado mano? Aqui é o nosso espaço! E o nosso bagulho! Então dá pra gente forçar mais o convite, tá ligado?

A fala de Vinão corrobora com minhas primeiras impressões no campo, em relação ao público frequentador do sarau. Acompanhei em especial, as atividades que aconteciam no Telecentro⁶⁹ Sacomã e depois, no Círculo de Cultura. Em ambos, minha percepção foi de que o público local ainda comparecia timidamente nessas atividades. Antes da pesquisa, cheguei a frequentar o sarau ainda no Bar do Boné, onde o público era maior, mas quase ninguém era do bairro.

Porém, além dessas intervenções, o grupo desenvolve o já citado Perifatividade nas Favelas e outras atividades, como também projeto *Veia e Ventania*⁷⁰, onde a presença de um público parece ser maior. Para Ana Fonseca, uma das dificuldades em se estabelecer um público regular na região, também acontece em função do tamanho da região em que o grupo atua, como ela diz no seguinte trecho, em entrevista concedida para esta pesquisa:

(...) E, assim Fundão do Ipiranga... “Os cara são audacioso memo né?” Eu pensei quando entrei. Porque pra você conquistar um bairro é difícil, os cara quer uma região, né? “Os cara é audacioso memo!” Assim, “Nossa que da hora, né?” Eu acho que pra você conquistar sua rua já é difícil... Sei lá, outro dia eu tava fazendo a conta... São sei lá, mais de dez bairros, a região do Fundão do Ipiranga. É muita coisa, né? Então você pensa: “Ai, nossa, a gente não é conhecido por todo mundo...” Mas porra, né? Dez bairros!

Ainda há o fato adicional do coletivo ter abandonado o molde de desenvolver um sarau num bar e buscar se apropriar dos espaços públicos da região, ainda que esses sejam escassos. Isso impacta na consolidação de um público para o coletivo, que de certa forma remete também a própria consolidação

⁶⁹ Os Telecentros surgem como o primeiro programa de inclusão digital da cidade de São Paulo, em 2001, na gestão da então prefeita de São Paulo pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Marta Suplicy. http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/inclusao_digital/telecentros/.
Maiores informações em:

⁷⁰ O projeto *Veia e Ventania* tem como objetivo levar atividades artísticas que dialogam com o universo da Literatura e do Livro para as Bibliotecas da periferia de São Paulo: os Saraus. Os encontros são feitos por grupos ou coletivos de pessoas que, por meio da mediação e mobilização das comunidades de onde são realizados, proporcionam a aproximação do público com a leitura e a literatura brasileira, criando uma experiência cultural única em seus territórios. O Projeto é uma realização da Coordenadoria do Sistema de Bibliotecas em parceria com realizadores de Saraus que inclui grande programação nas diversas Bibliotecas Públicas da cidade. Maiores informações em:

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/programas_projetos/index.php?p=10174.

do coletivo na região em que atua. E faz pensar também na relação que a população das periferias têm com os espaços públicos; em como estes são vistos pela população local. E essa também parece ser uma preocupação do Perifatividade. Se trata mais uma vez de uma atitude audaciosa. Audaciosa, mas consciente, como se pode perceber na seguinte fala de Ruivo Lopes:

(...) O coletivo já deu um passo além daquele momento de origem dele, quando - o coletivo surgiu e começou, praticamente, no mesmo formato que a maioria dos coletivos de sarau das periferias de São Paulo, sendo realizado a cada quinze dias ou uma vez por mês num bar - decidi sair do bar, aonde o espaço estava pronto, o público já sabia chegar, já havia uma certa comodidade em fazer no bar, e decidi ir de fato onde os integrantes do coletivo moram e o coletivo surgiu de fato. Então abriu mão do bar e foi para o bairro de fato. Isso exige do coletivo uma articulação e mobilização local que antes não precisava, ao ser realizado no Bar. Porque já era no bar; se integrava à dinâmica do próprio bar. E ao se voltar pro bairro, você precisa fomentar, articular e mobilizar que existe um espaço, uma iniciativa um momento dedicado a algo que ainda não é comum – quando digo comum, quero dizer cotidiano – dos bairros das periferias de São Paulo, dos bairros pobres, dos bairros onde ainda o que predomina, no momento fora do trabalho, é a ideia de bairro dormitório. Em que, quando eu estou no bairro é pra descansar da semana do trabalho ou pra dormir, se preparar, renovar as energias pra voltar pro trabalho na semana seguinte. É... É a dinâmica.... É o que virou os bairros das periferias de São Paulo né? (...) E que também tem essa dificuldade de cada vez mais, e isso tá vinculado, eu acredito, a uma dinâmica que é maior e que a gente precisa falar, que são as relações desiguais nas grandes cidades. Numa cidade, particularmente, como São Paulo, que é a cidade mais rica do país, com muita desigualdade, com uma desigualdade territorial muito grande, com espaços de deslocamento extremamente desgastantes, que faz com que haja um tipo de segregação social e cultural que as pessoas, nos seus momentos fora do trabalho ou, os momentos livres, elas fiquem cada vez mais isoladas, do que compartilhando momentos comuns ou a vida comunitária. Eu acho que essa é uma questão do momento. O Coletivo Perifatividade, assim como vários outros, se propõe a ser mais um desses espaços, né? Por isso que eu vejo como potência, porque ao se lançar como possibilidade, também precisa fazer o esforço de compreender essa dinâmica, pra não se isolar também. Eu acho que no campo social, político e cultural, a pior coisa que pode existir é a auto repetição, a auto reprodução. Porque isso, de alguma forma, gera um comodismo, gera um conformismo, gera uma receita daquilo que se faz. E, no entanto, o tempo muda as dinâmicas, sejam elas quais forem; do bairro, da cidade ou do país - como estamos vendo nesse momento - e eu não posso ficar me auto reproduzindo o tempo todo. Eu preciso compreender essas mudanças pra alimentar aquilo que eu faço. Seja cultural, social ou político, de acordo com essas mudanças. Se eu de fato me coloco como resistência à ideia de que nos bairros periféricos de trabalhadores e trabalhadoras, nos bairros pobres, em comunidades, a vida comunitária, ela é destinada somente a renovação de energia dessas pessoas, pra que durante a semana elas possam se dedicar a produção alheia; Se eu me coloco como resistência à isso, e digo que nessas comunidades existe uma energia comunitária represada, eu preciso compreender essas

dinâmicas pra, ao resistir, eu trazer na minha forma de resistência - sobretudo no meu fazer cultural e artístico né, - a reflexão sobre essas questões. Caso contrário, eu faço a minha atividade, a minha iniciativa cultural e artística, completamente alheio ao que essas pessoas vivem no seu cotidiano. Portanto, eu não sou do cotidiano delas. Eu sou eventual. Ou seja: o meu cotidiano é de trabalho, de estudo, de desgastes, de estresse numa cidade como São Paulo, e eventualmente, eu tenho um momento onde eu esqueço disso tudo e lembro que existe um lampejo de arte e cultura aqui no meu bairro. Se nós queremos inverter essa lógica do evento pra que ela seja cotidiana, nós precisamos fazer, no cultural, no artístico, no social e no político, a reflexão do porquê os nossos bairros, sobretudo nas periferias das cidades, eles são entendidos como bairros dormitórios. Se eu não entender isso, eu tenho um evento cultural. Se eu entender isso, e ao compreender, agir, somar forças pra que se tenha uma vida comunitária; pra que essa dinâmica perversa das grandes cidades, dos grandes centros urbanos, não quebre os nossos laços comunitários - portanto nós precisamos estar em permanente relação e eu acho que a cultura é isso – aí sim nós vamos ter uma vida cultural comunitária. Caso contrário, nós temos eventos nos bairros, nas comunidades, nas periferias. O que me interessa é a cultura comunitária, é a cultura cotidiana.... (...) É aquilo que nos faz identificar como sujeitos naquele mesmo território. É no cotidiano e não eventual. Eu sou um agente cultural, poeta, escritor, organizador de atividades, sou um agitador cultural permanente; E não só no dia, durante duas horas numa atividade cultural. Qual é a minha permanência? Se eu não tenho uma permanência, eu sou um evento. E o que me interessa na realização de ações no campo da cultura é a permanência e não o evento. Eu acho que ainda há uma necessidade de eventos culturais; que se esgotam. Todo evento cultural chega no seu limite, seja ele qual for, aonde for; Ele se reproduz. A cultura, como cotidiano, como parte da vida, não. Porquê? Porque a vida, ela é dinâmica. A vida, ela se transforma. A vida, ela se transforma conforme as pessoas ou, os sujeitos, se transformam. Logo, a cultura também se transforma. O evento, ele é conservador. A cultura não”.

2.3 Um Churrasco de Poesia

(...) E a periferia dispara. Um, dois, três, quatro livros publicados. A elite treme. Agora favelado escreve livro, conta a história e a realidade da favela que a elite nunca soube, ou nunca quis contar direito. Os exércitos de sedentos por conhecimento estão espalhados dentro dos centros culturais e bibliotecas da periferia. A elite treme. (Nosso Manifesto, Coletivo Cultural Poesia na Brasa, 2008)



11 - Vista da Vila Brasilândia. Foto: Sônia Regina Bischain

São 20h30min da noite de Sábado e estou no Terminal Barra Funda, entrando na Lotação 978T Vila Guarani, rumo ao Sarau da Brasa, pra prestigiar o lançamento do primeiro livro de um de seus fundadores, o Vagner “Vagnão” Souza. O nome do livro é *“De Lágrimas, Revides e Futuros”*. A lotação faz jus a seu nome popular e enche. Consigo me sentar no fundo e reparo nas pessoas: jovens indo dar um rolê, senhoras e senhores voltando do trabalho, famílias indo visitar parentes. A lotação é um burburinho só. O motorista, que tinha um aspecto tranquilo, reforça o ditado de que quem vê cara não vê coração. Assim que

saímos do terminal Barra Funda, ele pisa no acelerador como se estivéssemos numa corrida contra o tempo. Particularmente, eu estava, já que me encontrava atrasado. Mesmo assim, eu me sentia como se estivesse no filme Velozes e Furiosos. Mas em versão da Vila Brasilândia.

O motorista literalmente rasgava as ruas de placas tortas. A lotação parecia se contorcer, se espremer pelo caminho de asfalto que ora subia, ora descia, se entortando pela região. No caminho da Avenida Itaberaba se encontram alguns bares mais estilizados, redes de lanchonetes, mercados grandes, bancos. Coisas que, provavelmente, há uns quinze anos atrás seriam inconcebíveis. Tais comércios indicam, num primeiro momento, uma transformação no bairro, na região. Mas o primeiro momento logo passa, assim que a lotação se aprofunda no bairro e se vê que a qualidade das moradias, a pavimentação e escassez de equipamentos culturais. Ao descer na Avenida Parapuã, em frente a uma loja das Casas Bahia, e entrar nas ruelas da região do Goiabeira's Bar, se percebe que tal transformação diz mais respeito ao fato de que nas últimas décadas, alguns bancos, redes de supermercados, fast foods e afins terem descoberto que a periferia consome e muito, seus serviços. Assim que desço no ponto, sigo na calçada e viro a segunda rua à direita. De repente, ao virar a esquina já ouço a batida pesada da alfaia, como se fosse um trovão, mas com suingue e as pessoas entoando o cântico:

“-Tambor, tambor, vai buscar quem mora longe...”

O Sarau já havia começado, com os tradicionais tambores de abertura, que iniciam e também fecham os trabalhos do sarau, como afirmam os integrantes do Poesia na Brasa. Na metade da Rua Joaquim Ferreira da Rocha, Já consigo avistar a muvuca de gente em frente ao Goiabeira's Bar. Podia dizer que o bar está cheio, mas 90% das pessoas que estão ali, o fazem porque é noite de sarau. Chego, e vou cumprimentando os conhecidos e conhecidas. Encontro gente que

bate ponto nas noites de Sarau da Brasa: Allan da Rosa⁷¹, Ruivo Lopes⁷², Marciano Ventura (responsável pela Ciclo Continuo Editorial⁷³), Mariana Laiola⁷⁴, Avelino Regicida⁷⁵, Walner Danziger⁷⁶ (um dos responsáveis pela Edições

⁷¹ Allan da Rosa é escritor e angoleiro. Integra desde o princípio o movimento de Literatura Periférica de SP e foi editor do clássico selo “Edições Toró”. Historiador, mestre e doutorando na Faculdade de Educação da USP, ali, na ocupação do Núcleo de Consciência Negra, fez cursinho e foi professor e alfabetizador. Maiores informações em: <http://editoranos.com.br/nossos-autores/allan-da-rosa/>.

⁷² Ruivo Lopes é poeta, educador, pedagogo, e integrante do Coletivo Perifaticidade. Estudou o Pensamento Social Brasileiro, é especialista em Diferentes Espaços Educativos e pesquisador da transversalidade entre Cultura, Educação e Direitos Humanos. Tem textos publicados em antologias literárias da cena marginal, periférica e independente e mantém o Blog sobre Poéticas Políticas. Maiores informações em: <http://ruivolopes.blogspot.com.br/>.

⁷³ A Ciclo Continuo Editorial é uma editora independente que se dedica à publicação de obras literárias e pesquisas na área das Humanidades, com enfoque especial na Cultura Afro-brasileira. Seu catálogo reúne autores como Oswaldo de Camargo, Cuti, Abelardo Rodrigues, Ana Paula dos Santos Risos, Angela Teodoro Grillo, entre outros. Somado as publicações, a editora promove também ações educativas por meio de seminários, encontro com autores e cursos livres de Literatura. Disponível em: <http://ciclocontinuoeditorial.com/>.

⁷⁴ Mariana Albuquerque Laiola da Silva é moradora da Vila Brasilândia, Graduada em Ciências Sociais (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual de Londrina - UEL/PR. Especialista em Trabalho Interdisciplinar com a Criança e o Adolescente na Área Sociojurídica, pela Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU/SP. Professora da disciplina de sociologia da rede Pública do estado de São Paulo. Pesquisadora com o foco de análise nas relações raciais e de gênero, a formação sócio-política brasileira e os alguns movimentos sociais, suas lutas dificuldades e conquistas. MAiores informação em: <https://www.escavador.com/sobre/3128992/mariana-albuquerque-laiola-da-silva>.

⁷⁵ Avelino Regicida é morador da Vila Brasilândia e frequentador assíduo do Sarau da Brasa. É o responsável pela produtora audiovisual “Do Morro Produções” (mais informações em: <https://anarcopunk.org/domorro/>) e um dos idealizadores do “Festival do Cinema Anarquista e Punk de SP (mais informações em: <https://anarcopunk.org/festival/>) e da Imprensa Marginal (mais informações em: <https://www.facebook.com/impresamarginal/>). Como Cineasta e fotografo, dirigiu o documentário “25 de Julho - Feminismo Negro Contado em Primeira Pessoa” (mais informações em: <http://www.redebrasilatual.com.br/entretenimento/2013/07/documentario-discute-feminismo-e-discriminacao-racial-6584.html>) e é co autor do livro de fotos + documentário “Olhares da Brasa: Cultura Daqui” (mais informações em: <https://www.facebook.com/events/1643498809255545/>).

⁷⁶ Walner Danziger é autor de destaque da Literatura Marginal paulistana, nasceu na cidade de São Paulo. Escritor, dramaturgo, diretor de teatro, Formado em Artes Cênicas pelo Teatro Escola Célia Helena em 1991. Fundador e diretor do Coletivo Malungos de Pedra (ex – Grupo de Arte Pixaim) desde 1997. Editor do Selo Edições Incendiárias. Foi Orientador de Artes Cênicas Teatro Popular do SESI Santo André, Coordenador de Núcleo Pedagógico Unicirco Unidade Várzea Paulista e há 23 anos desenvolve oficinas de teatro, dramaturgia, criação literária e projetos culturais/educativos para as Secretarias Municipal e Estadual de Cultura e Educação, Oficinas Culturais, Casas de Cultura, Escolas, Abrigos, Centros Culturais e CEUs. É autor de mais de 20 textos teatrais encenados e dos livros: Ainda Cometo um Samba (romance), Confraria dos Perdedores & Outras Crônicas de 2ª (crônicas), Giletenamãodomacaco (contos e outras narrativas), Entre a Fome e a Fúria (contos, crônicas e poemas) e Teatro Vol.1- Três Peças. Seu mais recente trabalho é o livro “Não desperte o Cão durante o Pesadelo”, de 2017. Maiores informações em: <https://nasubidadoromorro.wordpress.com/2017/09/13/acabou/>.

Incendiárias⁷⁷, Michel Yakini⁷⁸, Raquel Almeida⁷⁹ e Lids Ramos⁸⁰, dentre outros e outras. Também encontro a *nova guarda*⁸¹ do Sarau da Brasa: Matheus, Bruno, Victor, Rael, Gabriela, Renato e mais uma rapaziada com quem sempre estão juntos, no Sarau.

Mais adiante encontro Chellmí, que é Grafiteiro e arte educador na Fábrica de Cultura⁸² da Vila Nova Cachoeirinha. Chellmí é o responsável pela grande leva de adolescentes presentes no Sarau da Brasa. Ao seu lado, estavam o Guma⁸³ e o Zóio Mc⁸⁴, ambos do Reduto do Rap⁸⁵, que é uma espécie de agremiação das

⁷⁷ Edições Incendiárias é um selo independente criado pelo escritor e dramaturgo Walner Danziger em 2013 destinado à publicação de escritores independentes, que correm pelas margens, pelas beiradas. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/edicoesincendiarias/about/?ref=page_internal.

⁷⁸ Michel Yakini é escritor, artista-educador, produtor cultural e praticante da Alimentação Viva. Cofundador do Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente, Michel Yakini é atuante no movimento de literatura das periferias de São Paulo e colunista da revista online Palavra Comum (Galícia - Espanha). De 2014 a 2016 publicou crônicas no jornal Brasil de Fato. Participou de atividades literárias em Cuba, Argentina, México, França, Alemanha, Espanha, Paraguai e Chile. Autor de *Desencontros* (contos, 2007), *Acorde um verso* (poesia, 2012) e *Crônicas de um Peladeiro* (crônicas, 2014), é editor do selo Elo da Corrente Edições e compõe a equipe editorial da antologia bilíngue online *Letras e Becos - Literatura das periferias de São Paulo*. Maiores informações em: <https://www.michelyakini.com/release>.

⁷⁹ Raquel Almeida é poetisa, escritora, arte – educadora e produtora cultural. É co fundadora do Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente e autora dos livros: *Sagrado Sopro – Do Solo que renasço* (Elo da Corrente Edições, 2014) e *Duas Gerações Sobrevivendo no Gueto* (Elo da Corrente Edições, 2008) co autoria de Soninha M.A.Z.O. Maiores informações em: <http://academiaperifericadeletras.blogspot.com.br/2017/01/raquel-almeida.html>.

⁸⁰ Lids Ramos é coautora do livro *Roube-me por favor* (poesia, 2010) e de diversas antologias. Moradora do bairro Cidade Ademar, mãe, poetisa, produtora cultural e uma das idealizadoras do Sarau da Ademar. Maiores informações em: <https://www.literaturaperiferica.com/lidsramos>.

⁸¹ A “nova guarda” do Sarau da Brasa é como são chamados os novos poetas, adolescentes, que frequentam o sarau atualmente.

⁸² Criadas com o objetivo de ampliar o conhecimento cultural por meio da interação com a comunidade, as Fábricas oferecem cursos e uma programação cultural diversificada. As atividades acontecem de terça a domingo, inclusive no período de férias. Todas as atividades são gratuitas. As Fábricas de Cultura são um projeto da Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo. Maiores informações em: <http://www.fabricasdecultura.org.br/programa-fabricas-de-cultura/>.

⁸³ Guma é organizador, articulador e mestre de cerimônias do projeto Reduto do Rap. Membro do Movimento de Cultura Pirituba/Jaraguá. Articulador Cultural. Maiores informações em: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/1534/>.

⁸⁴ Nascido na cidade de Campos (RJ) e criado na Vila Brasilândia (SP), Zoioomc iniciou sua caminhada no rap em 1995, com passagem por grupos da região, adquirindo conhecimento e amadurecimento. Em meados de 2010/2011 surge a vontade de produzir um trabalho solo, e juntamente com seu amigo e dj Edhi Prado, inicia se um ciclo de muito trabalho, envolvendo produção, criação e gravação. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/Zoioomc/about/?ref=page_internal.

⁸⁵ O Reduto do Rap é um projeto que visa proporcionar cultura e entretenimento com atrações relacionadas ao Hip Hop e abrir espaço para novos artistas mostrarem seu trabalho. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/redudodorap/about/?ref=page_internal.

peças envolvidas com o Rap na região. Mais adiante, vejo Sonia Bischain, registrando na humilde, com sua máquina fotográfica na mão, as cenas da noite. Além de fotógrafa, Sônia é escritora e fez/faz a editoração e revisão de texto de diversos livros de autores da Literatura Marginal/Periférica. É integrante com mais idade do Poesia na Brasa e um verdadeiro poço de memórias da Vila Brasilândia e região.



12 - Da esquerda pra direita: Sidnei, Stephânia, Rael, Samanta, Vagner e Chellmí, iniciando o sarau com os tambores de abertura. Foto: Sônia Bischain.

Também encontro o casal Sidnei das Neves e Samanta Biotti, que além de fundadores do Coletivo Poesia na Brasa, atuam como psicólogo e arte educadora, respectivamente. Estão conversando com Jardélio Santos, que integra o *Projeto Cavalete Andante*⁸⁶ e é o idealizador do *Projeto Viela 4*⁸⁷, responsável pelo

⁸⁶ Os artistas Bruno Perê e Jardélio Santos são propositores no projeto Cavalete Andante, que desde 2010 realiza intervenções oficinas e atividades em espaços múltiplos não convencionais. Trilhando caminhos para fomentar e proporcionar aos espaços outras possíveis formas de convivências e expressão plástica. Maiores informações em: <http://ocavaleteandante.blogspot.com.br/>.

trabalho de artes plásticas com as crianças e adolescentes da região. No palco improvisado do lado esquerdo do lado de fora do bar, vejo Vagner, com um sorriso estampado no rosto, ao microfone, falando sobre a felicidade de lançar o seu livro em primeira mão, no Sarau da Brasa. E a cada frase, palavras são ditos, afetivamente, se referindo aos amigos e amigas e conectando uma idéia a outra. Quem conhece o Vagnão, sabe que isso não poderia ser diferente.

Do lado de fora, na calçada, Avelino Regicida está na banquinha de livros, que nessa noite está bem movimentada. Além de vários exemplares do livro de Vagner, também se vê adesivos, livros e fanzines anarquistas, juntamente com os Cd's e camisas do Samba do Congo⁸⁸. Em meio a euforia, Vagner ainda fala sobre como foi pra ele escrever seu primeiro livro autoral, depois de participar em diversas antologias e promover o lançamento de vários livros com o Sarau da Brasa, nos já quase dez anos do coletivo. Na sequência, ele manda uma poesia que compõe o seu livro, intitulada *Não silenciem os Tambores*. Além das figurinhas carimbadas da Literatura Marginal/Periférica, nessa noite o sarau está tão cheio como se fosse sua festa de aniversário.

Lá também estavam amigos de trabalho, amigos de Infância, do bairro e da lida, além de familiares de Vagner. Além de Sthefânia, sua companheira, estavam lá seus pais, primos e outros parentes. O fluxo no sarau era intenso. E como sempre é de lei, a criançada corria solta. Teve até uma pequena que também recitou uma poesia. O Sarau da Brasa mantém a característica de privilegiar a poesia, os lançamentos de livros e afins. E nessa noite de festa, isso não foi diferente. A poesia rolava solta, mas o livro de Vagner era destaque até nisso. Allan da Rosa também recitou uma poesia do livro, assim como Lids Ramos,

⁸⁷ O Projeto Viela 4 é um espaço de troca e criação coletiva, um ateliê aberto na quebrada onde todos(as) podem colaborar nas ações desenvolvidas. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/viela4/about/?ref=page_internal.

⁸⁸ A Frente de Resistência Cultural Samba do Congo Morro Grande teve seu início em 09 de Abril de 2011, com objetivo difundir, valorizar e incentivar a arte por meio da composição musical, em especial do samba autêntico, resgatando a raiz do samba paulista e a cultura afro-brasileira, promovendo assim a inserção social e cultural por meio da história deste gênero genuinamente brasileiro. A música é uma excelente e envolvente ferramenta de disseminação do conhecimento, da nossa história e cultura. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/SambadoCongo/about/?ref=page_internal.

Michel Yakini e Raquel Almeida. Mas a “nova escola” do sarau também mandou suas poesias. Porém, privilegiaram suas próprias produções.

E mesmo não havendo nenhuma apresentação musical nessa noite, entre os presentes também estavam pessoas e grupos que já se apresentaram no Sarau da Brasa. Clayton João, da banda de rock instrumental Z13⁸⁹ e do *Projeto Espremedor*⁹⁰; os já citados integrantes do Reduto do Rap; Fernando Ripol⁹¹ e o restante do Samba do Congo; e até mesmo uma molecada do Funk. Todos ali, trocando idéias, rindo, se divertindo sem nenhum problema ou estranhamento. Isso é algo curioso no Sarau da Brasa: Lá se encontra todo tipo de gente. Dos tradicionais tiozinhos “butequeiros”, passando por evangélicos, umbandistas, candomblecistas, ateus, roqueiros, sambistas, rappers, feministas, gays, lésbicas, militantes de partidos políticos e até mesmo alguns anarcopunks. Parecia que a Brasilândia toda, as periferias todas estavam juntas ali, naquele momento.

E a poesia corria solta. Entre copos, garrafas, sorrisos, abraços, piadas, palavrões e muita celebração, ela não perdia sua vez. Seja através de um samba recitado, ou de um protesto contra o governo Temer e os governos em geral, ou de um poema-denúncia sobre racismo, machismo ou violência policial, a poesia representava o *elo da corrente* que unia aquelas pessoas no bar. Quem não

⁸⁹ O Z13 - Duo Instrumental, surgiu em 2002, depois de sofrer algumas mudanças de formação e outras experiências musicais a banda ficou menos atuante. Um bom tempo se passou e a idéia foi se retomando com o duo formado por Clayton João (Guitarra) e Danilo Bortolotti (Bateria), os caras trazem uma sonoridade própria e envolvente. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/Z13duo/about/?ref=page_internal.

⁹⁰ O Projeto Espremedor surgiu em 2008 e é um projeto pró-artístico cultural. Segundo sua página do facebook “organizamos e apresentamos eventos culturais de várias linguagens artísticas. Nossa Mobilização tem apoio de vários coletivos culturais e amigos que ajudam essa ideia seguir adiante independente de apoio ou patrocínio. Vimos que mediante a arte e a importância de cada ser humano, temos muito a ensinar e aprender entre nós, pois acreditamos que a arte tem um grande poder de ensinar e construir novos caminhos”. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/projetoespremedoroficial/about/?ref=page_internal.

⁹¹ Fernando Ripol é Sambista paulista nascido no Morro Grande Z/N, é fundador da Frente de Resistência Samba do Congo – Arte, Cultura e Raiz, fundado em 2011, que tem como objetivo incentivar e divulgar os compositores da região e resgatar a história do Samba Paulista. Fernando Ripol traz em sua trajetória a militância no resgate e preservação da história do samba paulista é integrante da Ala dos Compositores do G.R.R.C. Kolombolo Diá Piratininga, seus sambas trazem influências de partido alto e batuques de terreiro e algumas de referências são: Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde e Adoniran Barbosa. Em sua trajetória musical, dividiu palco com nomes grandes nomes do samba como, Sombrinha, Tonhinho Melodia, Almir Guineto, Airton Santa Maria – Velha Guarda da Camisa Verde e Branco, Mauro Diniz, Marco Antonio – Velha Guarda da Nenê de Vila Matilde, entre outros. Maiores informações em: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/1540/>.

estava lá pra recitar, estava pra ver. Poucos eram os que estavam lá apenas pelo bar. Tanto que isso parece ter se refletido nas vendas do livro de Vagner, que chegou a quase a totalidade das cópias disponíveis no sarau. No fim da noite, ele me contou que dos cem exemplares disponíveis, só sobraram sete.



13 - Público presente no Goiabeira's Bar, em noite de Sarau da Brasa. Foto: Fernando Bischain.

O tempo passou e nem me dei conta. Por fim, o sarau acabou um pouco mais das 23h00min. Mas isso não significou exatamente que as pessoas foram embora. O fluxo no bar ainda continuou. Muitos dos presentes, aproveitaram esse momento para comer alguma coisa e seguir na labuta com as cervejas. O clima seguia quente ainda, e não demonstrava sinais de arrefecimento. As pessoas aproveitaram para colocar o assunto em dia, trocar idéias, afetos e experiências. Vagner não parava de autografar livros e tirar fotos. Era a estrela da noite que, como ficava evidente, alçava o céu através de conexões das mais variadas, vividas na Brasilândia e nas andanças pelo mundão. Olhei no relógio do celular e os números digitais já indicavam quase 23h30. Me despedi do pessoal e corri para o ponto de ônibus, pra não perder o último.

2.4 - As trajetórias e histórias

Como dito anteriormente, o Coletivo *Poesia na Brasa* tem por marco inicial, julho de 2008, e se localiza na Vila Brasilândia. A Vila Brasilândia é um bairro da Zona Norte de São Paulo, e como tantos outros bairros de periferia, é conhecido comumente pelo índice de violência reportado nos programas policiais de TV e nas colunas de jornais, assim como em pesquisas de grupos que estudam a questão da violência como o NEV⁹² (Núcleo de Estudos da Violência da USP). Apesar das mudanças nos últimos anos, a Brasilândia, como é mais conhecida, ainda figura como um distrito com taxas elevadas de homicídios⁹³. Em 2009, o bairro serviu como locação para o filme “Os Inquilinos”, de Sergio Bianchi⁹⁴.

Inspirados pela Cooperifa e outros coletivos como Sarau do Binho e Elo da Corrente⁹⁵, o *Poesia na Brasa*, atualmente é formado por Samanta Biotti, Vagner de Souza, Sonia Bischain, Chellmí e Sidnei das Neves, todos moradores da Vila Brasilândia. O coletivo tem por principal atividade a realização de um sarau que acontece mensalmente, todo segundo sábado do mês que ora se foca nas apresentações artísticas e poéticas, ora discute questões sociais como o genocídio da população negra e periférica, dentre outros temas. O espaço buscado pelo coletivo para a realização desses saraus têm sido os bares da região. Inicialmente começaram no Bar do Cardoso, mas em maio do ano seguinte se mudaram para o Bar do Carlita. Lá ficaram de 2009 até 2015, quando se mudaram para o Goiabeira's Bar, que é onde atualmente acontece o sarau. Para além destes espaços, o grupo desenvolve eventualmente atividades em

⁹² Maiores informações em: <http://nevusp.org/>.

⁹³ “38 dos 93 distritos de SP têm taxa de homicídios acima de 10 por 100 mil”. Maiores informações em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/04/38-dos-93-dos-distritos-de-sp-tem-taxa-de-homicidios-acima-de-10-por-100-mil.html>.

⁹⁴ “A nova classe média, por Sérgio Bianchi”. Maiores informações em: https://www.revistaforum.com.br/a_nova_classe_media_por_sergio_bianchi/.

⁹⁵ A iniciativa Coletivo Literário Sarau Elo da Corrente está localizada no bairro de Pirituba. O sarau, realizado no bar do Santista, é um espaço de encontro da comunidade em torno da literatura, fomentando a produção de conhecimento oral e escrito. Desse encontro desdobram-se outras atividades, como a manutenção de uma biblioteca comunitária, espetáculo de poesia falada, um blog e uma editora independente, a Elo da Corrente Edições, que publica obras dos artistas locais. Desde 2011, realizamos atividades como: oficinas, cursos, encontros, festas e reuniões no Espaço Cultural Elo da Corrente, localizado ao lado do bar do Santista. Nosso objetivo é construir, de forma participativa, referências positivas sobre o bairro, abrindo um espaço de livre expressão, produção cultural e registro dessa produção. O eixo de atuação do coletivo é a produção, fomento e difusão da cultura de periferia, nordestina e negra. Maiores informações em: <http://elo-da-corrente.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>.

outros locais como UBS's (Unidades Básicas de Saúde), Fundação Casa, Escolas Públicas e outros equipamentos públicos. De acordo com informações contidas em seu blogue⁹⁶, o

(...) Sarau poesia na brasa, criado em 05/07/2008, é um movimento cultural de periferia para a periferia. Tem o objetivo de produzir e divulgar a arte dentro da periferia e demais espaços onde se encontram os nossos irmãos e irmãs. Espaço de expressão dos periféricos. Discussão e reflexão sobre a periferia, porém é aberto a todos que queiram comungar da palavra. Desde de julho 2008 fazemos saraus regulares dentro de um bar (Bar do Cardoso e depois Bar do Carlita), também fazemos saraus dentro de escolas, UBSs, Unidades da Fundação Casa, Centros Culturais e em todos os espaços onde podemos trocar ideias e comungar da palavra. (...).

A história do Coletivo Poesia na Brasa, de certa forma, remonta parte da história do bairro. Ou melhor dizendo, parte da trajetória de seus organizadores no bairro. Os integrantes se conheciam desde adolescência. Frequentaram as escolas públicas da região, participaram de grupos de teatro na igreja local, organizaram festivais de músicas, grupos de estudos, e afins. Alguns foram pra universidade na mesma época e outros ficaram pelo bairro mesmo. Porém, todos conheciam Sonia Regina Bischain. Sônia, que é mãe de Flávia Bischain⁹⁷ (que também fez parte desse grupo de jovens), era quem os instigava a ler, emprestando livros e conversando sobre os mesmos. E assim esse pequeno grupo, Vagner Souza, Diego Arias, Samanta Biotti e Sidnei das Neves, Elaine, Carol, Thaís, Sônia Bischain e Amauri, se encontraram, tentando desenvolver atividades culturais na região. Surgia assim, o embrião daquilo que viria a ser mais tarde, o Coletivo Cultural Poesia na Brasa.

Mas já na época, a ideia de entrar numa universidade pública fazia parte de um plano maior. Segundo Vagner Souza, "(...) quando a gente foi pra universidade, a gente resolveu que o papo era o seguinte: A gente ia e depois que

⁹⁶ Maiores informações em: <http://brasasarau.blogspot.com.br/p/fotos.html>.

⁹⁷ Flavia Bischain Rosa é moradora da Brasilândia, Professora da rede Estadual de Ensino, Mestre em Ciências Sociais pela UEL e é filiada ao PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados). Foi candidata a Deputada Estadual em 2014 e a Vereadora em 2016. Maiores informações em: <https://www.escavador.com/sobre/2077064/flavia-bischain-rosa>; <https://noticias.uol.com.br/politica/politicos-brasil/2014/deputado-estadual/sp/18031985-flavia-bischain.htm> e <https://eleicoesepolitica.net/vereador2016/vereador/SP/71072/16300>.

se formasse, ia voltar pra quebrada, pra fazer um... A idéia era fazer um centro cultural”. Porém, todos voltaram - alguns com o curso concluído e outros não - desempregados. Desta forma, a idéia do centro cultural na quebrada não vingou. Mas ficaram sabendo de um evento na Zona Sul de São Paulo, mais especificamente, no Capão Redondo.



14 - Alan da Rosa lançando o Livro “Zumbi Assombra Quem?” No Sarau da Brasa. Foto: Sônia Bischain.

O evento era o Encontro de Literatura Marginal⁹⁸ organizado por Ferréz, na banca do Saldanha. Nesse encontro, ficaram sabendo da Cooperifa e do Sarau do Binho. Foram aos dois e conheceram, mas viraram freqüentadores da Cooperifa. E foi numa dessas idas a Cooperifa, que eles conheceram o pessoal do Elo da Corrente, que lançava um livro no dia. Conversa vai, conversa vem, eles descobrem que o pessoal do Elo da Corrente eram de Pirituba e faziam um sarau num bar.

⁹⁸ O Encontro de Literatura Marginal aconteceu por dois anos na banca do Saldanha, que era uma espécie de barraca que vende bebidas e comidas nas periferias à época. Por lá passaram poetas como Sérgio Vaz, Casulo e outros escritores da Literatura Marginal/Periférica. Maiores informações em: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2006/06/fotos-do-primeiro-encontro.html> e <http://blog.ferrezescritor.com.br/2007/06/lm-2-aconteceu.html>.

Assim, influenciados pela experiência da Cooperifa e ao verem a iniciativa de seus “vizinhos” de Pirituba, optam também por realizar um sarau na região da Brasilândia. Dessa forma, no dia 4 de julho de 2008, acontece o primeiro Sarau da Brasa, no Bar do Cardoso, organizado por Vagner Souza, Diego Arias, Sidnei Neves, Samanta Biotti e mais alguns amigos. Nesse local, o sarau ficou por volta de 8 meses. Por divergências com o dono do bar (sendo que uma delas era o fato do mesmo ser um policial), eles se mudam para o Bar do Carlita, que os abrigou até 2015, quando o bar fechou em função da remoção dos moradores locais para a construção da Linha 6 (Laranja) do metrô⁹⁹ na região. Como o fechamento do Bar do Carlita já se tratava de uma tragédia anunciada, os integrantes do Coletivo Poesia na Brasa, conseguiram arrumar outro local em tempo hábil. Dessa forma, em 2016, o sarau passou a acontecer no Goiabeira’s Bar, como já citado anteriormente.



15 - O poeta Carlos de Assumpção, que veio de Franca/SP para participar da festa de 9 anos do Coletivo Cultural Poesia na Brasa. Foto: Sônia Bischain.

⁹⁹ “Linha 6 - Laranja do Metrô de SP será entregue com um ano de atraso”. Maiores informações em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/06/linha-6-laranja-do-metro-de-sp-sera-entregue-com-um-ano-de-atraso.html>.

Apesar dos caminhos que se cruzaram dentro da Brasilândia, cada integrante do coletivo possui uma trajetória ímpar. Vagner Souza, por exemplo, trabalhou como metalúrgico e foi esse espaço que também estimulou seu interesse por literatura e por política. Em entrevista cedida para esta pesquisa Vagner fala sobre um companheiro de trabalho, mais velho, que sempre lhe emprestava livros. Esse companheiro se chamava Cláudio, que além dos livros, lhe falava sobre a vida e outras questões. Sobre ele, Vagner relembra:

“(...) O Cláudio, que era um metalúrgico, não tinha nada a ver com a escola né? Ele era muito louco. Ele chegava na linha de produção, assim, a gente trampando lá – igual uns maldito - e ele chegava com uns livro e falava “Ô mano, tem que ler e pá!” E ficava ali, trocando ideia sobre do livro. Ali, na linha de produção, assim. E esse cara emprestou uma pá de coisa pra gente ler, mano. Eu lembro que a gente ouvia muita música. Só música punk! Punk, punk, punk, punk! Aí ele falava “Punk é da hora mano, mas você já ouviu tal bagueio?” E aí ele foi trazendo outras referências e tal...”

Da metalúrgica, passado um tempo, Vagner vai para a UEL (Universidade Estadual de Londrina), juntamente com Mariana Laiola, Flavia Bischain e outras amigas e amigos. Devido às dificuldades em permanecer na UEL, acaba largando o curso e volta para São Paulo e entra na Unifesp (Universidade Federal do Estado de São Paulo), onde também não conclui o curso de Ciências Sociais. Atualmente cursa Serviço Social na PUC-SP.¹⁰⁰ Nesse meio tempo, trabalhou como educador em abrigos, na Fundação Casa e atualmente faz parte de um núcleo de trabalho, com mais três pessoas, para orientar os profissionais que trabalham em serviços que atendem crianças e adolescentes. Serviços como as medidas socioeducativas, serviços em abrigos, CJ¹⁰¹ (Centro para Juventude) e

¹⁰⁰ A PUC-SP foi fundada em 1946, a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento (fundada em 1908) e da Faculdade Paulista de Direito. Agregadas a elas, mas com estruturas administrativas financeiras independentes, estavam outras quatro instituições da Igreja. Tempo da Universidade Católica de São Paulo, cuja missão era formar lideranças católicas e os filhos da elite paulista. (...) No final dos anos 1960, a PUC-SP começa a desenvolver aquela que seria sua essência: a qualidade acadêmica vinculada à preocupação social. Maiores informações em: <http://www.pucsp.br/universidade/sobre-universidade>.

¹⁰¹ Desenvolvendo atividades com adolescentes de 15 a 17 anos e onze meses, o Centro para Juventude tem como foco a constituição de espaço de convivência, a partir dos interesses, demandas e potencialidades dessa faixa etária. As intervenções são pautadas em experiências

afins. Vagner nasceu, cresceu e vive até hoje na região da Vila Brasilândia. Pra ser mais exato, atualmente mora, junto com sua companheira Sthefânia, na Vila Nova Cachoeirinha¹⁰², próximo ao Terminal Urbano de mesmo nome e ao CCJ - Ruth Cardoso¹⁰³.

Sidnei das Neves (que é meio irmão de Vagner Souza, por parte de mãe), sempre morou na região também. Na adolescência, também integrou o grupo de teatro na igreja (por onde quase todos os integrantes do Coletivo Poesia na Brasa passaram). Porém, com o passar do tempo, a igreja começou a limitar as ações do grupo de teatro, algumas pessoas foram saindo e os que sobraram, resolveram transferir o local de ensaio para a escola estadual onde estudavam, a Escola Estadual João Solimeo. Nessa época, o grupo havia ficado sob a direção de Sidnei. Com o passar do tempo, a vivência com o teatro na região, as apresentações, foram aguçando o senso crítico do grupo, o que culminou na criação do Coletivo Cultural Poesia na Brasa, segundo Sidnei. O grupo de teatro surgiu na igreja em 1999 e durou até 2008. Foi nele que Sidnei conheceu Samanta Biotti, com quem já vive a dezoito anos.

Formado em 2017 em Psicologia pela Uninove, Sidnei já atua na área desde 2011. Entrou na Universidade com uma bolsa cedida à época pela ATST¹⁰⁴ (Associação dos Trabalhadores Sem Terra), em 2007. A ATST é um movimento

lúdicas, culturais e esportivas, como formas de expressão, interação, aprendizagem, sociabilidade e proteção social. Maiores informações em: <http://www.capital.sp.gov.br/cidadao/familia-e-assistencia-social/servicos-para-criancas-e-adolescentes/centro-para-juventude>.

¹⁰² É o principal bairro do distrito da Cachoeirinha, no bairro é possível encontrar um grande centro comercial, o Terminal Vila Nova Cachoeirinha, Hospital de Vila Nova Cachoeirinha, cemitério de Vila Nova Cachoeirinha, centro cultural, clínicas particulares e escolas públicas e privadas. O bairro apresenta fácil acesso a boa parte da Zona Norte, como Santana, Casa Verde, Limão, Mandaqui, Tucuruvi, Freguesia do Ó, Brasilândia, Pirituba e ao centro da cidade, como Paiçandu, Santa Cecília, Bom Retiro, Terminal Princesa Isabel e outros. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Nova_Cachoeirinha.

¹⁰³ O CCJ - Centro Cultural Municipal da Juventude Ruth Cardoso está localizado na zona norte de São Paulo, junto ao Terminal de Ônibus Vila Nova Cachoeirinha, é, atualmente, o único centro de referência de Cultura e Juventude na cidade de São Paulo. É gerido por Administração Direta, como Departamento da Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Pelo Decreto 50.121/2008, o CCJ ficou denominado como Centro Cultural Municipal da Juventude "Ruth Cardoso" (CCJ). Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/CCJuventude/about/?ref=page_internal.

¹⁰⁴ "MST tucano" atrai associados oferecendo bolsa universitária em SP. Maiores informações em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/2009/06/01/ult5772u4186.jhtm>.

filiado ao PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) fundada em 1986 por Marcos Zerbini e Cleusa Ramos¹⁰⁵. Segundo matéria da revista Época¹⁰⁶,

“Apesar de usar em seu nome a expressão “sem-terra”, a ATST surgiu há 23 anos como um movimento de moradia urbano. Logo após a fundação, dissociou-se do PT, que influencia a maioria das entidades do gênero. Por trás de sua engrenagem estão instituições de ensino, uma ala conservadora da Igreja Católica e o deputado estadual Marcos Zerbini (PSDB-SP), que criou e dirige a associação. No meio político, o grupo ganhou a alcunha de “MST tucano”. (“Virei sem terra e entrei na Faculdade”. Revista Época, 22/01/2010)

Sidnei não simpatizava com o movimento, mas viu aí, uma oportunidade de ingressar no ensino superior. Mas, em 2010, teve que trancar o curso e perdeu a bolsa. Quando voltou teve que renegociar várias vezes as mensalidades, até a conclusão do curso. Em suas próprias palavras “(...) cada vez que você perdia um emprego, você tinha que trancar [o curso]. E cada vez que você trancava, tinha uma questão nova pra você voltar. Então, você nunca conseguia. Enfim, acabei esse ano agora, no meio de 2017”. Nesse ínterim, Sidnei pagou a faculdade com seus próprios recursos. Principalmente após conseguir um emprego com crianças e adolescentes, no serviço de acolhimento na Casa das Expedições¹⁰⁷, que era um projeto da ONG “Casas Taiguara¹⁰⁸”. Nesse emprego ele ficou por seis anos:

¹⁰⁵ Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/atstsp/about/?ref=page_internal.

¹⁰⁶ “Virei sem-terra e entrei na faculdade”. Maiores informações em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI117460-15228-1,00-VIREI+SEMTERRA+E+ENTREI+NA+FACULDADE.html>.

¹⁰⁷ No Bairro do Limão, zona norte da cidade de São Paulo, um abrigo tem feito a diferença pela região. Trata-se da Casa De Expedições, instituição que vem desenvolvendo um trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua e/ou vulnerabilidade social desde 2005. O principal objetivo da iniciativa é fazer com que os meninos e meninas que lá chegam tenham consciência de sua história. Para isso, o espaço utiliza como estratégia de trabalho, o resgate da memória do adolescente por meio do projeto nomeado de “Expedições de Mim”, que segue três premissas: o passado, o presente e o futuro. O passado serve como elemento de resgate da história do adolescente, que é convidado a recuperar e perceber sua história, de sua família, fazendo-o entender como chegou até o abrigo. O tempo presente é utilizado para que o sujeito entenda o porquê de estar naquele lugar. Já a palavra futuro aparece como linha condutora para o jovem pensar como, a partir de sua história e de seu momento atual, ele pode traçar seu futuro e planejar seus projetos de vida. Maiores informações em: <http://educacaointegral.org.br/experiencias/servico-de-acolhimento-traz-referencias-claras-da-educacao-integral/>.

¹⁰⁸ As Casas Taiguara são uma Instituição que desde o início, em 1993, têm como missão trabalhar na proteção e no desenvolvimento de crianças e adolescentes que estejam em situação

dois como educador e os quatro últimos já atuando como psicólogo. Assim que se formou, também saiu desse emprego.

Segundo Sidnei, esse emprego lhe surgiu tanto em decorrência de seu histórico com o trabalho na área da cultura na região como pelos contatos adquiridos com o Sarau da Brasa. E dentro do Coletivo, Sidnei é o responsável pela organização e produção do sarau. Monta os equipamentos de som, as luzes e etc. Enfim, é o responsável pelo cenário do sarau. Não que seja sua função específica, mas foi algo que aconteceu naturalmente. Segundo me contou em entrevista, isso é um resquício da sua experiência no teatro tanto na igreja como na escola, onde dirigiu a maioria das peças.



16 - Vagner Souza com seu pai, no lançamento de seu livro no Sarau da Brasa. Foto: Sônia Bischain.

Samanta Biotti, que é escritora, arte educadora e integrante do Coletivo Esperança Garcia¹⁰⁹, é formada em pedagogia e é companheira de Sidnei.

de risco pessoal e social, além de atuar em ações de promoção. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/casataiguara/about/?ref=page_internal.

¹⁰⁹ O Coletivo Cultural Esperança Garcia é um grupo de mulheres que desenvolve formações e projetos evidenciando, discutindo e refletindo a cultura africana e afro brasileira, a questão de gênero, saúde e violência contra mulher. Nossas oficinas e formações são abertas ao público em geral e serão divulgadas ao longo do ano neste blog. O trabalho do grupo é direcionado para

Nascida na Vila Penteado, no distrito da Brasilândia, ela ainda chegou a entrar no curso de Nutrição, na Uniban¹¹⁰, através do Prouni. Sua primeira opção, foi Pedagogia, mas como sua nota não era suficiente, acabou indo parar no curso de Nutrição. Lá ficou seis meses e cancelou a bolsa, porque não gostou do curso. No ano seguinte, prestou o Enem novamente, e entra na UniSant'Anna¹¹¹. Dessa vez, em Pedagogia. Ficou no curso por um ano e meio, mas como já trabalhava pela manhã e estudava à noite, dormia muito pouco. Juntando isso a má qualidade das aulas, optou mais uma vez por largar o curso. Até que no ano seguinte, 2010, entra na Unifesp, em Guarulhos (Bairro dos Pimentas), pelo Sisu¹¹² onde se forma em Pedagogia.

Seu envolvimento com cultura se deu, segundo Samanta, dentro da própria família. Seu pai, nascido em Cabreúva, interior de São Paulo, gostava muito de tocar violão, de contar “causos” e também lia muito. Daí viria o interesse de Samanta pela cultura popular, mais tarde. Na adolescência, Samanta entra para o grupo de teatro da igreja (o qual ela entra oficialmente, um pouco antes de Sidnei) e começa a ouvir rock, especialmente o grunge¹¹³ (que estava em voga na época).

mulheres, crianças e homens a partir dos 3 anos de idade. Maiores informações em: <http://esperanca-garcia.blogspot.com.br/p/nos.html>.

¹¹⁰ A Universidade Bandeirante de São Paulo (UNIBAN) foi uma universidade brasileira sediada na cidade de São Paulo, atuando na Região Metropolitana de São Paulo desde 1993 até 2011 em diversas áreas do conhecimento. Oferecia ensino de graduação, ensino a distância e pós-graduação - especialização (Lato Sensu) e mestrado e doutorado (Stricto Sensu) - em diversos campi. No dia 17 de setembro de 2011, foi anunciado oficialmente a venda da UNIBAN para o grupo Anhanguera Educacional. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Bandeirante_de_S%C3%A3o_Paulo.

¹¹¹ O Centro Universitário Sant'Anna, ou UniSant'Anna, é um centro universitário brasileiro privado sediado em São Paulo. Sua fundação ocorreu em 1932, porém somente em 1999 as Faculdades Sant'Anna foram credenciadas junto ao Ministério da Educação e passaram a se chamar Centro Universitário Sant'Anna. Atualmente possui mais de 15.000 alunos, cerca de mais de 30 cursos superiores e cursos de Pós-Graduação. Sendo ministrados em 4 campi. Recentemente, a UniSant'Anna abriu um campus dentro do Sport Club Corinthians Paulista, um dos maiores clubes do Brasil, além de um no bairro do Tucuruvi. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Universidade_Sant%27Anna.

¹¹² O Sisu é o sistema informatizado do Ministério da Educação por meio do qual instituições públicas de ensino superior oferecem vagas a candidatos participantes do Enem. Maiores informações em: <http://www.sisu.mec.gov.br/>.

¹¹³ Grunge (às vezes chamado de Seattle Sound ou Som de Seattle) é um subgênero do rock alternativo que surgiu no final da década de 1980 no estado americano de Washington, principalmente em Seattle, inspirado pelo hardcore punk, pelo heavy metal e pelo indie rock. As letras das bandas nomeadas grunge geralmente caracterizam-se por altas doses de angústia e sarcasmo, entrando em temas como alienação social, apatia, confinamento e desejo de liberdade. A estética grunge é despojada em comparação a outras formas de rock e muitos músicos grunge

A curiosidade em entender o que estava sendo dito nas letras, a fez se esforçar para traduzi-las e a mergulhou no universo da leitura. Começou a se interessar mais pelos livros e afins. Segundo Samanta, essa relação com o rock, com a atitude rebelde, lhe trouxe muitas questões. Em suas palavras, se tratava de “(...) uma busca pela sua identidade, sua sexualidade, o seu processo. Você fica alí, né, “olha, existe isso e eu preciso descobrir! Porque é importante pra mim, né?” E vem disso né? Porque aí você começa a ler, começa a ficar curioso.” Nessa época, cursando o ensino médio, Samanta também já começa a escrever, influenciada por autores como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles e afins. “Só que eu me preocupava muito com a métrica. Era muito tradicional. E fazia com que minha criatividade desse uma brecada”, afirma. Atualmente, Samanta trabalha como arte-educadora em MSE¹¹⁴ (Medidas Socioeducativas) com crianças e adolescentes.

Michell da Silva (ou Chellmí JEP, como é mais conhecido) também nasceu e se criou na Brasilândia. Entrou no Coletivo Poesia na Brasa em 2009. Com uma trajetória diferente das dos demais integrantes, Chellmí não participou do grupo de teatro na Igreja. Além de ser uma cria do rap nacional, foi skatista, pixador e grafiteiro, Aliás, o grafite faz parte de sua vida até hoje. A rua em que mora, por exemplo, o entorno do Goiabeiras Bar e o próprio bar é grafitado por ele e outros artistas da região. Além de Grafites, Chellmí pinta quadros, telas, faz stencil e outras artes plásticas. Também é escritor e mantém um blog chamado “Chellmí -

destacaram-se pela sua aparência desleixada e por rejeitarem a teatralidade em suas performances. Dentre as bandas mais populares do estilo estão Pearl Jam, Soundgarden, Nirvana e Alice In Chains. Maiores informações em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Grunge>.

¹¹⁴ O adolescente autor de ato infracional é responsabilizado por determinação judicial a cumprir medidas socioeducativas, que contribuem, de maneira pedagógica, para o acesso a direitos e para a mudança de valores pessoais e sociais dos adolescentes. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, as medidas socioeducativas podem acontecer em liberdade, em meio aberto ou, com privação de liberdade, sob internação. O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) oferece o serviço de proteção social a adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa de Liberdade Assistida (LA) e de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC). Maiores informações em: <http://mds.gov.br/assistencia-social-suas/servicos-e-programas/servico-de-protecao-social-a-adolescentes-em-cumprimento-de-medida-socioeducativa-de-liberdade-assistida-la-e-de-prestacao-de-servicos-a-comunidade-psc>.

Jovem Escritor Paulista”¹¹⁵. Já participou em diversas antologias e recentemente lançou seu primeiro livro autoral “Explodindo os cofres dos meus versos”.

Tabela dos/as entrevistados/as durante a pesquisa (Coletivo Cultural Poesia na Brasa)

Entrevistado/a	Idade	Raça/Etnia	Gênero	Profissão	Ensino Superior	Tempo de Participação	Reside no local que atua
Vagner Souza	32	Negro	Masc.	Assistente Social	Sim	Fundador	Sim
Chellmí Jep	33	Branco	Masc.	Educador	Sim	2009 - Atualmente	Sim
Sonia Bischain	60	Branca	Fem.	Aposentada	Não	Fundadora	Sim
Samanta Biotti	32	Branca	Fem.	Educadora Infantil	Sim	Fundadora	Sim
Sidnei Neves	35	Afro Indígena	Masc.	Desempregado	Sim	Fundador	Sim

O pseudônimo “Chellmí JEP” vem justamente da época do skate e da pixação, onde um amigo da sua crew¹¹⁶, começou a chamá-lo de Chellmí, invertendo seu nome. E o apelido pegou. É raro alguém o chamar por Michell. Já o “JEP”, vem justamente do nome da sua crew de skate e grafite, e significa “Jovem Escritor Paulista”. Segundo Chellmí,

(...) Jovem escritor Paulista era uma crew né? Que a gente tinha na adolescência. Assim, a gente se reunia numa praça, pra andar de skate aqui perto de casa. E aí o filho da Sonia (Bischain) andava com a gente também e tal. E aí a gente tava saindo da pixação e começando a fazer os Bomb¹¹⁷, os Throw up¹¹⁸, né?

¹¹⁵ Maiores informações em: <http://chellmisp.blogspot.com.br/>.

¹¹⁶ Crew é uma palavra de origem inglesa, apropriada pelo movimento Hip Hop para denominar os grupos de Mc's, Dj's, B. Boys/B. Girls, Grafiteiros e outros elementos do Movimento. Pode ser entendido como banca, galera, gangue ou grupo. Maiores informações em: <http://pt.gurias.wikia.com/wiki/Crew>; http://jovem.ig.com.br/street/noticias/2008/10/23/dicionario_do_hip_hop_2063735.html e <http://portaldasgurias.blogspot.com.br/2010/05/gurias-de-hip-hop.html>.

¹¹⁷ Podemos chamar o Bomb de graffiti rápido. É feito com letras gordas, vivas e mais simples. No "bomb" é utilizado duas ou três cores de tinta; uma para preencher a letra e as outras para contornar e fazer alguns detalhes. Maiores informações em: <http://artistaspelagraca.blogspot.com.br/2013/02/graffiti-bomb.html>.

Que a gente falava. E aí, pro grafitti assim, nós criamos essa crew, né, que era o JEP, “Jovem Escritor Paulista”. E já por causa disso... Tinha uns manos que fazia uns rap, tinha outros que tava escrevendo... E aí, a idéia de escrever no muro também, né, e tal. E aí surgiu a JEP e ficou. Tipo, todo mundo é. É Betox JEP, Chellmí JEP, Dimmy JEP, Dario JEP... Todo mundo é JEP, mano! Entendeu?”

Entusiasta do Rap, Chellmi, já na época da JEP Crew, começou a escrever alguns raps. E como andava de skate com Fernando Bischain, filho de Sônia, também foi municiado por ela, no que diz respeito às leituras. Durante o terceiro ano do ensino médio, Chellmí conseguiu fazer um curso técnico em Biblioteconomia, mesmo sem saber direito do que se tratava, numa iniciativa do Governo do Estado com o Senac¹¹⁹. Nesse curso teve contato com professores que se formaram na Unesp¹²⁰, no Campus de Marília, e que começaram a fomentar nele, a possibilidade de estudar numa universidade pública. Até então, Chellmí nem sabia da existência do ensino superior público e gratuito. Assim, incentivado por esses professores, ele começou a ler as obras de literatura que caíam no vestibular, de maneira despreziosa. E aí foi que Chellmí se interessou pela literatura e conseqüentemente, pela universidade pública.

¹¹⁸ O throw up é uma pixação evoluída, segundo os grafiteiros. A maior parte das produções de grafite são no estilo throw up ou conhecidos como BOMB's por serem mais fáceis, econômicos e geralmente feitos em lugares não autorizados. São usadas poucas cores, mas bastante contraste entre si. Normalmente não se pinta o fundo e muitas vezes as letras desenhadas tem formato arredondado, como se tivesse vida própria. Maiores informações em: <http://pintamurosarturbana.blogspot.com.br/2011/02/graffiti-formas-e-estilos.html>.

¹¹⁹ A trajetória do Senac São Paulo (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Administração Regional no Estado de São Paulo) é eloquente em sua importância para a construção e a disseminação do conhecimento voltado ao mundo do trabalho no País. O ponto de partida aconteceu em 10 de janeiro de 1946, quando os Decretos-lei nºs 8.621 e 8.622 autorizaram a Confederação Nacional do Comércio (CNC) a instalar e administrar escolas de aprendizagem comercial em todo o território nacional. A partir daí, o Senac inicia suas atividades, materializando o compromisso educacional do empresariado de comércio de bens, serviços e turismo. Maiores informações em: <http://www.sp.senac.br/jsp/default.jsp?newsID=a724.htm&testeira=457>.

¹²⁰ A Unesp (Universidade Estadual Paulista) é uma das maiores e mais importantes universidades brasileiras, com destacada atuação no ensino, na pesquisa e na extensão de serviços à comunidade. Mantida pelo Governo do Estado de São Paulo, é uma das três universidades públicas de ensino gratuito, ao lado da USP (Universidade de São Paulo) e da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas). Criada em 1976, a partir de institutos isolados de ensino superior que existiam em várias regiões do Estado de São Paulo, a Unesp tem 34 unidades em 24 cidades, sendo 22 no Interior; uma na Capital do Estado, São Paulo; e uma no Litoral Paulista, em São Vicente. Maiores informações em: <http://www.unesp.br/portal#!/apresentacao/perfil/>.

O fato de já conhecer tanto Vagner como Diego Arias, que já estavam nas suas andanças pelas universidades públicas, também o motivou. E começou a fazer cursinho pré-vestibular. Nesse meio tempo, em decorrência do curso em biblioteconomia, Chellmí consegue trabalhar em duas universidades particulares. A UniSant'Anna e na Uninove, nas bibliotecas de ambas universidades. Lá, conseguiu bolsas para estudar, mas como isso o atrelava a trabalhar nessas instituições até o final do curso, e Chellmí estava focado em entrar numa universidade pública, nunca fez uso das bolsas. Até que, após dois anos de cursinho pré-vestibular, conseguiu entrar na Unesp, no Campus de Marília. Porém, por não conseguir se manter lá, acaba largando o curso e voltando para São Paulo. Ao voltar, faz mais seis meses de cursinho, e depois começa a estudar por conta. Segue assim por mais uns anos, até que em 2010, entra no curso de pedagogia na USP¹²¹.



17 - Chellmí e seus educandos/as da Fábrica de Cultura e freqüentadores/as do Sarau da Brasa.
Foto: Sônia Bischain.

¹²¹ A Universidade de São Paulo (USP) é uma universidade pública, mantida pelo Estado de São Paulo e ligada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação (SDECTI). O talento e dedicação dos docentes, alunos e funcionários têm sido reconhecidos por diferentes rankings mundiais, criados para medir a qualidade das universidades a partir de diversos critérios, principalmente os relacionados à produtividade científica. Criada em 1934, a Universidade de São Paulo é uma das mais importantes instituições de nível superior do Brasil. Maiores informações em : <http://www5.usp.br/institucional/a-usp/>.

Nesse meio tempo, do terceiro ano do ensino médio até sua entrada na USP, Chellmí seguia escrevendo. Mesmo já tendo se afastado de seu grupo de rap, o VDF (Versos de Fúria), onde havia escrito algumas letras. Porém, não mostrava seus escritos para ninguém. Eis que um dia, andando pelas ruas da Brasilândia, passa em frente ao Bar do Cardoso e vê uma movimentação diferente. Para no bar por alguns instantes e vê o pessoal alí, Vagner, Sônia e Diego, que lhe falam “Então, mano a gente tá organizando um sarau aqui e tal... Cola aí!”, lembra Chellmí. Ele fica alí por mais um tempo, mas como estava de passagem, acaba indo embora. No sarau seguinte volta; dessa vez pra ficar. Como o pessoal já tinha conhecimento de que ele escrevia, pedem para que ele recite alguma coisa. Depois de alguma insistência, Chellmí, envergonhado, recita uma poesia sua. Daí em diante começa a frequentar o sarau, até que no começo de 2009, é convidado para integrar o coletivo. Convite o qual aceitou.

Chellmí, para além do Sarau da Brasa, é arte-educador na Fábrica de Cultura como já citado. Também foi professor da rede pública. Essas experiências, de trabalho com crianças e adolescentes na região, juntamente com seus outros projetos - o Veredas do Vestibular¹²² e o Carrinho de Mão-teca¹²³ - funciona como um catalisador para atual presença de jovens no Sarau da Brasa. Jovens esses

¹²² Segundo consta em seu blog, “O Projeto Veredas do Vestibular teve início em 2011 no Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso – CCJ -, fruto da vontade em compartilhar com o público que observávamos em nosso local de trabalho e convivência as experiências que vivemos em relação ao acesso ao ensino superior público. Ao longo deste tempo, o Projeto busca a ampliação de seu público e caminha para novos locais e vontades que possam ser compartilhadas com as nossas, neste diálogo nossa proposta é estimular e apresentar como possível o acesso à educação pública. O Projeto é formado por Diane Boda, formada em História, pela Unifesp e Michell da Silva (Chellmí), formado em Pedagogia pela USP”. Maiores informações em: <http://veredasdovestibular.blogspot.com.br/p/blog-page.html>.

¹²³ A Carrinho de Mão-teca é um projeto de Chellmí, onde o mesmo sai pelas ruas da Vila Brasilândia com um carrinho de mão, cheio de livros, para empréstimo e/ou doação. Segundo consta no blogue do projeto, “Uma ferramenta enquanto invenção humana pode ter o seu sentido estendido, ou recriado. Pode ser reinventado. Mas o que estamos fazendo não é necessariamente uma recriação, talvez seja uma recreação levada à sério, como toda brincadeira é para uma criança. Estamos brincando de construtores. Não estamos adulterando o sentido de um carrinho de mão ou de uma biblioteca, pois, ambos são ferramentas humanas destinadas à construir. Cada livro pode ser um tijolo, um cimento, ou até mesmo um alicerce na vida de uma pessoa. Os livros no carrinho fazem jus à função social da biblioteca que é viabilizar cada vez mais o acesso à produção de conhecimento. Mais que um convite a leitura, é um convite à obra. E este carrinho de mão contém apenas parte do material da construção que queremos”. Maiores informações em: <http://carrinhodemaoteka.blogspot.com.br/p/por-que-livros-no-carrinho-de-mao.html>.

que já são denominados de “Nova Guarda” do Sarau da Brasa. Sobre essa relação com a juventude, Chellmí diz o seguinte:

“(…) Bom, com a molecada é o seguinte: Eu trampo como arte educador num equipamento do Estado, que é a Fábrica de Cultura da Vila Nova Cachoeirinha. Que é próxima da Brasilândia. Não é aqui, mas é próxima. Na verdade, chama Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha, mas fica no [bairro] Lauzane Paulista. (...) E aí mano, sempre, nas minhas aulas, como eu sou arte educador lá de Literatura e de Grafite, eu sempre falo: “mano, existe uma possibilidade de a gente escutar as pessoas e tal, de vocês também colocar a arte de vocês pra que as pessoas vejam e escutem também. Existe um lugar, chamado sarau, que a gente se encontra uma vez por mês e tal, pra declamar umas poesias, pra cantar, pra fazer lançamento de livros, pra se encontrar, pra se ver...” E aí, a molecada fica assim olhando pra mim, tipo... É, eles têm aquela ideia, de que o Chellmí é descolado, né? É um tiozão descolado, né, isso é foda. Hahahaha! “É um tiozão descolado e tal, que troca umas ideias...” E aí, eles ficam curiosos, de saber o que esse negócio de sarau! E aí, muitos que não podem sair sozinhos a noite, as vezes vem com a mãe, com os familiares. E aí chegam na Fábrica e falam: “Mano, é muito louco e tal! Mano, que lugar da hora!” Aí já aguça a curiosidade de outros; aí o outro já pede pra mãe; ou senão, a mãe já coloca um horário xis pra voltar pra casa e tal... E ai, começa a vir. Aí que engrossa o caldo! Teve épocas em que eu fazia uma autorização, assim, e eu ia buscar. Eu ia até a casa, aí a mãe ou o pai lá - o responsável, né? - assinava, e aí eu ficava nessa ideia de buscar e levar de volta. Aí no começo era assim. Depois eles vão crescendo também, né? Da hora”.

Já a trajetória Sonia Regina Bischain, a integrante de mais idade no Coletivo Cultural Poesia na Brasa, remonta não só a história dos outros integrantes - os quais conhece desde crianças - como também a história da própria Brasilândia e de seus movimentos sociais. Moradora da Vila Penteadão (que integra o distrito da Vila Brasilândia), em 1972 - ao se envolver com um grupo de jovens da igreja - Sônia tem contato com a Teologia da Libertação¹²⁴ e

¹²⁴ A Teologia da libertação é uma corrente teológica cristã nascida na América Latina, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, que parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres e específica que a teologia, para concretar essa opção, deve usar também as ciências humanas e sociais. É considerada como um movimento supradenominaçãoal, apartidário e inclusivista de teologia política, que engloba várias correntes de pensamento que interpretam os ensinamentos de Jesus Cristo em termos de uma libertação de injustas condições econômicas, políticas ou sociais. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teologia_da_liberta%C3%A7%C3%A3o.

conseqüentemente com a movimentação das CEBs¹²⁵ (Comunidades Eclesiais de Base) e se torna uma militante de ambas, com o passar do tempo. Nesse período, de ditadura militar, Sônia estudava numa escola pública local, e fez parte do Grêmio Estudantil. Lá ajudava a editar o jornal da escola, a organizar torneios interescolares e outras atividades artístico- culturais como festivais de música. Dentro da igreja, onde as atividades culturais também eram estimuladas entre os jovens, Sônia participa de grupos de estudos, de teatro, de palestras e se envolve com a organização de um jornal da região. Sobre essa experiência com o jornal, Sonia relembra que eram veiculadas,

“(...) notícias sobre coisas políticas, ligadas à prefeitura... As coisas que precisavam no bairro: água, luz, esgoto, asfalto... A gente fazia denúncias nesse jornal sobre isso, mas também podia por uma poesia, podia contar uma historinha, sei lá... A gente indicava leitura... Tinha várias coisas”.

E assim, Sônia também se envolve com os movimentos sociais locais, como o de moradia. Nessa época, participa da criação de várias entidades sociais ligadas a igreja, como a Comunidade Kolping¹²⁶, que era um projeto voltado para o atendimento crianças e adolescentes carentes. Essa associação, originalmente se chamava Ação Comunitária Todos Irmãos - Comunidade Kolping. Mas, após uma separação, a mesma se transformou em uma Ong e passou a chamar apenas de Ação Comunitária Todos Irmãos¹²⁷. Sônia participa ainda, nas mobilizações pelas

¹²⁵ As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) surgiram no Brasil como um meio de evangelização que respondesse aos desafios de uma prática libertária no contexto sociopolítico dos anos da ditadura militar e, ao mesmo tempo, como uma forma de adequar as estruturas da Igreja às resoluções pastorais do Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965. Encontraram sua cidadania eclesial na feliz expressão do Cardeal Aloísio Lorscheider: “A CEB no Brasil é Igreja — um novo modo de ser Igreja”. Maiores informações em: <http://www.vidapastoral.com.br/artigos/eclesiologia/a-identidade-das-cebs/>.

¹²⁶ A Obra Kolping do Brasil é uma associação católica que atua no campo social à serviço do trabalhador e sua família. Nossa missão é transformar as realidades sociais no exercício da cidadania através do desenvolvimento profissional, ambiental, cultural, religioso e comunitário. Maiores informações em: <http://www.kolping.org.br/>.

¹²⁷ O Centro para Crianças e Adolescentes Todos Irmãos, nasceu em julho de 2012, é um dos seis projetos da ONG ACTI. - Ação Comunitária Todos Irmãos. Atende 120 crianças e adolescentes na faixa etária de 06 a 14 anos e 11 meses, de segunda a sexta - feira das 07:30 às 16:30 h. Diariamente são distribuídas refeições em dois períodos (café/almoço e almoço/lanche) e desenvolvidas oficinas dirigidas através de projetos. De acordo com as metodologias trabalhadas, enfatizamos atividades voltadas ao esporte, cultura e lazer com o objetivo de minimizar a situação vulnerável em que nossos usuários e suas famílias se encontram, proporcionando momentos de

creches na região da Brasilândia. A igreja, nessa época, era o epicentro de várias organizações políticas. Tanto a nível local, como federal. Segundo Sônia,

“(...) tudo isso assim, entrando essa coisa da escola, das comunidades eclesiais de base, começou um movimento muito grande ligado às comunidades eclesiais. Porque aí tinha a pastoral operária, a pastoral do menor, pastoral de várias coisas... E a gente começa a se envolver politicamente em várias organizações, vamos dizer. E como a gente tava em plena ditadura, não tinha nenhum espaço que dava pra você falar. O único espaço era a igreja. Todos os outros... Então, todo mundo que era clandestino, que era... vinha pra igreja. E aí você tinha reuniões de grupos de leitura, de grupos de estudo... Teve uma época que nós tínhamos dez pessoas de grupo de estudos, que a gente se encontrava 23:00, passava a noite, de sexta pra sábado, estudando. Você tinha que... Durante a semana, cada um – eram dez pessoas – tinha um assunto. Um era economia e igreja... sei lá. Do jornal, a gente escolhia dez assuntos, e você tinha que passar a semana lendo. E aí, nesse grupo, você tinha que falar tudo o que você leu”.

Passado um tempo, Sônia começa a trabalhar na Editora Abril¹²⁸. Lá, devido ao seu interesse pela leitura e pelos livros, aprende a fazer revisão de textos e a editar livros. Esse seria o início de uma profissão que iria acompanhá-la pelo resto da vida. É nesse emprego também que começa a interceptar os livros que tinham a publicação censurada pelo regime militar, como o livro *Cartas da Prisão*, de Frei Betto. E essas interceptações, era o que alimentava os grupos de estudo na igreja. De maneira clandestina, os livros passavam de mão em mão, com prazo de leitura, entre os integrantes do grupo. Para além desses, Sônia sempre trazia outros livros, já que tinha direito a uma quantidade deles por mês, através de uma política de incentivo a leitura para os funcionários, existente na Editora Abril, nessa época.

aprendizados mútuo, na tentativa de cumprirmos com nosso papel diante de tanta marginalidade e risco social, na busca de uma sociedade igualitária e justa para todos. Maiores informações em: <http://ccatodosirmaos.blogspot.com.br/>.

¹²⁸ O Grupo Abril é um dos maiores e mais influentes grupos de Comunicação e Distribuição da América Latina. Desde a sua fundação, como uma pequena editora em 1950, busca tornar-se cada vez mais relevante para o Brasil e para os brasileiros, atuando na difusão de informação, educação e cultura, e contribuindo para o desenvolvimento do País. Hoje, por meio de suas holdings e empresas controladas, está presente nas áreas de Mídia, Gráfica, Distribuição e Logística. Maiores informações em: <http://www.grupoabril.com.br/pt/quem-somos/>.

O tempo passa, Sônia se casa, os filhos nascem, novas urgências aparecem e ela vai diminuindo o ritmo de suas atividades políticas. Mas segue acompanhando as mobilizações pelo bairro. Ao final dos anos noventa, já com seus filhos adolescentes, ela conhece os jovens que mais tarde, formariam o Coletivo Cultural Poesia na Brasa. Esses são amigos de seus filhos e frequentam, regularmente, sua casa. Como, mesmo afastada das atividades políticas, Sônia mantinha o hábito da leitura e de se manter informada, começa a fomentar a leitura nesse grupo de jovens, que já estava buscando se envolver com cultura na região. Os empresta livros, conversa com eles, fala sobre a história do bairro, do país e afins; sempre buscando transmitir aquilo que sabe. Dessa forma, acaba se tornando uma referência para esses jovens. Passado mais um tempo, em julho de 2008, é convidada por eles para participar de uma iniciativa cultural na região. Tratava-se da organização de um sarau no bairro. Porém só aparece no sarau em agosto do mês seguinte. Recita um poema de autoria própria e logo é chamada para fazer parte do Coletivo Cultural Poesia na Brasa, o qual integra até hoje.



Foto: Fernando Bischain

18 - Sônia sendo homenageada no Sarau da Brasa pelo lançamento de seu mais recente livro e seu aniversário. Foto: Fernando Bischain.

Sônia, que além de escritora, é fotógrafa e editora. É a principal responsável pela editoração e revisão de boa parte os livros lançados por autores e autoras da literatura marginal/periférica. Como fotógrafa, foi uma das primeiras e organizar uma exposição fotográfica num sarau, em 2008, e é coautora de um livro de fotografias sobre a Brasilândia. Na lida de escritora, conta com a publicação de quatro livros¹²⁹, além de uma recém visita à Universidade de Sorbonne, para falar sobre um de seus livros¹³⁰, que trata sobre a ditadura no Brasil. Ainda, a título de informação, Sônia não possui nível superior, tendo estudado até o segundo grau (Ensino Médio) em escolas públicas. Segundo a própria, “eu aprendi todo o português que eu sei, dentro da editora e não na escola”.



19 - Fernando Ripol (ao centro) e o Samba do Congo, lançando o Cd no Sarau da Brasa. Foto: Sônia Bischain.

¹²⁹ Sônia é “Autora dos livros Viandante - Labirintos entressonhos (Romance. 2017, editora Ciclo Contínuo), Rua de Trás (poesia. 2009, Coletivo editado pelo Cultural Poesia na Brasa) Nem Tudo é Silêncio (Romance. 2010, editado pelo Cultural Poesia na Brasa), Vale dos Atalhos (Romance. 2013, editora Sundermann), e coautora do livro de fotografia Cultura daqui, olhares da Brasa, com Avelino Regicida e Enver Padovezzi, em novembro de 2015”. Maiores informações em: <https://www.avangicultural.com/soniabischain>.

¹³⁰ “Sonia Bischain, autora da periferia de SP, vai à Sorbonne falar sobre ditadura”. Maiores informações em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1934544-sonia-bischain-autora-da-periferia-de-sp-vai-a-sorbonne-falar-sobre-ditadura.shtml>.

Após algumas mudanças de local, atualmente o Sarau da Brasa acontece, como dito anteriormente, no Goiabeira's Bar, localizado à rua Joaquim Ferreira da Rocha, 268, na Vila Brasilândia (ou quebrada Brasilândia, como é chamada por seus moradores mais jovens). O sarau sempre foi a atividade central do Coletivo e sempre aconteceu dentro de um bar. Embora o grupo já tenha se apresentado em alguns equipamentos públicos da região, como os CEUs (com o projeto Veia e Ventania, do qual também participaram e ajudaram a idealizar), a Casa de Cultura da Brasilândia¹³¹, o CCJ, Viradas Culturais e até mesmo em algumas escolas da região, essa nunca foi a prioridade do grupo. Sempre circularam por outros saraus e eventos culturais nas periferias. Porém, nos últimos anos, têm se concentrado na atuação local, com o fortalecimento das atividades organizadas por outros militantes culturais da região, como os já citados Projeto Viela 4, Reduto do Rap e o Samba do Congo. Também têm participado das atividades organizadas pelo Coletivo Sete Jovens¹³².

Apesar de sua história dentro da Vila Brasilândia e de seu contato com os movimentos sociais locais, o coletivo não é filiado a nenhuma linha ideológica, movimento social ou partido político em si, mas se considera dentro daquilo que se pode entender por esquerda. Alguns de seus integrantes são próximos e se identificam com as ideias anarquistas e com movimentos populares autônomos, como Vagner Souza e Chellmí. Já Sônia, que foi envolvida com a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base, e praticamente viu a criação do PT, hoje é próxima da esquerda mais crítica ao PT, como o PSTU. Mesmo assim, não é filiada e nem faz campanha para nenhum partido. Aliás, essa é uma característica do Coletivo: não fazer campanha para nenhum partido ou candidato, ligado à política partidária. Mesmo no caso de pessoas próximas, como no caso

¹³¹ A Casa de Cultura foi construída no ano de 2009, através de emenda parlamentar do Vereador Claudinho de Souza. Aconteceu uma pré inauguração no ano de 2010. A casa ficou sob a supervisão da Subprefeitura da Freguesia / Brasilândia até setembro de 2014 quando, através do decreto 55547, de 26.09.2014, passa a ser um equipamento vinculado à Secretaria Municipal de Cultura. Maiores informações em: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/669/>.

¹³² "Coletivo promove sarau após denúncias de ameaças da PM". Maiores informações em: <https://ponte.org/sarau-7-jovens/>.

de Flavia Bischain e Fernando Ripol (que já saiu como candidato à vereador pelo PC do B¹³³).

Ao mesmo tempo, apoiam e se envolvem de maneira individual em várias atividades políticas, como as greves de professores, manifestações contra a violência policial, contra o genocídio da população negra e periférica e afins. Mas o foco principal do Coletivo é a população e o entorno local. É levar a cultura de maneira crítica, aos moradores da região, sem fazer distinção de etnia, religião e até mesmo de posicionamento político. E buscam fazer isso através do estímulo à leitura e a escrita, transformando o sarau em um local de encontro, de troca, como se pode depreender das palavras de Vagner:

"(...) o sarau propõe um espaço de diálogo que vai ser contraditório, que ele vai ser foda, assim, nesse sentido. Então, não vai ter um discurso homogêneo na parada, tá ligado? E é isso aí mano! Mas eu acho que isso que é a riqueza do sarau, mano! Tá ligado? Esses dias eu lembrei de um dia que a gente tava no sarau, cara, foi uma coisa incrível assim! Chegou uns punk, aí chegou a galera do samba, aí chegou os cara do rap... Tinha até evangélico na parada! Aí tinha um primo meu que tá estudando pra ser padre. O cara tava lá no bagulho. Aí você fala, "cara, se liga nesse cenário! Que lugar outro você encontra essa galera junta, se respeitando? Né, porque também é isso. Por mais que você discorde, você não vai bater no cara! Hahahahaha! Né? Os caras tão ali, tão se respeitando e a gente sabe que talvez, em outros contextos a gente sabe que essa galera vai tretar, se se trombar... Ali não. Ali não vai, tá ligado?"

No que concerne ao financiamento de suas ações culturais, o grupo se beneficiou do projeto VAI, nos dois primeiros anos de sua existência. As primeiras publicações feitas pelo coletivo, aconteceram através desse tipo de financiamento. Porém, nos últimos anos, o grupo não pegou nenhum edital público. Tem optado por realizar suas publicações com financiamento próprio, de seus integrantes e de amigos próximos. E essa opção, remete à discordâncias políticas, que segundo Vagner, se acentuaram durante a gestão do ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT):

¹³³ Maiores informações em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2016/guia-candidatos/sao-paulo-sp/vereador/fernando-ripol-65005/>.

“(…) Um pouco antes tinham feito a carta de apoio da periferia pra Dilma e aí mandaram pra gente, e a gente não assinou. Porque é assim: enquanto coletivo a gente não apoia ninguém! Nenhum candidato, de cima ou de baixo, não importa da onde é. Individualmente, as pessoas né, obviamente, fazem o que elas quiserem. Mas em nome do sarau, a gente não vai apoiar ninguém! E isso, a gente tem clareza desde o início, assim. E quando chegou a coisa da carta da Dilma, a gente falou “é claro que não! É óbvio que a gente não vai assinar essa porra, né?” E o pessoal dizia: “Ah, mais a periferia…” E nós reafirmamos: “Foda-se cara! A gente não vai assinar essa porra!” (…)

E a gente não assinou essa porra! (…)

o Haddad ainda nem tinha sido eleito, também teve uma movimentação de novo. Pra apoiar o Haddad. E a gente falou de novo que não ia apoiar porra de ninguém! Só que aí, deu um puta problema. Pior do que foi na gestão passada. Porque, por exemplo, até a gestão do Kassab tinha uma coisa assim: existe um edital público e você vai disputar, mano! Quando entrou na gestão do Haddad, virou um problema. Porque aí, as pessoas que não fizeram, os coletivos que não participaram do apoio ao PT, já era mano! Começaram a não ser chamados mais pra porra nenhuma! E aí, por exemplo, a gente já tinha feito algumas viradas culturais. E na gestão do Haddad a gente não subiu [no palco], e aí a gente ficou muito puto. Porque começou a sentar coletivos mano, pra decidir quem é que ia ser os saraus que iam estar lá. E aí, começaram a fazer a lista dos saraus que apoiaram o Haddad. E o Sarau da Brasa não foi um. Só que aí, a gente soube, porque a gente mandou o VAI II. A gente tinha todas as condições, porque já tinha pego os dois VAI's – que eram os critérios, né? – A gente tinha pego os dois VAI's, não tinha tido problema nenhum com prestação de conta... Então, estávamos habilitados pra pegar o projeto. E aí a gente descobriu, né? Tinha um cara que tava na avaliação. Nosso projeto foi aprovado. Só que aí, “Sarau da Brasa não vai aprovar nada aqui, entende?” Tecnicamente, nosso projeto foi aprovado. Aí, você fala assim: “pô, e politicamente não foi”.

Para além dessa questão, o Coletivo ainda aponta para o fato de que, em sua opinião, os editais além de amarrarem os coletivos a uma gestão, os tornaram uma espécie de reféns das verbas públicas. Isso porque muitos coletivos passaram a pautar suas atividades, mediante sua contemplação por algum edital. Para Sônia, a existência de políticas públicas como o VAI, são necessárias, já que “na periferia não tem como fazer determinadas coisas sem essas verbas”. Mas ela também afirma que

“(…) Foi bom porque a gente conseguiu publicar vários livros, mas assim, não é a coisa mais importante. A gente também conseguiu publicar sem a verba, sabe? É lógico que teve casos em que as pessoas que pegaram a verba, ajudaram saraus que não tinham entrado no programa. Porque não podiam pegar, porque só podia pegar dois em

seguida e o terceiro você já não pegava... Mas a gente conseguiu fazer também sem verba. Fizemos com outras parcerias, de outras maneiras... Então, eu acho assim, que pra muita gente foi importante, mas chegou uma hora em que só se faziam coisas em alguns grupos se tivesse verba pública. A gente foi em muitas escolas, em muitos lugares sem ganhar nada! Não tinha verba”.



20 - Flávia Bischain e outros dois militantes do PSTU, em noite de Sarau da Brasa. Foto: Sônia Bischain.

No que tange a produção cultural do Coletivo, ao longo dos seus, praticamente, 10 anos de existência, o Poesia na Brasa já lançou onze livros. Quatro edições da antologia poética do coletivo (volumes I, II, III¹³⁴ e IV¹³⁵); Três livros de poesias autorais - sendo um de Carlos Assumpção¹³⁶, um da poetisa

¹³⁴ As três primeiras antologias foram lançadas, respectivamente em 2009, 2010 e 2011. Maiores informações em: <http://www.each.usp.br/revistaec/?q=revista/1/marcos-fundamentais-da-literatura-perif%C3%A9rica-em-s%C3%A3o-paulo>.

¹³⁵ A quarta antologia foi lançada em 2012. Maiores informações em: <https://perifatividade.com/2012/07/13/amanha-tem-aniversario-do-sarau-da-brasa-4-anos-de-muita-luta/>.

¹³⁶ A Antologia poética “Tambores da Noite” de Carlos Assumpção, foi lançada em 2009, numa parceria do Sarau da Brasa e outros grupos. Maiores informações em: <http://brasasarau.blogspot.com.br/2009/11/carlos-de-assumpcao-tambores-da-noite.html>.

Bárbara Lopes¹³⁷ e outro de Vagner Souza¹³⁸; E três romances e um livro de poesias, da escritora Sonia Regina Bischain¹³⁹. Para além disso, o Coletivo Poesia na Brasa participou do livro de fotografias e documentário “Olhares da Brasa: Cultura Daqui”, do documentário “Da Ponte Pra Lá - Sarauzando em Buenos Aires”¹⁴⁰. Além dos projetos citados, o grupo ainda está organizando um grupo de leitura e discussão, com os jovens que frequentam o sarau. Também está dentro dos planos futuros do Coletivo, a aquisição de um local próprio para sediar suas atividades.

Capítulo 3 - Dia a dia da Periferia: A organização, produção cultural e outras perspectivas

Durante o campo como também no acompanhamento das redes sociais dos coletivos, não só a diferença entre os locais onde cada grupo realizava suas atividades (equipamentos públicos, bares ou sede própria), ficaram evidentes. Os modos de organização, de produção cultural e as perspectivas sobre a própria produção e as demais produções culturais das periferias, também se fizeram presentes. Seja em como os coletivos se relacionam e se apresentam com e nas as redes sociais; seja na circulação dos coletivos dentro do circuito dos saraus e até mesmo nas distintas formas de organização interna de cada grupo. Tais escolhas denotam não só métodos diferentes, mas também a diversidade de interpretações e mobilizações político-culturais que permeiam tanto as periferias como os coletivos culturais que nela surgiram. Ainda que tais grupos partilhem de pressupostos comuns.

O Coletivo Poesia na Brasa no que tange as redes sociais, possui um blogue, uma página e um perfil no facebook, além de um perfil recente no

¹³⁷ O livro “Poemas e Prosas de um Eu”, de Bárbara Lopes, foi lançado em 2009. Maiores informações em: <http://brasasarau.blogspot.com.br/search?q=antologia+sarau+da+brasa>.

¹³⁸ O livro “De Lágrimas, Revides e Futuros”, de Vagner Souza, foi lançado em 2016. Maiores informações em: <https://www.facebook.com/events/1231133686960688/>.

¹³⁹ Ver nota 107.

¹⁴⁰ Este documentário registra a passagem dos saraus de SP na Feria Del Libro de Buenos Aires, em maio de 2014, representando a cidade homenageada. Maiores informações em: <https://vimeo.com/199850671>.

Instagram. No blogue se encontram algumas informações sobre o grupo, um pouco de sua história e o registro de suas atividades. Porém, a última postagem deste, data do ano de 2016. O que aponta, minimamente, para o fato de que o coletivo não o tem mais como veículo principal da divulgação de suas atividades nas redes sociais. Já no facebook, a coisa muda um pouco. A página foi usada até o final do ano passado como fonte principal de divulgação na rede, oscilando eventualmente, com o perfil do grupo, na mesma rede. Atualmente, o grupo vem divulgando suas atividades de comemoração dos dez anos de existência no perfil pessoal do grupo e no Instagram. O perfil do Instagram foi criado em Setembro de 2017, o qual é atualizado com regularidade.

Para além disso, cada integrante do Coletivo - a exceção de Sidnei das Neves e Samanta Biotti, que não usam de redes sociais como o facebook, por exemplo - faz uso de seus perfis pessoais para também divulgar as atividades do coletivo, além de seus projetos pessoais. Sonia Bischain, por exemplo, é quem sempre divulga as fotos das noites de sarau. E os demais integrantes geralmente compartilham suas fotos, tanto nas redes do coletivo, como em seus perfis pessoais. Para além das fotos, o grupo eventualmente posta vídeos das noites de saraus, em suas redes sociais.

Por mais que a manutenção das redes sociais do grupo não seja feita de maneira assídua, as redes sociais, principalmente o facebook, tem sido o principal veículo das atividades do coletivo. Há de se levar em conta, a divulgação em meios específicos de informação voltadas a produção cultural das periferias, como a Agenda Cultural da Periferia¹⁴¹, tanto em sua versão impressa e digital, como no programa de rádio veiculado na Rádio Comunitária Heliópolis¹⁴². Ainda no que

¹⁴¹ A Agenda Cultural da Periferia surgiu em maio de 2007, para atender a uma demanda dos movimentos culturais atuantes nas periferias da Região Metropolitana de São Paulo, que não tinham espaços de divulgação nos guias convencionais de cultura, tornou-se o único material de divulgação especializado e mantém seis seções fixas: Teatro, Hip-Hop, Rodas de Samba de Comunidade, Literatura, Outras Cenas e Formação Cultural. Hoje a Agenda Cultural da Periferia é distribuída gratuitamente em diversos pontos da cidade de São Paulo. A Agenda Cultural da Periferia é um projeto da Ação Educativa. Maiores informações em: <http://www.agendadaperiferia.org.br/index.php/quem-somos>.

¹⁴² Criada e Mantida pela UNAS Heliópolis e Região, a Rádio Comunitária Heliópolis possui “23 anos de Resistência, levando informação, entretenimento e cultura aos moradores da maior favela de São Paulo - Heliópolis”. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/RadioComunitariaHeliopolis/about/?ref=page_internal.

tange a divulgação das atividades do coletivo, em especial ao Sarau, soma-se o fato de que o mesmo também é divulgado no boca a boca, tanto fora como dentro da região da Vila Brasilândia. Ao longo desses dez anos, o Sarau da Brasa se tornou um evento reconhecido dentro do circuito de saraus e no próprio bairro. Ao longo desses dez anos, o Sarau da Brasa se tornou um evento reconhecido dentro do circuito de saraus e no próprio bairro.



21 - Os livros publicados por Sônia Bischain, durante evento no CCJ Ruth Cardoso. Foto: Sônia Bischain.

Ainda no que diz respeito à organização interna do Coletivo, esta vinha acontecendo, na maioria das vezes de maneira mais espontânea, porém orgânica. Como todos os membros moram próximos uns dos outros, e quase sempre se encontram durante a semana, em muitos momentos as reuniões aconteciam no momento do sarau ou após os mesmos. Além disso, quando surgia algo que necessitava maior atenção, os integrantes se comunicavam pelo grupo de Whatsapp do Coletivo e marcavam uma reunião. Porém, com o tempo e as atividades pessoais de cada um, as reuniões começaram a ficar raras. Então, no

início de 2017, o grupo começou a se reunir e discutir as propostas para o sarau, aos sábados. Duas horas antes deste começar, como foi dito por Vagner, em entrevista cedida para essa pesquisa.

Um dos fatos que também explicam o uso básico das redes sociais apenas para a divulgação dos saraus, diz respeito a questão das pessoas “virem e conhecer o sarau e o coletivo pessoalmente, pra ver o que acontece aqui, na bolinha do olho” como afirmou Chellmí, quando questionei acerca disso, durante um dos saraus que acompanhei. Além de uma aparente preguiça em lidar com as redes sociais, o grupo se preocupou mais em divulgar seus trabalhos através dos livros e das ações que seus integrantes desenvolvem na região da Brasilândia, como já citado anteriormente. E essa coisa da organicidade do grupo, mais voltada para o bairro, se reflete também nos eventuais debates, como já presenciei em outros momentos, onde o sarau é suspenso, para dar lugar a discussões sobre a redução da maioria penal ou a greve dos professores, por exemplo.

Em relação à produção cultural do grupo, o Coletivo Poesia na Brasa, sempre privilegiou a publicação de livros, geralmente antologias, como já citado anteriormente. Tendo lançado nove livros em dois anos, mediante à contemplação do grupo com a verba do projeto VAI, atualmente o Coletivo tem investido no lançamento dos livros autorais de seus integrantes, como os livros de Sonia Bischain e Vagner Souza, e mais recentemente, Chellmí Jep. Para conseguir lançar essas publicações - já que o grupo, atualmente, não tem pleiteado verbas públicas e nem privadas - tem-se optado pelo autofinanciamento e por parcerias com editoras independentes, como as já citadas Edições Incendiárias e a Ciclo Contínuo Editorial, além da Avangi Cultural¹⁴³. No que toca a questão do

¹⁴³ Avangi Cultural é uma produtora que trabalha com diversas linguagens. Desde 2014 já nasceram de nós livros, espetáculos, exposições e intercâmbios com artistas, produtoras[es] e pesquisadoras[es] brasileiras[os] e da Alemanha, Benim, Argentina, Cabo Verde, Colômbia, Cuba e México, e continuamos trabalhando para ampliar esta rede. Colocamos especial atenção à produção cultural das mulheres, às culturas negras e latinas. Os diálogos entre urbanidade e cultura popular, centralidades e periferias, também estão presentes na concepção e realização de nossos trabalhos. Prestamos serviços de consultoria e avaliação em projetos culturais, produção executiva, representação artística, montagem e monitoria de exposições, ações formativas em arte-educação, registro em foto, vídeo e texto, design, web e curadoria para programação cultural. Maiores informações em: <https://www.avangicultural.com/>.

financiamento privado ou de parcerias nesse sentido, Vagner Souza diz o seguinte, sobre a experiência de uma proposta feita ao Coletivo, pelo Criança Esperança¹⁴⁴:

“(...) tem um núcleo grande do Criança Esperança aqui na Brasilândia. E aí, eu lembro que foi logo no início né? A gente começou a publicar os livros, os caras propuseram, né? Fazer uma tiragem maior, meter dinheiro no banguio e não sei o quê... E aí teria que vir com o “loguinho” lá do Criança Esperança. Aí nem fudendo! (...) E tudo o que isso acarreta? Aí, eu lembro que a gente teve uma discussão rápida sobre isso e o resultado foi uma coisa assim “Num tem como pegar dinheiro desses caras!” Você fala “os caras fuderam com um equipamento público que tinha aqui; os caras dão prêmio pra polícia militar junto com o Instituto Sou da Paz; os caras financiam lavagem cerebral todo dia; como é que esses caras vão financiar nosso trampo? Não tem condições mano!” Ai, falamos assim “irmão, entre fazer uma tiragem de duzentas cópias mantendo a postura e fazer uma de mil cópias com a bunda de fora, nem fudendo! Vamos fazer de duzentas, sabe?” E aí, acho que foi a única vez que teve uma investida do setor privado”.

As publicações e o privilégio ao lançamento de livros nos saraus seguem sendo um ponto forte do Coletivo Poesia na Brasa. Ademais, os integrantes que mais produzem, literariamente falando (Chellmí, Vagner e Sônia), têm se preocupado muito com a qualidade do que é produzido. Não exatamente pelo estilo ou meramente pela questão do mercado da literatura, mas principalmente por se fazer entender pelos interlocutores e também para avançar na vida de escritores. Inclusive, não se prendendo a um só tema, como por exemplo, a desigualdade a que estão submetidas a população das periferias, que é uma marca registrada da Literatura Marginal/Periférica. Sobre isso, Sônia diz o seguinte:

¹⁴⁴ O Criança Esperança é uma campanha nacional de mobilização social que busca a conscientização em prol dos direitos da criança e do adolescente, promovida pela Globo, inicialmente em parceria com a UNICEF e atualmente com a UNESCO. O projeto é uma das mais bem-sucedidas marcas relacionadas a programas sociais dirigidos às crianças carentes em todo o mundo. Anualmente, são realizados os shows que incentivam as doações feitas pelos telespectadores e por várias instituições. Maiores informações em: https://docs.google.com/document/d/1c76EhGn8vfLh8PnXCJUwPLDIYmyyhy-0-XO_Uhc8XxQ/edit.

“(...) eu acho assim, aconteceu também de ter muitos lançamentos indiscriminadamente. Já aconteceu de eu comprar livro, começar a ler e falar “gente não tá legal isso aqui.” Não dá, às vezes, pra terminar de ler. Tem coisa que é muito boa, mas tem coisa que não é. Não acho que isso é ruim pra pessoa, de lançar, tentar escrever, porque ela vai desenvolvendo. Ninguém aprende de uma vez e ninguém é obrigado a fazer uma coisa ótima na primeira. Mas acho que isso, dependendo de como você vai lidar com isso, você incentiva a pessoa a aprender, a melhorar, a pesquisar... Mas teria que ter essa crítica, que você tá falando, uma resenha, ou um retorno, alguma coisa, falando “olha, melhora aqui!”. Então, quando o Vagner fala que leu o livro de algumas pessoas - livros nossos - antes de publicar, o que a gente pergunta, eu pergunto é: “ah, tem alguma coisa que você tiraria? Tá ruim? Dá pra melhorar? O que precisa acrescentar?” Eu pergunto coisas desse tipo, quando dou pra alguém ler. Eu sempre seleciono meus livros, assim: eu dou pra uma socióloga, porque eu sempre escrevo coisas políticas; eu dou pra um historiador; e pra uma pessoa que também conhece o português. Então, eu tenho três tipos de opinião, que tem a ver com o que eu gosto de escrever, com o que eu soube escrever”.

Um projeto recente também, que se iniciou em abril do ano passado, diz respeito aos jovens que estão freqüentando o Sarau da Brasa. A grande maioria desses jovens são educandos de Chellmí, na Fábrica de Cultura da Vila Nova Cachoeirinha, como já dito anteriormente. No momento em que as Fábricas foram Ocupadas em 2016¹⁴⁵, esse fluxo de jovens aumentou, não só pelo renome do sarau, mas também pelo intercâmbio entre os próprios jovens, educandos das fábricas, que estavam gerindo as mesmas durante as ocupações. Nesse fluxo de troca de informações e experiências, muitos jovens acabaram conhecendo o sarau e frequentando o mesmo. Muitos já escreviam e fizeram do sarau o palco de suas primeiras declamações. Com a freqüência assídua destes jovens, os integrantes do Coletivo começaram a se preocupar com a formação destes, com o hábito de leitura e criaram um grupo de leitura e discussão, que funciona na casa de Vagner, uma vez por mês. Segundo Vagner,

¹⁴⁵ “Ocupação, greve e repressão: às Fábricas de Cultura estão fervendo”. Maiores informações em: <http://periferiaemmovimento.com.br/fabricas-de-cultura/>.

“(...) Tem uma molecada que tá colando no sarau, e é isso, né cara? Eles estão escrevendo, eles tão lendo... Mas hoje, a gente percebe, por exemplo, tem uma discussão muito rasa, né? Principalmente nesse baguio de internet, né? O Negócio é muito hashtag qualquer coisa e ninguém tá pensando muito qualé que é, meu! E aí, eu acho assim, né, a nossa formação, teve mil vivências e tem né? Até hoje. Mas passa muito pela coisa da leitura, mano. De pegar o livro e ler a parada, né meu? E aí, a gente montou um grupo, cara! Que é aqui em casa. Com essa molecada. De vir aqui em casa, uma vez por mês e a gente se dedica... A gente fez um primeiro encontro e foi muito legal! E aí veio o Matheus, veio o Bruno e não sei o quê... Veio o lamã, que era um moleque que eu nem imaginava que ia vir! E aí, a ideia é que a gente pegue um livro por mês, pra ler e discutir a parada!”

Acompanhando o Coletivo Cultural Poesia na Brasa nesses quase dois anos, se tornou perceptível que o sarau organizado pelo mesmo, já é um evento consolidado, não só dentro do circuito dos saraus de São Paulo, mas principalmente, dentro do próprio bairro. Ainda que seu contato com os movimentos sociais seja feito com certa parcimônia e que sua autonomia seja uma questão sempre levada adiante pelo grupo, a nível local, como foi explicitado anteriormente, essa conexão é mais direta. A presença de antigos moradores, de outros agentes culturais da região, como o caso da Velha Guarda da Escola Rosas de Ouro¹⁴⁶, é uma constante. Tanto Maria Helena como seu companheiro, Waldir Dicá¹⁴⁷ - respectivamente, Embaixatriz e Embaixador do Samba na Rosas de Ouro - são figuras presentes nos saraus organizados pelo Coletivo Cultural Poesia na Brasa. Além de integrantes da Rosas de Ouro, Maria Helena e Wilson, são também antigos moradores da Vila Brasilândia. Por diversas vezes os vi falar sobre os tempos antigos na Brasilândia, sobre a perseguição policial à

¹⁴⁶ A Sociedade Rosas de Ouro é uma escola de samba que foi fundada em 1971, na Brasilândia por José Luciano Tomás da Silva, João Roque "Cajé", José Benedito da Silva "Zelão" e o advogado Eduardo Basílio, tendo este último sido presidente desde a fundação da escola até outubro de 2003. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosas_de_Ouro.

¹⁴⁷ Maria Helena coordena a Velha Guarda do samba de Vila Brasilândia, é sócia fundadora do Terreirão Cultural que trabalha com cultura de matrizes africanas. Waldir Dicá, pesquisador cultural e estudioso da cultura popular brasileira e afrodescendentes, recebeu o título vitalício de "Embaixador do Samba Paulistano". juntos, Maria Helena e Dicá Fundaram a Velha Guarda da Sociedade Rosas de Ouro. E ambos foram nomeados "Cidadãos do Samba Paulistano ". Maiores informações em: <https://vaidancar.com.br/Evento/13049>.

comunidade negra e aos pobres no bairro, assim como a organização dos moradores, para construir suas moradias.



22 - Maria Helena e Waldir Dicá, da Rosas de Ouro, no Sarau da Brasa. Foto: Sônia Bischain.

Apesar de não se assumir literalmente como um coletivo cultural negro, a influência e as referências da cultura negra e da ancestralidade se fazem presentes no coletivo, como parte importante de sua identidade. Para além do tradicional “Tambor de Abertura” que abre e fecha todos os saraus do coletivo, da presença de personalidades negras importantes da Vila Brasilândia e do Movimento Negro como um todo, o coletivo ainda conta com o fato de que seu público é majoritariamente negro. Ademais, os referenciais não são apenas simbólicos, já que Vagner e Sidnei são negros e compartilham a crença nas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Ainda, cabe citar que o combate ao racismo e a intolerância religiosa, além de mote para a produção literária do coletivo, são temas também discutidos pelo grupo, inclusive em noites de sarau.



23 - Dito, da CMP, na inauguração do Círculo de Cultura Perifatividade. Foto: Elaine Campos.

O Coletivo Perifatividade tem as redes sociais como o principal veículo de divulgação de suas atividades. Para tanto, mantém constantemente atualizados um perfil no facebook, outro no instagram e um blogue. Além da divulgação das atividades, no blogue se encontram relatos das atividades que o grupo organiza e das que o grupo é convidado a participar. No página do coletivo no facebook, além da divulgação das atividades, se encontram notícias sobre questões relacionadas à produção cultural das periferias e sobre o fazer político cultural na cidade de São Paulo como um todo. O grupo ainda busca postar em suas redes vídeos ao vivo de suas atividades e as chamadas “lives”, que são um recurso comum em diversas redes sociais como o Instagram e o Facebook, onde se postam videos curtos.

Para além das redes sociais, o grupo também se vale da divulgação em meios específicos ligados às periferias, como os já citados Agenda Cultural das Periferias e a Rádio Heliópolis. No que tange ao programa “Agenda Cultural das Periferias” veiculado na Rádio Heliópolis, atualmente a apresentação deste é dividida entre Ruivo Lopes e Paulo Rams. O Grupo também ao longo dos anos,

tem participado de debates e demais programas referentes a cultura das periferias na Rede TVT¹⁴⁸.

O Perifatividade também mantém um grupo no Whatsapp, onde seus integrantes discutem temas relativos a sua organização. Porém, o coletivo sempre priorizou reuniões presenciais mensais, mesmo com o fato dos integrantes se encontrarem basicamente, toda semana. Atualmente, essas reuniões acontecem na sede do grupo, no penúltimo domingo do mês, no começo da tarde. Nelas, são discutidos e elaborados os cronogramas de atividades do mês, os convites, as oficinas e demais atividades que acontecem no Círculo de Cultura Perifatividade. Como resultado dessas reuniões, são elaboradas atas, que são repassadas para os integrantes, para que os mesmos não se esqueçam de suas atividades perante o grupo. Em entrevista para essa pesquisa, Paulo Rams afirma que foi a partir da contemplação com o VAI, que o grupo começou a se organizar de maneira mais pragmática. Segundo Paulo isso acontece

“(…) desde 2011, quando a gente pegou o primeiro VAI. Em 2010, não tinha tanto isso. Era mais se organizar assim, se reunir no dia do evento, ponto, fazer e acabou! A gente foi assim de agosto até março de 2011. A gente não tinha essa organização que começou a partir da primeira aprovação de nosso projeto pelo VAI. (...) Ele [o VAI] deu uma “bolinha no olho”. Não é só “nóis por nós”, fazer tipo obalelê, realizar, ponto e acabou. Não, agora vamos sentar, planejar estratégias, isso e aquilo outro, divulgação, né? Tudo isso. O VAI foi, com certeza... Acho que a proposta dele é essa, né? Tipo, os grupos que estão começando, que já tem uma caminhada já, sem nenhum financiamento, sem nenhuma estrutura, sejam contemplados e aprendam a fazer e a gerir uma atividade cultural. E aí, acho que a gente aprendeu com o VAI I. Aí aprendemos mais com o VAI II, depois com o Proac em 2014 e 2015. Em 2016 a gente não pegou nada e agora, em 2017, a gente vem com a Lei de Fomento às Periferias. Nesse sentido, o fomento é uma coisa muito mais séria. Envolve mais financiamento e dinheiro subsidiado pela prefeitura. E aí, a coisa ficou muito mais séria do que já era, né? Porque você tá lidando com dinheiro público, tá tendo que prestar contas, e organização é fundamental né?”

¹⁴⁸ A Rede TVT, fundada em 2010, é “Somos uma emissora educativa outorgada à Fundação Sociedade Comunicação Cultura e Trabalho, entidade cultural sem fins lucrativos, mantida pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC e pelo Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região.”. Maiores informações em: <http://www.tvt.org.br/quem-somos/>.

Além das reuniões, o grupo ainda organiza formações abertas, a fim de se aprofundar dentro dos temas com os quais trabalha. A primeira delas foi uma formação sobre direitos humanos, acontecida em 2015. Também há um grupo de estudos interno, para a formação do coletivo, onde cada um tem que ler os textos escolhidos para o mês, e fazer uma apresentação e discutir o texto. Esse grupo, segundo Paulo Rams, começou a acontecer no início de 2017.

Algumas tarefas no grupo também são definidas a partir da identificação e vocação de seus integrantes. Por exemplo, Paulo Rams e Ruivo Lopes estão mais à frente das questões políticas e organizativas do grupo; Ana Fonseca se responsabiliza pela assessoria e comunicação; Diego Soares é responsável pela montagem do som e iluminação, além do equipamento de vídeo; João Cláudio é o fotógrafo oficial do Coletivo e Vinão Alôbrasil é o Mestre de Cerimônias do Perifatividade. Embora essas funções sejam divididas entre os integrantes do coletivo, tal fato não aponta para uma espécie de hierarquia no grupo. Durante as reuniões organizacionais do coletivo, todos possuem a mesma voz, onde suas propostas são debatidas, estudadas e aprofundadas, se for o caso. Segundo Vinão,

“(...) dentro da reunião, todo mundo sai desses personagens, pra ser todo mundo na mesma parada, tá ligado? Pra todo mundo poder opinar do mesmo jeito que... Por que senão, o Ruivo Lopes vai ser o que vai falar mais, nesse sentido, tá ligado? E não pode ser assim. Na hora de construir a parada toda tem que ser todo mundo igual. Tem que ser todo mundo falando igual, todo mundo entendendo igual. Por isso que a parada tem que ser meio assim, construída, né? Desde orçamento a cronograma do sarau, tá ligado? O Cronograma da semana de aniversário, por exemplo. Nesse sentido, tá ligado?”

Como já citado, além do sarau mensal do coletivo, este ainda participa de projetos como o Veia e Ventania, nas bibliotecas públicas, o Estéticas das Periferias, a Virada Cultural e afins. O Coletivo ainda desenvolve as atividades “Perifatividade nas Escolas” e “Perifatividade nas Favelas”, também já supracitadas. O elo entre o fazer cultural e o fazer político é a tônica do grupo. Para além das ações culturais, o grupo busca participar e fomentar a participação em manifestações, greves e demais mobilizações políticas, como até mesmo na

luta contra a reforma da previdência. Essa articulação, entre cultura e política dentro do grupo, também se manifesta nas ações conjuntas com os movimentos sociais e populares. Tanto num âmbito mais local, com o movimento por moradia da região onde atuam, como num contexto mais geral, com o Cordão da Mentira¹⁴⁹ e os supracitados MST, Mães de Maio e CMP. Sobre essa relação, Paulo Rams diz:

“(...) A gente tá dentro da educação, tá dentro das escolas, tá dentro da questão dos direitos humanos, fazemos intervenções também nas fundações casa, né? Se for pra ir em presídio, nós vamos também... Tem outros grupos que fazem atividades nos presídios. Enfim, várias fitas acontecendo. A Ana pode até falar melhor... enfim. Nós, com o Instituto Paulo Freire, também participamos de cursos, de formação em direitos humanos. Estamos participando do comitê estadual de direitos humanos, né? Pra reivindicar e lutar por políticas públicas voltadas aos direitos humanos. E é assim, é amplo né? Tipo, não é só cultura e política. Tem educação, tem direitos humanos, tem a questão de assistência social... Mano, é foda! E isso que é bom, porque o coletivo tem potencial pra estar nessas áreas, tá ligado? Até por conta de que dentro do coletivo terem pessoas formadas e engajadas nessas áreas. E a gente só fazer poesia por poesia, né? Falar de militância e não praticar é um pouco incoerente, né? (...) O link é o seguinte: o trancar a rua é uma ação direta né? Politicamente falando. Embora muitos falem que são os sindicatos que estão puxando, é a CMP... Enfim, mas é uma ação direta na qual ao agir, você está poetizando. O fazer, o chegar, se reunir, se manifestar... Você escrever frases de ordem em faixas; Você correr de bombas de gás lacrimogêneo; Você se confrontar com a PM... É ação direta! Isso é poema, isso é poesia! É a poesia concreta. Porque às vezes a gente escreve... Às vezes muitos poetas e muitos grupos, infelizmente, é poesia por poesia. E tá ali, tá lindo, tá da hora, tá militante! Porra cara, tá porrada no sistema! Tá tipo chute na porta do presidente, do governador, do senador... Mas a prática em si, tá ligado... Ele (o poeta) tá declamando no Sesc isso e os trancamentos e a greve geral, estão acontecendo nas ruas. E o pessoal fala que isso é protesto em forma de poesia. Eu acho que a poesia tem que ser em forma de protesto. Ao contrário, entendeu?”

¹⁴⁹ Composto por coletivos políticos, grupos de teatro e sambistas de diversos grupos e escolas de São Paulo, o Cordão da Mentira é um bloco de Samba que discute, de modo bem humorado e radical, de quem são os interesses que bloqueiam uma real transformação da sociedade brasileira. Maiores informações em: <https://cordaodamentira.milharal.org/> e <http://futebolrapesamba.blogspot.com.br/>.



24 - Em pé, alguns dos livros já publicados pelo Coletivo Perifatividade. Foto: João Claudio.

No que diz respeito à produção literária do coletivo, o Perifatividade conta com a publicação de seis livros ao longo dos seus quase oito anos de existência. Todos com verba pública. Primeiramente com o VAI (I e II), depois com o Proac e atualmente, através da Lei de Fomento a Cultura das Periferias. O Coletivo nunca lançou nenhum livro autoral de seus integrantes, privilegiando a publicação de Antologias, buscando dar voz aos demais escritores das periferias. Somente sua última antologia de 2018, é que se limitou aos trabalhos autorais dos integrantes do coletivo O seu sarau, além de sempre contar com o lançamento de livros, sempre teve como característica marcante, as apresentações musicais. Essas são, na maioria das vezes, feitas por grupos de rap. Isso é algo que muda eventualmente, como por exemplo, nos momentos da comemoração de seu aniversário.

Porém, tal fato não significa que o coletivo se limite a dialogar apenas com o rap, dentro da região em que atua; muito pelo contrário. Para além do seu

contato com os movimentos sociais, o Perifatividade é próximo das escolas de samba da região - como o GRES Quilombo¹⁵⁰ - e dos times de futebol de várzea da região, como o EC Favela¹⁵¹. Em seu último aniversário, em agosto de 2017, o Coletivo organizou com estes grupos, dois debates, que integraram a sua primeira mostra cultural: “O Canto da Resistência! O Samba é vida história e referência!” e “Futebol de várzea: Luta e Resistência!”¹⁵²

Cabe ressaltar ainda, o fato de que o Coletivo Poesia na Brasa como já dito anteriormente, foi o quem inspirou os integrantes do Coletivo Perifatividade a se organizarem em sua região. A troca entre esses grupos, num determinado momento foi intensa, tendo diminuído ao longo dos anos em função das diversas atividades que ambos mantêm. Porém a presença de seus integrantes circulando uns nas atividades dos outros, ainda é uma constante.

Capítulo 4 - Gênero, Raça e Classe no contexto da produção cultural das periferias: Um olhar.

O fato de ambos os coletivos serem constituídos majoritariamente por moradores de periferias, já denota um nítido teor de classe. Além da origem periférica, a maioria de seus integrantes se autodeclaram negros (Paulo Rams, Vinão Alôbrasil, Ana Fonseca, Vagner Souza e Sidnei das Neves). Porém - apesar do Coletivo Poesia na Brasa já ter contado com mais de oito integrantes, sendo metade deles mulheres - a presença das mulheres na organização dos coletivos ainda é pequena. No Coletivo Poesia na Brasa, atualmente são duas mulheres autodeclaradas brancas: Samanta Biotti e Sonia Bischain. Já o Coletivo Perifatividade, que também já contou com quase dez integrantes, somente duas

¹⁵⁰ Fundada em 2007 pelo sambista Thiago Praxedes, também conhecido como Mestre Thiago, a G.R.E.S. Quilombo surge com o intuito de preservar os antigos valores do Carnaval de rua e promover a cultura do samba na comunidade. Maiores informações em: <https://www.portalafricas.com.br/v1/roda-de-samba-da-g-r-e-s-quilombo-acontece-todo-primeiro-sabado-do-mes/>.

¹⁵¹ O Esporte Clube Favela é um time de futebol de várzea do Parque Bristol. Maiores informações em: <http://futebolrapesamba.blogspot.com.br/>.

¹⁵² Maiores informações em: <https://perifatividade.com/2017/09/28/1a-mostra-cultural-perifatividade-07-dias-debatendo-a-quebrada/>.

eram mulheres: Janaína Moitinho¹⁵³ (auto declarada branca) e Ana Fonseca (auto declarada afro indígena). Ana foi a primeira mulher a entrar no coletivo e a única que permanece até os dias de hoje.

Mesmo com a baixa representatividade de integrantes femininas e negras em ambos os coletivos, a temática de gênero e da mulher negra se fazem presentes nas antologias poéticas publicadas por ambos os coletivos, onde não só a participação de mulheres negras se torna maior, como também aparecem poetisas lésbicas e poetas gays e transexuais. Mas estas últimas, em um número menor. Paralelamente a isso, nos saraus promovidos por ambos coletivos, a presença não só de autoras, mas de autoras negras é constante. Tal qual a temática do empoderamento feminino e negro. É comum ainda, ouvir relatos dessas mulheres sobre como os saraus e a literatura marginal periférica e negra foram importantes para o auto reconhecimento destas como mulheres negras.

Apesar da Literatura Periférica/Marginal ter como uma de suas referências a escritora Carolina de Jesus e, de contar com a participação feminina e negra desde seus primórdios, tal qual a sociedade onde está inserida, ainda se demonstra um ambiente masculinizado. Na supracitada publicação em revista do projeto *Caros Amigos - Literatura Marginal: A Cultura da Periferia*, a presença feminina aparece na segunda edição da revista, em 2002. Nessa edição, participam quatro mulheres (duas negras, uma branca e uma indígena) e vinte e seis homens. Na terceira edição, de trinta escritores, três são mulheres (duas negras e uma branca). Porém esse quadro veio se alterando nos últimos dez anos. Principalmente com a profusão dos saraus e mais recentemente, dos Slams¹⁵⁴.

¹⁵³ Janaína Moitinho é “Educadora e aprendiz, poeta, dos saraus, dos slams, paulista de alma mineira; acredita que poesia se faz e vive além das linhas e agradece os encontros, de páginas e caminhos. Publicações: zine “fôlego” (2016) e o livreto “pedaços” (2017)”. Maiores informações em: <http://clubedaescrita.com.br/tag/janaina-moitinho/>.

¹⁵⁴ “Os slams são campeonatos de poesia. Normalmente, os participantes têm até três minutos para apresentarem sua performance - uma poesia de autoria própria, sem adereços ou acompanhamento musical. O texto pode ser escrito previamente, mas também pode haver improvisação. Não há regras sobre o formato da poesia. (...) O slam foi criado nos anos 1980 em Chicago, nos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que a cultura hip hop tomava forma, mas só chegou ao Brasil mais tarde, nos anos 2000”. Maiores informações em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia>.

Ainda, no que diz respeito à participação feminina no Coletivo Perifatividade, vale citar a proximidade do Coletivo com a escritora Dinha¹⁵⁵. Dinha foi integrante da citada Posse Poder e Revolução - que deu origem ao Coletivo Perifatividade - e hoje é uma das fundadoras da Coletiva Editorial Feminista *Me Parió la Revolução*¹⁵⁶. O Perifatividade também busca organizar dentre suas atividades e projetos, discussões sobre o feminismo, além do combate ao machismo, a homo, lesbo e a transfobia, e demais preconceitos, dentro da perspectiva dos direitos humanos. Esse é o caso do projeto *Perifatividade nas Escolas*¹⁵⁷, que em sua última edição organizou, dentre outros debates, uma discussão sobre a identidade de gênero. Para essa atividade, o coletivo contou com a participação de Rodrigo Bastos e Gerô Barbosa (Movimento LGBTQTT de Heliópolis) e a Rapper lésbica e ativista, Luana Hansen¹⁵⁸. Também é recorrente no coletivo, a organização de eventos como o *Eu, Mulher Negra, Resisto!* e *O protagonismo da mulher no samba Roda de Samba* que foram atividades que integraram as duas primeiras edições da *Mostra Cultural Perifatividade*¹⁵⁹¹⁶⁰, em 2017 e 2018, respectivamente.

¹⁵⁵ Dinha é cearense e veio para São Paulo ainda bebê. Atualmente é doutoranda na área de Estudos Comparados pela USP. É poeta, autora dos livros “De passagem, mas não a passeio” (2006/2008), “Onde escondemos o Ouro” (2013/2017) e “Zero a Zero – Quinze poemas contra o Genocídio da População Negra”. Maiores informações em: <https://www.greenme.com.br/viver/arte-e-cultura/5594-literatura-independente-feminista-dinha>.

¹⁵⁶ Me Parió Revolução é o selo editorial da Rede Poder e Revolução. Idealizado e executado por mulheres, o selo se propõe a editar livros “semi artesanais, bonitos de encher os olhos e a alma, mas sem esvaziar os bolsos”. A intenção é promover a leitura facilitando o acesso aos livros, e incentivando autores e autoras estreantes ou não a publicarem seus textos de forma independente. Maiores informações em: <https://nucleopodererevolucao.wordpress.com/edicoes-me-pario-revolucao/>.

¹⁵⁷ O “Perifatividade nas Escolas”, é um projeto contemplado pelo Programa de Ação Cultural (PROAC) Saraus Culturais, da Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, onde além de Saraus, são realizadas oficinas de estímulo à criação literária dentro das escolas da região onde o coletivo atua. Maiores informações em: <https://perifatividade.com/quem-somos/>.

¹⁵⁸ Luana Hansen é uma feminista negra, rapper, DJ e produtora, destacando-se no meio musical e no campo dos direitos humanos. Maiores informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luana_Hansen.

¹⁵⁹ Em função da comemoração de seu sétimo aniversário, o Coletivo Perifatividade realizou uma mostra cultural, numa programação de sete dias. Maiores informações em: <https://perifatividade.com/2017/09/28/1a-mostra-cultural-perifatividade-07-dias-debatendo-a-quebrada/>.

¹⁶⁰ Em função da comemoração de seu oitavo aniversário, o Coletivo Perifatividade, realizou a segunda edição de sua mostra cultural, numa programação de sete dias. MAiores informações em: <https://perifatividade.com/2018/09/17/muito-samba-e-roda-de-conversa-na-2o-mostra-cultural-perifatividade/>.



25 - Gerô Barbosa, Rodrigo Bastos e Luana Hansen, participando da atividade sobre identidade de gênero durante o Perifatividade nas Escolas. Foto: João Claudio.

O Coletivo Poesia na Brasa também busca trazer para suas atividades, além da discussão de classe e raça, a discussão sobre gênero e sexualidade. Em entrevista cedida a mim, ao tratarmos do conservadorismo nas periferias, Sônia e Vagner relatam um fato ocorrido no sarau, com o poeta um poeta que frequenta o sarau:

Vagner: (...) acho que tem mais uns discursos, às vezes, mais confuso, mas que eu acho que faz parte também da ideia. Eu lembro uma vez que... Tem o Martinho, né? Não sei o que foi que o Martinho falou... O Martinho da Bahia.
Sônia: Ah... Eu acho que foi o tipo de música que ele fez. Acho que tinha a ver com machismo.
Vagner: Ele cantou e ele falou alguma coisa da companheira dele, que era complicado... E era memo! O conteúdo da bagueira era complicado memo! Só que as palmas no sarau são termômetro, né mano? As palmas ou as vaias, são termômetro. E a hora que o Martinho falou um negócio lá, que era complicado... E é isso. Causou um problema. E no dia, pra fudê a biela, tinha um grupo de meninas feministas que foram lá cantar. Aí fudeu. Só que foi a única vez que as meninas foram lá. É um grupo, lá da zona leste. Foi a única vez que elas foram lá no sarau da brasa. E elas viram o Martinho cantando. E naquele dia, calhou que tinha mais homens do que mulheres, recitando. Mas caralho, você passa a

lista e fala com todo mundo! Mas a menina fez um texto desse tamanho, enorme, arregaçando o sarau, assim. Falando um monte de bosta. E jogou merda no ventilador. Pôs no facebook e não sei o quê. Só que aí, deu pau, né? Porque por exemplo, elas eram conhecidas do Regicida, e aí o Regicida também já entrou nesse debate. Tanto que quando a gente foi saber dessa conversa, o debate já tinha sido feito! Hahahahahaha! Só que é louco, porque durante o processo, ele (o Martinho) foi repensando essas práticas também.

Sônia: Ele percebeu no dia, também.

Vagner: Na hora, ele já percebeu!

Sônia: Não sei se na hora, porque é coisa de homem dos anos 60 lá, que tinha alguns pensamentos, mas acho que, com isso ele foi aprendendo. E eu acho que ele melhorou pra caramba!

Vagner: Sim! Mas foi importante ele poder falar. Ele falou o bagulho dele, que pra ele é bacana. Mas ele viu que pegou mal...

Sônia: Acho que no mesmo dia, ele pegou no microfone e falou, pediu desculpas.

Em contraponto, Sônia retrata uma situação que ocorreu com ela:

(...) eu fui com o Edu uma vez, acho que foi no sarau do Fundão. A gente ia fazer uma gravação com umas pessoas. Aí já chegou máquina, pra filmar e tal. Nem lembro qual era o motivo da gravação. Mas eu fui lá frente, sou mulher, hahahahaha, e falei “olha, a gente tá gravando um negócio. A gente vai fazer uma pergunta pra vocês responderem e a gente vai ficar ali no canto e vai gravar. Todo mundo tá convidado. Quem quiser, vai lá e fala o que acha sobre tal pergunta”. Eu não falei nem o que era. E fui depois. Eu e o Edu, lá. E aí, começou a chegar só homem. Até lembro que tava o brechó (Eduardo), o Pézão (Marco)... Tinha um monte de gente lá... Aquele Fernando... Falando, falando, falando... Aí chega a Keila, que nem me conhecia ainda – acho que foi a primeira vez que ela me viu, não sei. Ou a segunda – e começa “escuta aqui ó” pra mim né? Hahahahaha “por que que só vem homem aqui? Mulher num...” eu falei “gente, eu fui lá na frente e convidei todo mundo! Você quer falar?” Hahahahaha “Agora que chegou uma mulher” eu falei. Mas depois de um ano, ela me encontrou e falou “Ai Sônia! Que vergonha! Justo com você! Eu não me conformo de eu ter feito isso, justo com você!” Hahahahahaha Mas é isso. Porque às vezes você tem uma ideia de um negócio, e nem sabe direito o que tá acontecendo, né?

O Coletivo na Brasa também desenvolve atividades em conjunto com já citado *Coletivo Esperança Garcia*. Segundo Samanta Biotti - uma das fundadoras do coletivo - em entrevista cedida a mim, ela aponta que

“(...) quando a gente começa com o movimento dos saraus, a gente assim, e fica preocupada com essa questão da evidência da mulher. De dar voz à mulher. Então, a gente sente que mesmo nos movimentos que têm a discussão, que tem a reflexão, e blábláblá, isso cai por terra. Isso não rola, né? E a gente fica “por

que não, né? O que será que está acontecendo?” Até quando tem um movimento, que é pra isso, de gênero, por exemplo, vamos discutir o que é gênero. Vamos supor: Você sempre faz esses tramos ai, de palestras, de encontros e tal. Daí você sempre coloca homens na mesa, homens mediando, e isso a vida eterna. Porque os homens que estão nos espaços de pensar, né? Naturalizou. Beleza, segue o fluxo. Aí quando vc se propõe a discutir gênero, você coloca tudo mulher! Coloca nas mesas mulheres, coloca como mediadoras mulheres... Só que não funciona da mesma forma. Isso aí já é pecar, entende? Porque tem que ter uma participação dos dois. Por que a gente precisa ver também a visão do outro pra avançar. Não dá pra gente fazer um movimento único. E aí a gente começa a pensar nisso e fala “Porra, vamos fazer um coletivo de mulheres aí?”.

Dentre os trabalhos desenvolvidos pelo grupo, estão trabalhos com a representatividade da mulher, violência doméstica e saúde da mulher negra, além de oficinas de hortas comunitárias e debates sobre sexismo direcionadas especialmente para homens atendidos pelo CAPS AD¹⁶¹ da região. Para além dessas atividades, o Coletivo Poesia na Brasa sempre traz ao seu sarau, não só autoras negras lançando livros, como também grupos que discutem a questão de gênero nas periferias, como o *Fala Guerreira*¹⁶². A nível de análise, fica ainda o fato da enorme presença de crianças nos saraus. Tal fato diz respeito também, a participação das mulheres na produção cultural das periferias, onde muitas inclusives são mães e/ou mães solteiras. Em muitos casos, o período de gestação destas mães coincidem com a própria criação dos coletivos. Tal discussão não é o aspecto central dessa pesquisa, porém este é um fato que chamou a atenção no campo, ao reparar a presença de crianças nos saraus.

¹⁶¹ O CAPS AD (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas) é a única unidade de saúde especializada em atender os dependentes de álcool e drogas na capital, dentro das diretrizes determinadas pelo Ministério da Saúde, que tem por base o tratamento do paciente em liberdade, buscando sua reinserção social. Maiores informações em: <http://www.encontrabrasilandia.com.br/brasilandia/caps-ad-iii-brasilandia.shtml>.

¹⁶² Fala Guerreira “É um coletivo formado por mulheres residentes na periferia de SP, que busca dar voz e visibilidade às mulheres periféricas a partir das vivências e histórias que carregam. Entendemos que é no diálogo e na diversidade da trajetória de mulheres adolescentes, jovens, adultas e idosas (cisgêneros ou transgêneros) que construiremos uma representação real – não estereotipada – do que é ser mulher e estar no mundo a partir do lugar que ocupamos”. Maiores informações em: <http://blogfalaguerreira.blogspot.com/>.



26 - Silvana e Carolina, da Coletiva Fala Guerreira!, no Sarau da Brasa. Foto: Sônia Bischain.

Neste capítulo busquei trazer um pouco de como percebi as imbricações entre gênero, raça e classe na produção cultural das periferias, em especial no que diz respeito aos interlocutores dessa pesquisa. Não são poucos os relatos de mulheres, principalmente negras, que se descobriram como tais através da literatura, desde o surgimento dos saraus nas periferias até agora. Atualmente, algo similar acontece a partir de iniciativas como o *Sarau das Pretas*¹⁶³, o *TranSarau*¹⁶⁴ e os mais diversos Sarau das Minas, que pipocam por diversas quebradas do Brasil. Trouxe também as diferentes interpretações sobre essa discussão nas periferias como ficou visível nas falas de Samanta Biotti e Sonia

¹⁶³ Formado por Débora Garcia, Elizandra Souza, Jô Freitas, Taissol Ziggy e Thata Alves, o Sarau das Pretas propõe reflexões sobre o feminino e ancestralidade. Diante do cenário de empoderamento feminino pela garantia dos direitos das mulheres, jovens escritoras negras atuantes nas periferias da cidade de São Paulo, têm revelado através da literatura, de seus tambores e de seus corpos, as realidades de viver o feminino e o feminismo. Maiores informações em: https://www.facebook.com/pg/saraudaspretasSP/about/?ref=page_internal.

¹⁶⁴ O TRANSarau, espaço de representatividade da população LGBTQI+, negra e periférica, se propõe a ocupar a cidade com manifestações poético-políticas, bateção de cabelo, improvisação e microfone aberto. O evento é organizado por estudantes, professores e coordenadorxs do Cursinho Popular Transformação, projeto de educação para travestis, homens trans, mulheres transexuais e pessoas não-binárias em São Paulo. Maiores informações em: <https://www.facebook.com/events/229841454086516/>.

Bischain. No entendimento deste trabalho, são visões que se aproximam da interseccionalidade proposta pelo feminismo negro, discutida tanto por Djamilia Ribeiro (RIBEIRO, 2018) como por Angela Davis (DAVIS, 2016), já que buscam articular a vida na periferia, com a questão racial e a de gênero.

Também evidente ainda, é a persistência da representação, das mulheres e outros corpos rebeldes como sendo o *outro* do corpo branco heteronormativo. Djamilia Ribeiro, ao tratar da questão do outro, em seu livro *O que é Lugar de Fala?* discute esse conceito, a partir das autoras Simone de Beauvoir, Gayatri Spivak e Grada Kilomba - concordando com a tese desta última de que a mulher negra é o *outro do outro*, por não ser homem e não ser branca. E portanto, possui um lugar e um papel específico no combate ao racismo e ao sexismo e demais desigualdades. Assim, quanto mais adjetivarmos as características que tais corpos trazem consigo, maior a complexidade da imbricação entre gênero, raça e classe. O que remete a necessidade de se pensar o lugar destas questões dentro do espectro social desigual em que vivemos, assim como sua superação.

Longe destes exemplos trazerem uma solução, penso que eles apontam caminhos. Caminhos que podem resultar na superação da questão da subalternidade tanto da mulher como das demais sexualidades presentes na sociedade e nas periferias. Caminhos que podem apontar para a construção de relações mais saudáveis, livres de ódio e da hegemonia racista, branca, masculina e masculinizante da sociedade. Fecho este capítulo, com as palavras de Vagner Souza, do Coletivo Poesia na Brasa, que diz:

"(...) No sarau da brasa, que pelo menos é do que a gente tá falando. Cabe esse... É um espaço de formação que não é doutrinário, né mano? Porque uma coisa eu acho que é você pegar e ficar falando pros muleque "ah, isso é isso" Aí eu acho que é idiota, tá ligado? Então, ele propõe um negócio mais... Com mais movimento e que no meio do movimento vai ter a contradição, vai ter o debate, vai ter... mano... vai ter os pega pra capar. É, mas eu acho que é desse jeito que a gente vai inserindo umas discussões, tá ligado? E acho que é nesse processo, por exemplo, que nós, enquanto coletivo, também aprendemos uma par de coisa, nesse processo, sabe? Acho que é um espaço pedagógico fudido, o negócio, sabe? Mas sem ser linear, sem ser homogêneo, sem ser doutrinário né mano?"



27 - Samanta, Raquel e Mariana , integrantes da Coletiva Esperança Garcia. Foto: Sônia Bischain.

Capítulo 5 - O Projeto da Literatura Marginal/Periférica, Cidadania e Democracia: Algumas considerações.

"Quando os missionários chegaram, os africanos tinham a terra e os missionários tinham a Bíblia. Eles nos ensinaram a rezar de olhos fechados. Quando nós os abrimos, eles tinham a terra e nós tínhamos a Bíblia." (Jomo Kenyatta, 1º Presidente do Quênia)



28 - Frequentador do Sarau da Brasa, se embriagando de literatura, em noite de sarau. Foto: Sônia Bischain

O projeto político dos Saraus organizados por esses coletivos num primeiro momento pode ser visto nas atuações dos poetas que se dão *por meio do envolvimento com outros movimentos culturais ou sociais, ou do desenvolvimento de projetos pessoais voltados para a produção, circulação e consumo cultural em bairros periféricos* (NASCIMENTO, 2009, p. 170). Outro sentido importante - ainda dentro do projeto político - dessa literatura foi que seus autores contribuíram para

multiplicar o discurso literário e o perfil social dos escritores brasileiros, ao reivindicar *o lugar de grupos socialmente marginalizados na literatura brasileira* (NASCIMENTO, 2009, p. 170). Ainda, outras possibilidades desse projeto político se referem à discussão sobre a redefinição da arte e sobre o papel da literatura na promoção dos direitos humanos, como aponta Dalcastagné (2012).

Embora não se assumam como tal, as relações e ligações desses coletivos culturais das periferias - em especial o Perifatividade e o Poesia na Brasa - com os movimentos sociais/populares são evidentes, como já foi dito anteriormente. Porém, um ponto que evidencia a possibilidade de interpretação dos coletivos literários das periferias como movimentos sociais, são os constantes debates realizados por estes coletivos, que perpassam a produção cultural de cada um deles. Debates que abordam temas tangentes à população periférica como a violência policial, o extermínio da população negra e periférica¹⁶⁵¹⁶⁶ o sucateamento da educação pública¹⁶⁷ e o baixo investimento em cultura nas periferias. Por mais que essas ações possam não ter um intuito formal de serem interpretadas como uma *formação política* ou que não levem em conta a noção de *revolução*, como alguns setores da esquerda ortodoxa costumam entender, em muitos casos, as ações desenvolvidas pelos coletivos periféricos acabam por ter esse caráter político de instruir a população local. E essa foi uma proposição dessa movimentação em seus primórdios como aponta Érica Peçanha ao afirmar que o

“projeto pedagógico” faz alusão ao uso da literatura como um ato político que visa dialogar com as populações das periferias urbanas brasileiras. Refere-se à construção de um discurso que pretende “ensinar” ou “ampliar” a capacidade crítica do público, por meio de textos com fundo moral e/ ou ético. (NASCIMENTO, 2009, p. 80).

¹⁶⁵ Em SP, literatura e redução da maioria penal são temas da 2ª Feira Literária. Maiores informações em: <http://www.brasildefato.com.br/node/25604>.

¹⁶⁶ Sarau da Resistência contra o genocídio da população pobre, negra e periférica. Maiores informações em: <http://periferiaemmovimento.com.br/2015/06/sarau-da-resistencia-contr-o-genocidio-da-populacao-pobre-negra-e-periferica/>.

¹⁶⁷ Sarau “Somos todos Professores”. Maiores informações em: <https://www.facebook.com/events/1613001388916011/>.

Isto posto, convém fazer agora uma curta retomada analítica da história, para apontar algumas conexões com o passado para compreender melhor o presente e quiçá, vislumbrar algumas possibilidades de futuro. Principalmente no que tange o caráter político e social desses coletivos. Embora esses coletivos literários periféricos busquem novas formas de ação e organização diferentes da esquerda convencional, muitos ainda possuem alguma ligação, mesmo indireta, com tais grupos. Muitos desses coletivos trazem em sua bagagem política, resquícios indiretos ou não, de ações ocorridas nos anos 70/80, com o trabalho de base realizados pelas CEB's (Comunidades Eclesiais de Base) e pelos movimentos populares por moradia, como se pode perceber no trabalho de campo realizado, tal qual nas supracitadas entrevistas realizadas com os interlocutores dessa pesquisa. Em ambos os coletivos se encontram indivíduos que, ou são filhos de militantes desses grupos¹⁶⁸, ou ainda, que tiveram contato quando adolescentes, com integrantes dos mesmos¹⁶⁹.

Dito isso, ainda dentro dessa retomada crítica da história, D'Andrea (2013) ao discorrer sobre a formação do *sujeito periférico* aponta para o fato de que na década de 90, num contexto de altas taxas de desemprego e violência, e onde o processo de globalização dava seus primeiros passos, o Partido dos Trabalhadores, que era o principal propulsor dos trabalhos de base nas periferias, abandona essa função para se dedicar prioritariamente às disputas eleitorais. Nesse contexto, segundo o autor, onde a periferia é abandonada, é que acontece um crescimento significativo das igrejas evangélicas (resgatando e atualizando o discurso da ética protestante, levando-o a outros níveis), do crime organizado (com o massacre do Carandiru, em 1992, que resultou, dentre outras coisas, na criação do PCC) e da produção cultural da periferia (em especial do rap e dos coletivos literários), que passam a preencher o espaço deixado pelo antigo

¹⁶⁸ Como é o caso de Diego Soares do Coletivo Perifatividade, que em entrevista cedida para esta pesquisa, afirma que nasceu dentro de uma ocupação por moradia no Parque Bristol, já que seus pais eram militantes do mesmo movimento.

¹⁶⁹ Tal é o caso dos integrantes do Poesia na Brasa, que foram estimulados a leitura por Sonia Bischain, antiga moradora da região da Brasilândia, que fez parte da CEB local, quando jovem e que, mais tarde, se tornou integrante também do coletivo, como foi afirmado em entrevista para esta pesquisa.

trabalho de base. A hipótese defendida por D'Andrea coaduna com trabalhos de Houston (2013) e Feltran (2007, 2011, 2014).



29 - O Vereador Antônio Donato e Ruivo Lopes, no Círculo de Cultura Perifatividade. Foto: Elaine Campos

Assim, se pode depreender que, para além de seu caráter artístico e justamente por sua origem social – como bem apontou Nascimento (2009, 2011, 2015) – a produção cultural destes coletivos afeta não só a sociabilidade das periferias, mas também a cidadania e a democracia de maneira mais ampla, ao organizar suas demandas não apenas em torno de direitos básicos, mas também de direitos em torno das subjetividades que envolvem o que é ser periférico. E é dessa forma que esses coletivos podem ser entendidos também dentro daquilo que Holston (2013) chama de *cidadania insurgente*¹⁷⁰. À grosso modo, para

¹⁷⁰ Para Holston a partir da afiliação social de grupos marginalizados que mantém a desigualdades, se criam movimentações populares autônomas, em busca de uma cidadania efetiva, fazendo frente a cidadania diferenciada. Esta última para o autor, diz respeito a herança social que remonta o período escravagista e que reduz “a vida da grande maioria de seus cidadãos a uma desigualdade e uma miséria persistentes” (HOLSTON, 2013, págs. 400/401). Para o autor, a cidadania diferenciada foi sedimentada pelas elites durante a constituição do Estado Nacional, baseada na “profunda politização da vida cotidiana, que reduz as condições de vida ao mínimo,

Holston, no período pós redemocratização - em especial, nos anos do Governo do PT (2002-2013) – a população pobre começa, através de programas governamentais, a acessar e reivindicar de maneira mais incisiva seus direitos como cidadãos, nos espaços de disputa democrática. Especialmente em São Paulo, que é onde o autor concentra sua atenção. E tal atuação infere diretamente no fazer político da cidade, no que tange tanto aos direitos sociais, políticos e até espaciais da cidade, assim como nas relações de trabalho e afins.

E é assim, de acordo com Holston (2013), que a cidadania insurgente entra em conflito com o estabelecido, com a *cidadania diferenciada*. Para o autor, a cidadania diferenciada é uma herança direta não só do passado colonial escravagista e da formação de um Estado paternalista - caracterizado pela apropriação das instituições e espaços públicos, da cidadania e da democracia pela elite oligárquica como também afirmaram Fernandes (2008) e Holanda (2016) - mas também da perpetuação dessa lógica no decorrer dos anos, na história da sociedade brasileira. A cidadania diferenciada ainda, pode ser entendida de modo mais objetivo, nas relações entre as diferentes classes sociais, raciais e de gênero - seja no trabalho, seja nos espaços públicos - onde a condescendência e a permissividade de quem é privilegiado se coloca como norma fundante das interações destes com aqueles a quem este tipo de comportamento subordina.

Ainda segundo Holston, o embate entre a cidadania insurgente e a manutenção de privilégios daqueles que estão confortáveis com a cidadania diferenciada, é um elemento de desestabilização da democracia. Tal fato, juntamente com o aparelhamento do judiciário por interesses particulares e a inoperância deste para a população marginalizada, cria um terreno de instabilidades que, pode tanto propiciar um alargamento do exercício da cidadania e da democracia para as classe mais subalternizadas, quanto um recrudescimento no que tange aos direitos conquistados. É o que vem acontecendo desde o início do governo Michel Temer¹⁷¹ e tem se aprofundado já nos primeiros dias do

mas sempre permitindo certas vitalidades.” (HOLSTON, 2013, págs. 400/401). Para maiores detalhes, ver obra citada.

¹⁷¹ 12 retrocessos em 12 meses de Temer. Maiores informações em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/12-retrocessos-em-12-meses-de-temer>.

governo de Jair Bolsonaro¹⁷². Além disso, autor aponta para a burocracia resultante do aparelhamento do judiciário, que dificulta o acesso da população à justiça, a deixando refém de especialistas e das decisões nas altas cúpulas do poder, seja ele federal, estadual ou municipal. Tal tese também é abordada por Dagnino (2002), ao discorrer sobre a dificuldade da sociedade civil ante à linguagem técnica das leis e dos órgãos públicos.



30 - Sarau da Brasa abrindo os trabalhos da noite com os tambores, no Goiabeira's Bar. Foto: Sonia Bischain.

Como uma possibilidade, a cidadania insurgente vem, uma vez mais, apontar um caminho para essa questão. Em particular na relação entre os coletivos culturais das periferias com os editais públicos para o financiamento de suas atividades. Nos trabalhos de Nascimento (2009, 2011); Medeiros (2013) e Aderaldo (2013, 2014) se encontram discussões que apontam para a apropriação por parte desses grupos, dos editais, assim como também das legislações,

¹⁷² Todas as medidas tomadas pelo governo Bolsonaro até agora. Maiores informações em: <https://veja.abril.com.br/politica/todas-as-medidas-tomadas-pelo-governo-bolsonaro-ate-agora/>.

burocracias e demais trâmites que os envolvem. Tal necessidade introduziu essa parcela da população marginalizada, ainda que despretensiosamente, em discussões sobre o plano gestor da cidade, a utilização de verbas públicas, o direito à cidade e afins.

Isso fez com que, timidamente, esses grupos se apropriassem da linguagem técnica da burocracia - que dificulta o acesso à cidadania - e percebessem suas brechas e falhas, o que possibilitou algumas ações estratégicas. E essa apropriação também reverberou na luta por direitos mais amplos, engrossando o caldo da dissidência contra o monopólio dos direitos, como se pode perceber nos embates¹⁷³ entre o *Movimento Cultural das Periferias* e a gestão da Prefeitura de São Paulo em 2017, na figura do empresário e então prefeito de São Paulo, João Doria¹⁷⁴ e seu secretário de cultura, André Sturm. Este último, chegou até mesmo a ameaçar¹⁷⁵ um ativista cultural das periferias.

Apesar de todo o caráter político, pedagógico e social dessa mobilização cultural das periferias, da qual os coletivos interlocutores dessa pesquisa participam, é importante citar que tal movimentação não é heterogênea, assim como não são as periferias onde estas acontecem, apesar de possuírem características e problemas em comum. Dito isto, é importante salientar que alguns desses grupos, mantém também relações com entidades do setor privado, como ONG's e outras instituições como a rede Sesc e a Fundação Itaú Cultural. Esta última, ligada à Instituição Financeira Itaú S/A. Ambas instituições possuem um caráter de organização familiar, sendo fundadas por Olavo Setúbal, e que atualmente possuem seus filhos e sobrinha como empresários responsáveis pelas mesmas. Olavo, dentre outras coisas, foi economista, empresário, banqueiro e

¹⁷³ Movimento Cultural das Periferias ocupa presidência da Câmara dos Vereadores de SP. Maiores informações em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/12/21/movimento-cultural-das-periferias-ocupa-presidencia-da-camara-dos-vereadores-de-sp/>.

¹⁷⁴ João Doria Júnior (1957) é empresário brasileiro. Presidente do Grupo Doria. É membro do Conselho Deliberativo do Fundo Social de Solidariedade do Estado de São Paulo. É jornalista e Publicitário. Foi eleito uma das personagens mais influentes do Brasil e do mundo, pela revista Isto É. Em 2018, foi eleito governador do Estado de São Paulo para os próximos 4 anos. Maiores informações em: https://www.ebiografia.com/joao_doria_junior/.

¹⁷⁵ 'Vou quebrar a sua cara', diz secretário da Cultura de Dória a ativista. Maiores informações em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,vou-quebrar-a-sua-cara-diz-secretario-da-cultura-de-doria-a-ativista,70001818838>.

prefeito de São Paulo (por indicação) pelo ARENA, dentre os anos 1975-1979 durante a ditadura militar¹⁷⁶. O Itaú S/A foi o um dos bancos que mais lucrou com a crise¹⁷⁷ em 2018 e que causou polêmica com uma carta¹⁷⁸ aos investidores, onde tal instituição via com bons olhos a vitória do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro¹⁷⁹.

Paulo Arantes (2004) discorre sobre o papel das ONG's e outras instituições privadas de financiamento e *estímulo à cidadania e a promoção social*, que começam a crescer no seio da sociedade. Ao analisar os meandros de tais instituições, Arantes aponta alguns elementos sobre o caráter das mesmas, fazendo uma análise conjuntural do momento de seu surgimento, até sua consolidação. Arantes afirma que tais instituições aplicam conceitos empresariais para gerenciar a miséria e a exclusão social (assim como aqueles que se encontram nessa situação) no intuito de transformar tudo isso em cidadania, através da participação social e da inclusão, mas sem tratar em suas pautas a concentração de renda e de terras, e muito menos questões como racismo estrutural, que são pilares das desigualdades da sociedade brasileira. Aqui temos, de certa forma, outro tipo de resultado da apropriação dos coletivos culturais das periferias à linguagem burocrática dos editais, legislações e elaboração de projetos e afins.

Dito de outra forma, para tais instituições, a desigualdade social é um problema mal administrado pelo governo, e como tal, nada como experts, gestores do setor privado (estes, voltados para o *social*) para resolver o problema de maneira eficaz. Não há exemplos melhores do que o atual governador de São

¹⁷⁶ O gigante chamado Olavo Setúbal: O Brasil perde um de seus maiores capitalistas, o dono do Grupo Itaú, empreendedor com expressão política. Maiores informações em: https://istoe.com.br/9050_O+GIGANTE+CHAMADO+OLAVO+SETUBAL/.

¹⁷⁷ Famílias donas do Itaú receberam R\$ 9 bilhões em dividendos na crise. Maiores informações em: <https://exame.abril.com.br/negocios/familias-donas-do-itaú-receberam-r-9-bilhoes-em-dividendos-na-crise/>

¹⁷⁸ Relatório do Itaú sobre Bolsonaro e investimentos causa críticas nas redes. Maiores informações em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2018/10/30/bolsonaro-itaú-investimentos-bolsa.htm>.

¹⁷⁹ Jair Bolsonaro (1955) é capitão da reserva do Exército e presidente eleito do Brasil. Filiado ao Partido Social Liberal (PSL), foi eleito o 38º presidente do Brasil, para o mandato de 2019 a 2022, com 55,13% dos votos. Maiores informações em: https://www.ebiografia.com/jair_bolsonaro/.

Paulo, João Doria ou o candidato Paulo Skaf¹⁸⁰. Este último que, apesar de não ter sido eleito, tornou-se um dos nomes mais proeminentes na política paulistana dos últimos tempos, tendo se promovido principalmente em 2015, com os “patos da FIESP”¹⁸¹.



31 - Perifatividade nas Favelas, acontecendo em noite de fluxo no Parque Bristol. Foto: Silvio Rogério

Assim, segundo se depreende do texto de Arantes, o dever do Estado de criar políticas públicas no combate à desigualdade e na promoção dos direitos humanos é terceirizado por estas instituições, se tornando o foco de atividades de

¹⁸⁰ Paulo Antônio Skaf é empresário e presidente licenciado da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Começou a carreira empresarial trabalhando no setor têxtil e, em 1998, foi eleito presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit). Em 2004, assumiu a presidência da Fiesp, acumulando também o cargo de presidente do Sesi-SP, Senai-SP e Ciesp. Em junho de 2014, licenciou-se para ser candidato a governador de São Paulo. Foi derrotado ainda em primeiro turno. Em junho de 2018, voltou a se licenciar do cargo na Fiesp para concorrer ao governo de São Paulo, pelo MDB (antigo PMDB). Serviu às Forças Armadas, de onde saiu como 2º tenente oficial. É casado, pai de cinco filhos e avô de três netos. Maiores informações em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/sp/governador/paulo-skaf/>

¹⁸¹ Pato da Fiesp visava promover Paulo Skaf para eleição de 2018, diz delator. Maiores informações em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/11/20/pato-da-fiesp-visava-promover-skaf-para-2018-diz-delator.htm>.

conglomerados econômicos, que em nome da *responsabilidade social* se auto proclamam defensores da cidadania, financiando e fomentando projetos e grupos que atuem nas mais diversas situações de marginalidade, com o intuito de promover a *igualdade, os direitos civis e a cidadania*. Tudo isso mediante a isenções fiscais, à um *retorno econômico* (popularmente conhecido por lucro) garantido, e à manutenção da ordem vigente, mediante a contenção de possíveis revoltas populares e outras *externalidades*, dito em bom economês.

O autor ainda assinala que isso gera uma confusão entre o público e o privado, onde empresas cuja concepção de existência são o lucro e a rentabilidade de seus negócios sejam creditadas como instituições filantrópicas. O que pode minar toda possibilidade de uma organização social e popular de luta contra as desigualdades perpetradas pela ordem social capitalista, e por um estado paternalista, colonial, patriarcal e racista, que tem como seus baluartes essas mesmas instituições que promovem o *social*. Segundo Arantes,

Não faltam ressalvas. Não há como conceder aos teóricos do Terceiro Setor que, de fato, numa economia de mercado não há valor de uso coletivo que, ao se tornar objeto de uma demanda efetiva, não gere um correspondente investimento lucrativo. Também se pode admitir que, se não estivesse pressuposta a inquestionável normalidade do lucro privado, uma organização social denominada “sem fins lucrativos” não faria o menor sentido. Acontece que faz – e muito – desde que, é claro, o retorno de um investimento dito cidadão não seja negativo. Preenchida essa cláusula do mais corriqueiro cálculo econômico – prossegue o argumento – o que conta mesmo num tal retorno cidadão é a sua “eficácia simbólica”, devidamente realçada por um aparato retórico condizente com o atual estágio da reprodução social. (ARANTES, 2004, págs. 168/169).

Aqui chegamos a um ponto mister para refletir sobre algumas questões acerca dos coletivos literários e demais produtores culturais das periferias. Nascimento (2011) afirma que alguns grupos como a Cooperifa (Cooperação Cultural da Periferia), por exemplo, consegue boa parte de seu financiamento através do investimento de instituições *parceiras*, oriundas do terceiro setor e do setor privado, como a supracitada Oxfam Internacional e o Centro Cultural da Espanha. Este último faz parte de uma rede de 23 instituições similares distribuídas pela América Latina, Caribe e Guiné Equatorial, e responde à Agência

Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (Aecid). Esta, (...) desde 1988 atua na implementação da política espanhola de cooperação internacional para o desenvolvimento, com foco na luta contra a pobreza e exclusão social (NASCIMENTO, 2011, p. 168). Segundo Nascimento, O CCE/Aecid se localiza na região de Higienópolis, bairro nobre de São Paulo e sua área de atuação

(...) tem foco na promoção da cultura espanhola, na cooperação cultural e científica, e na cultura aliada ao desenvolvimento social e humano, o órgão presta serviços como: assessoria para a elaboração de projetos culturais, apoio institucional ou financeiro a ações e programas, empréstimo de equipamentos, midiateca, divulgação e assessoria para o acesso a editais e prêmios relacionados ao governo espanhol. Todos voltados para um público amplo e diversificado, que inclui órgãos e equipamentos públicos, universidades, organizações da sociedade civil e artistas e movimentos das periferias, sendo eles parte fundamental do uso estratégico da cultura para o desenvolvimento social. Especialmente com a Cooperifa, o CCE/Aecid desenvolveu relações de parceria desde a primeira mostra cultural, inclusive sugerindo a inserção de produções internacionais em algumas dessas ocasiões. (NASCIMENTO, 2011, págs 168/169).

Assim, no que tange os objetivos dessa monografia, de buscar entender a relação que os coletivos culturais das periferias mantém atualmente com aquilo que se pode entender por *sistema*, se torna nítido que não só essa relação existe, como tem se aprofundado, a ponto do *sistema*, hoje, ter se tornado uma parte importante dentro do fazer cultural das periferias. Não mais apenas como objeto de crítica, mas também como principal financiador dessas produções, seja esse financiamento público ou privado. Como se pode ver nas entrevistas cedidas para esta pesquisa, o tema do financiamento, seja ele de distintas origens, afeta de diferentes formas a produção cultural das periferias. Um dos temas recorrentes é o atrelamento dos coletivos a uma determinada gestão de governo e a dependência dos editais para produzir.

Neste aspecto, a fim de enriquecer a discussão, outro ponto de reflexão interessante é posto por Livia de Tommasi (2013). Ao discorrer sobre a produção cultural das periferias, ela aponta alguns de seus limites, e questiona, dentre outras coisas, acerca *do que fica, na periferia, da visibilidade adquirida por essas*

“culturas de periferia?” e se *Os moradores da periferia, de forma geral, se apropriam do valor adquirido por essas manifestações?* (DE TOMMASI, 2013, P.19). A autora ainda debate acerca da relação entre a produção cultural da periferia e a mercantilização da cultura e seu uso na a gestão das favelas e periferias, apontando para a apropriação por parte dos interesses econômicos da produção cultural das periferias, transformando a mesma não só em dividendos, mas também instrumentalizando-a e transformando-a em um dispositivo de controle.

Lívia ainda aponta ainda - apesar de discutir principalmente a situação das favelas e morros cariocas - para o caráter empreendedor que paira cada vez mais sobre a produção cultural das periferias. Segundo a autora, esse é um dos principais dispositivos de controle acionados durante a pacificação dos morros cariocas. Tal opinião também é partilhada por George Yúdice (2006), onde o autor aponta ainda para as ambigüidades perigosas existentes no agenciamento, no empoderamento e na performatividade. Características essas que transformam a produção cultural das periferias em uma espécie de *commodities culturais*, dentre outras coisas, podendo esvaziar o caráter coletivo, transformador e emancipatório da citada produção cultural.

Discussão essa que também é apontada por D’andrea (2013). Em sua tese de doutorado o autor afirma que *observa a explosão de coletivos artísticos na periferia de São Paulo como sendo um recurso para a gestão da pobreza*, pois, segundo o autor, “*esta explosão de coletivos ocorre a partir do neoliberalismo e de suas políticas de incentivo à população pobre, das quais o incentivo à produção cultural é uma delas* (D’ANDREA, 2013, P. 196). Porém, o autor também afirma que:

Cabe destacar, no entanto, que existem indivíduos e coletivos de produção artística na periferia de São Paulo que buscam sair dos aprisionamentos ditados pela gestão da pobreza que visa docilizar a população periférica apresentando-lhes possibilidades de ascensão social e alternativas a trabalhos precarizados e a um mundo violento. (D’ANDREA, 2013, p. 196).

Assim, se em alguns casos a relação com o sistema foi temporal ou pontual, em outros essa relação se apresenta como fundamental para a existência e continuidade não só de coletivos, mas da produção cultural das periferias. A já citada Cooperifa, que é um exemplo de maior visibilidade, assim como o Sarau do Binho, são exemplos de relações duradouras com o sistema, não só na sua face estatal, como em seu aspecto privado. Se num primeiro momento, tais grupos literários prezavam pela auto-organização e pautavam suas atividades mediante ao esforço pessoal e independente de cada um dos envolvidos, com o passar do tempo, a possibilidade de acesso às verbas públicas passaram a inferir sobre este aspecto. Muitos coletivos passaram a pautar suas atividades mediante ao acesso de tais verbas, o que a priori não configura exatamente num problema, mas ao ver dessa pesquisa, somado a outras questões, desemboca em algumas situações complexas, como apresentaremos em seguida.

Paralelamente a essas discussões que ressoaram dentro dos coletivos interlocutores dessa pesquisa, ao acompanhar as notícias nas redes sociais e demais sítios de notícias, também tomei contato com fatos um tanto quanto peculiares, por parte de outros coletivos/agentes culturais da cidade de São Paulo (inclusive aí alguns produtores culturais das periferias e produtores/ativistas LGBTs). Um dos fatos se trata do caso dos produtores culturais que saíram em defesa tanto do Prefeito João Dória, quanto do Secretário André Sturm¹⁸², durante ao já citado embate entre estes e produtores culturais das periferias. Outro caso - um dos que mais saltaram aos olhos - foi o caso da prisão do Grafiteiro/Artista Plástico Mauro Neri¹⁸³ em São Paulo, em função da repressão da gestão de João Dória às culturas de rua como o Pixo e o Grafite¹⁸⁴. Principalmente porque o desfecho dessa história, ou ao menos parte dele, envolve o apoio¹⁸⁵ de

¹⁸² Por que todos os vídeos em apoio ao Sturm são iguais?. Mais informações em: <https://agendapreta.com/videos-apoio-andre-sturm/>

¹⁸³ Grafiteiro é detido em SP após apagar tinta sobre sua obra. Maiores informações em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,grafiteiro-e-detido-em-sp-apos-apagar-tinta-sobre-sua-obra,70001644099>.

¹⁸⁴ Na repressão de Dória contra a arte de rua, alvo é a juventude periférica. Maiores informações em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/na-repressao-de-doria-contra-arte-de-rua-alvo-e-a-juventude-periferica>.

¹⁸⁵ Museu do grafite lançado nas ruas de SP atrai até artista contrário a Doria. Maiores informações em:

Grafiteiros/Artistas, que foram reprimidos pela prefeitura de São Paulo - como foi o caso do próprio Mauro Neri - aos Museus de Arte de Rua¹⁸⁶ dessa mesma gestão. Tais episódios, juntamente com a recente idéia de empreendedorismo cultural¹⁸⁷ que permeia o atual momento da produção cultural das periferias em São Paulo, tem instigado e tornado mais complexo o fazer desta pesquisa, trazendo à tona, questões de ordem mais fundamental, aparentemente superadas, mas que ainda se apresentam um tanto quanto nebulosas. Uma das questões que mais instigam essa pesquisa é a seguinte: o que querem os coletivos e produtores culturais das periferias, afinal?

Dessa forma, ao avaliar as proposições gerais dos coletivos literários das periferias - a partir dos interlocutores desta pesquisa - assim como suas complexidades, características atuais e possíveis contradições, esta pesquisa entende que os saraus e as demais atividades promovidas por estes coletivos em seus espaços de origem, apresentam reivindicações em torno de uma mudança substancial dos mesmos. Ademais, apresentando-se também como um local de formação política. Tais características chegam até mesmo a apontar, em certos aspectos, caminhos para a atual crise de representatividade existente nesses espaços, já que as pessoas ao seu redor se reconhecem, antes de tudo, pelo compartilhamento das vivências em comum.

Porém, tais propósitos não parecem mais ser um denominador comum entre os produtores culturais periféricos, que os mobilize rumo a um projeto coletivo, de emancipação, como se supôs um dia. O empreendedorismo cultural, tal qual desponta em algumas regiões de São Paulo - como o Grajaú - e que já é consolidado no Rio de Janeiro, apesar de terem sua distinção social e geográfica, apontam para um mesmo caminho, onde as desigualdades são entendidas como

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/06/1890088-museu-do-grafite-lancado-nas-ruas-de-sp-atrai-ate-artista-contrario-a-doria.shtml>.

¹⁸⁶ Doria lança projeto de museus do grafite em 8 áreas da capital. Maiores informações em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,doria-lanca-projeto-de-museus-do-grafite-em-8-areas-da-capital,70001695013>.

¹⁸⁷ Grajaú: um novo centro efervescente de artistas. Maiores informações em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/grajau-artistas-nova-geracao/>.

falta de oportunidade individuais e não como um projeto estrutural de manutenção de privilégios, poder e desigualdades.

Isto posto, o empreendedorismo cultural nas periferias parece misturar e confundir as trajetórias de seus agentes, marcadas por desigualdades de diversas ordens, com uma espécie de meritocracia, onde a superação das desigualdades estruturais da sociedade brasileira das quais esses sujeitos foram vítimas se dá, não mais mais de maneira coletiva e sim pelo esforço individual. Tal situação, reproduz ainda, uma eficácia simbólica muito próxima da ética protestante e o espírito do capitalismo de Weber, condizente ainda com as religiões neopentecostais, em ascensão no Brasil. De uma outra perspectiva, se trata ainda do roubo de subjetividades rebeldes pelo Status Quo, que remonta não só a nossa herança colonial, como o próprio colonialismo em sua face mais brutal, perpetrado por uma ordem econômica e subjetiva que aliena, seqüestra e embute no dominado o sonho de ser um dia, o dominador, sem atentar para as regras excludentes do jogo. É uma cilada perversa, semelhante ao que descreve o filósofo camaronês Achille Mbembe, ao tratar sobre o colonialismo:

O colonialismo esteve longe de ser um fio de Ariadne. Uma estátua colossal perante a qual, temerosas ou fascinadas, as multidões se vinham prostrar, o colonialismo paliava, na realidade, um imenso abismo. Como uma carapaça de metal cravejada de esplêndidas jóias, também roçava o Animal e a imundície. Braseiro em fogo lento dispersando por toda a parte os seus anéis de fumo procurava firmar-se simultaneamente como rito e acontecimento; como palavra, gesto e sabedoria, conto e mito, homicídio e acidente. É em parte, graças a sua fantástica capacidade de proliferação e metamorfose, que faz estremecer o presente daqueles que escravizou, infiltrando-se até nos seus sonhos, preenchendo os seus pesadelos mais medonhos, antes de lhes arrebataram lamentos atrozes. Por sua vez a colonização não passou de uma tecnologia ou de um simples dispositivo, não passou de ambigüidades. Foi também um complexo, uma trama de certezas, umas mais ilusórias que outras: a força do falso. Foi certamente um complexo nómada, assumindo também, em muitos aspectos, um caráter fixo e imóvel. Habituada a vencer sem ter razão, exigiu aos colonizados que mudassem sua razão de viver e, como se não bastasse, que mudassem também de razão - seres em mutação perpétua. E foi assim que a Coisa e sua representação suscitaram a resistência daqueles que viviam sob seu jugo, provocando simultaneamente, insubmissão, medo e sedução e semeando esparsamente algumas insurgências. (MBEMBE, 2014, Pág.18.)



PARTE INTEGRANTE DE VEJA ANO 51 - Nº 26
NÃO PODE SER VENDIDA SEPARADAMENTE



vejaSaoPaulo.com
27 de junho de 2018

Wellington Neri, Gelson Salvador,
Lauro Pirata (no fundo, da esq. para
a dir.), Jpa Epycentro, MMoneis (no centro,
em pé), Victor Rodrigues, Tigone
e Denise Alves (sentados, da esq. para
a dir.): representantes do movimento

EMPREENDEDORES DO GRAJAÚ

A 35 quilômetros ao sul da Avenida Paulista, uma geração de músicos,
cineastas e artistas escanteia dificuldades e se profissionaliza

32 - Capa da Revista Veja São Paulo, de Julho de 2018, sobre empreendedorismo cultural no Grajaú.

Ainda assim, esta pesquisa entende que as práticas desses grupos não estão totalmente sujeitas ao mercado cultural do terceiro setor e de setores privados e nem podem ser meramente interpretados a partir do discurso da cultura como mero bem de consumo. Porém, na construção desses coletivos ainda parece haver certa imprecisão em algumas propostas. Tal fato revela que apesar de flertar com um projeto popular de esquerda, o projeto estético, político e pedagógico da Literatura Marginal/Periférica e das demais produções culturais das periferias ainda estão passíveis de disputas. Tais disputas não se referem apenas à produção cultural das periferias, mas também se trata da disputa pela narrativa dos pobres¹⁸⁸. Narrativa esta que tem relação com a eleição de figuras como João Dória em São Paulo, Marcelo Crivella no Rio e Jair Bolsonaro para a Presidência da República, como também os demais votos e posturas conservadoras, existentes também, nas periferias¹⁸⁹.

Ainda no que tange a mobilização social e a ação política, esta pesquisa entende que as práticas desses coletivos periféricos parecem ir de encontro com alguns dos pressupostos da educação popular, dos movimentos sociais e de uma democracia mais participativa, mais direta, no sentido de que suas práticas se estruturam a partir da perspectiva dos próprios agentes dessa mobilização, conclamando a participação dos habitantes das periferias e daqueles que buscam uma transformação dessa realidade. No campo das possibilidades, se tal tarefa for assumida como uma plataforma de ação - com pressuposto comuns, capazes de nortear boa parte desses grupos, cujo o foco seja a solidariedade, a educação e formação, não só cultural, mas política e social das parcelas marginalizadas da sociedade - é possível vislumbrar mudanças significativas no quadro das desigualdades sociais e raciais.

¹⁸⁸ A periferia liberal e os riscos da disputa narrativa “dos pobres”. Maiores informações em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-periferia-liberal-e-os-riscos-da-disputa-narrativa-201cdos-pobres201d>

¹⁸⁹ Direita avança nas periferias a reboque do 'conservadorismo da favela' . Maiores informações em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/direita-avanca-nas-periferias-a-reboque-do-conservadorismo-da-favela.shtml>



33 - Encontro “Insurgências Periféricas: A cidade que queremos”, organizado pelo Movimento Cultural das Periferias, em março de 2017. Foto: Coletivo Di Campana.

Isso, se tais coletivos se entenderem como os atuais responsáveis pela continuidade daquilo que outrora se chamou de trabalho de base nas periferias e resgatarem a ideia de povo ou de emancipação popular. E ninguém melhor do que esses intelectuais orgânicos que habitam as periferias, para assumirem essa tarefa, desde que essa seja sua vontade. Se o máximo de democracia que conquistamos se apresenta como algo instável, como aponta Holston (2013), está tudo no campo do indefinido, do disputável. E é daí que uma organização articulada entre tais movimentos culturais pode lograr um projeto de sociedade mais próxima da justiça social e de uma democracia mais direta; de uma democracia radical.

Se esses objetivos serão perseguidos ou não por estes coletivos, ainda é algo que não se pode saber, e que carece, também, de uma maior investigação. Porém, como já citado anteriormente, uma questão fundamental deve ser entendida: O que querem os coletivos culturais das periferias? Esse é um dos motes que atualmente, orienta os novos esforços desta pesquisa e que resultaram, dentre outras coisas, em um projeto de mestrado que dará sequência ao trabalho produzido até então.

Bibliografia

- ADERALDO, Guilherme André. Reinventando a "cidade": disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de "coletivos culturais" em São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-17122013-124311. Acesso em: 2018-07-18.
- _____, Guilherme André. Entre Imagens e Imaginários: Estética e Política nas intervenções visuais/audiovisuais de coletivos culturais paulistanos. In: KOWARICK, Lúcio; FRÚGOLI JR., Heitor (Orgs.). Pluralidade Urbana em São Paulo: Vulnerabilidade, marginalidade, ativismos. São Paulo, Editora 34, 2015.
- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ANGILELI, Cecília Maria de M. M; SANDERVILLE, Euler. Cultura Periférica e Cidade. In Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, v. 15 (2013), Desenvolvimento, planejamento e governança – Recife. Disponível em : <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4498>>. Acesso em: 2018-07-04
- ARANTES, Paulo Eduardo. Esquerda e Direita no Espelho das Ongs. In Zero à esquerda. São Paulo, Conrad Editora do Brasil, 2004 (Coleção Baderna).
- BALBINO, Jéssica. Pelas margens: vozes femininas na literatura periférica. 2016. 1 recurso online (358 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/321220>>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- BOURDIEU, Pierre. A Conquista da Autonomia. A fase crítica da emergência do campo. In: As Regras da Arte. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BRANDÃO, C.R. Educação alternativa na sociedade autoritária. In Paiva (Org). Perspectivas e dilemas da educação popular. RJ, Graal, 1984.
- CANCLINI, Néstor-Garcia. Culturas Híbridas. São Paulo: EDUSP, 1997
- DAGNINO, Evelina (org.). Sociedade civil e espaços públicos no Brasil, São Paulo:

Paz e Terra, 2002.

DALCASTAGNÉ, Regina. Literatura Brasileira Contemporânea – Um Território Contestado. Vinhedo, Editora Novo Horizonte/Rio de Janeiro, Editora da Uerj, 2012.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/>>. Acesso em: 2017-04-15.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. 1a edição – São Paulo: Boitempo, 2016.

DE TOMMASI, Livia. Culturas de Periferia: entre o mercado, os dispositivos de gestão e o agir político. Política e Sociedade, Florianópolis, vol. 12, pp. 11-34, 2013.

_____. Tubarões e peixinhos: histórias de jovens protagonistas. Educação e Pesquisa (USP. Impresso) , v. 40, p. 533-548, 2014.

_____. Juventude, projetos sociais, empreendedorismo e criatividade: dispositivos, artefatos e agentes para o governo da população jovem. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica , v. 6, p. 287-311, 2014.

_____. Cultura da Performance e Performance da Cultura. CRÍTICA E SOCIEDADE: revista de cultura política , v. 5, p. 100-126, 2016.

_____. Jovens produtores culturais de favela. Linhas Críticas (UnB) , v. 22, p. 41-62, 2016.

EAGLETON, Terry. Versões de cultura. In: A Idéia de Cultura. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

ELIAS, Norbert. Da sociogênese dos conceitos de civilização e cultura. In: O processo civilizador. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

FELTRAN, Gabriel de Santis. Vinte anos depois: a construção democrática brasileira vista da periferia de São Paulo. Lua Nova, São Paulo, n. 72, p. 83-114, 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

64452007000300004&lng=en&nrm=iso>. access on 20 Apr. 2017.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64452007000300004>.

_____, Gabriel de Santis. Introdução. In: *Fronteiras de Tensão – Política e Violência nas Periferias de São Paulo*. São Paulo, CEM/Cebrap/Editora Unesp, 2011.

_____, Gabriel de Santis. Valor dos pobres: a aposta no dinheiro como mediação para o conflito social contemporâneo. *Cad. CRH*, Salvador, v. 27, n. 72, p. 495-512, dez. 2014. disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792014000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 fev. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300004>.

FERNANDES, Florestan. *Integração do negro na sociedade de classes*, vol. I – O legado da “raça branca”. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos Vol. V: Ética, Sexualidade, Política*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2012.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador : EDUFBA, 2008.

_____. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2015.

GILROY, Paul. Jóias trazidas da servidão: música negra e a política da autenticidade. In: *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora _____ 34, _____ 2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: *Educação & Realidade* . Porto Alegre, v. 22, no. 2, p. 15-46, jul./dez. _____ 1997.

_____. Notas sobre a desconstrução do popular. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil – Edição Crítica*. São Paulo: Cia. das _____ Letras, _____ 2016.

HOLSTON, James. *Cidadania insurgente. Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2013.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

MBEMBE, Achile. Sair da grande noite: ensaios sobre a África descolonizada. Luanda: Edições Mulemba/Edições Pedagogo, 2014.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. Vozes Marginais na Literatura. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

_____, Érica Peçanha do. É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana. 2011. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/>>. Acesso em: 2015-06-22.

_____, Érica Peçanha do. A periferia de São Paulo: revendo discursos, atualizando o debate. RUA, Campinas, SP, v. 16, n. 2, p. 112-127, jul. 2015. ISSN 2179-9911. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638822>>. Acesso em: 04 fev. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.20396/rua.v16i2.8638822>.

ORTIZ, Renato. Cultura e mercado. In: Cultura e Modernidade. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

_____. O mercado de bens simbólicos. In: A Moderna Tradição Brasileira: Cultura Brasileira e Indústria Cultural. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

_____. Mundialização e Cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003.

PULICI, Carolina. O gosto dominante como gosto tradicional: preferências e aversões estéticas das classes altas de São Paulo. Novos estudos Cebrap. No. 91. São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002011000300007&script=sci_arttext. Acesso em 08-01-2018.

REYES, Alejandro. Vozes dos Porões: literatura periférica/marginal no Brasil. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? - Coleção Feminismos Plurais. Grupo Editorial Letramento: Justificando, Belo Horizonte – MG, 2017 .

SANTOS, Wanderley Guilherme. Cidadania e justiça. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1979

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. Em que imprevisível dormita a História: Capão

Pecado, 2000. In: A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o Subalterno Falar? - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TAKEUTI, Norma Missae. Refazendo a margem pela arte e política. *Nômadias*, Bogotá, n. 32, abr. 2010. Disponível em <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-75502010000100002&lng=pt&nrm=iso)

75502010000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 fev. 2017.

TENNINA, Lucia, MEDEIROS, Mário, PEÇANHA, Érica e HAPKE, Ingrid. *Polifonias Marginais*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2016.

VAZ, Sérgio. *Cooperifa: Antropofagia Periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.~~

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.